

Disney · PIXAR

DIVERTIDA MENTE



Conduzida pelas emoções

Cinco histórias contadas pela mente

Elise Allen

UNIVERSO DOS LIVROS





Conduzida
pelas emoções

Driven by emotions

Copyright © 2015 by Disney Enterprises, Inc., and Pixar Animation Studios. All rights reserved.

© 2022 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Jacqueline Valpassos

Preparação: Juliana Gregolin

Revisão: Tássia Carvalho e Nathalia Ferrarezi

Arte: Renato Klisman

Ilustrações: Jerrod Maruyama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A427d Allen, Elise

Divertida mente : conduzida pelas emoções /
Elise Allen ; tradução de Jacqueline Valpassos ;
ilustrações de Jerrod Maruyama. — São Paulo :
Universo dos Livros, 2022.

192 p. : il., color.

e-ISBN 978-65-5609-166-2

Título original: *Driven by emotions*

1. Literatura infantojuvenil

I. Título II. Valpassos, Jacqueline III.

Maruyama, Jerrod

21-5686

CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 - 8º andar - Conj. 803

CEP 01141-030 - Barra Funda - São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Disney · PIXAR
**DIVERTIDA
MENTE**



Cinco histórias contadas pela mente

São Paulo
2022

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS



Aos meus pais,
obrigado por me
deixarem desenhar.

Jerrod

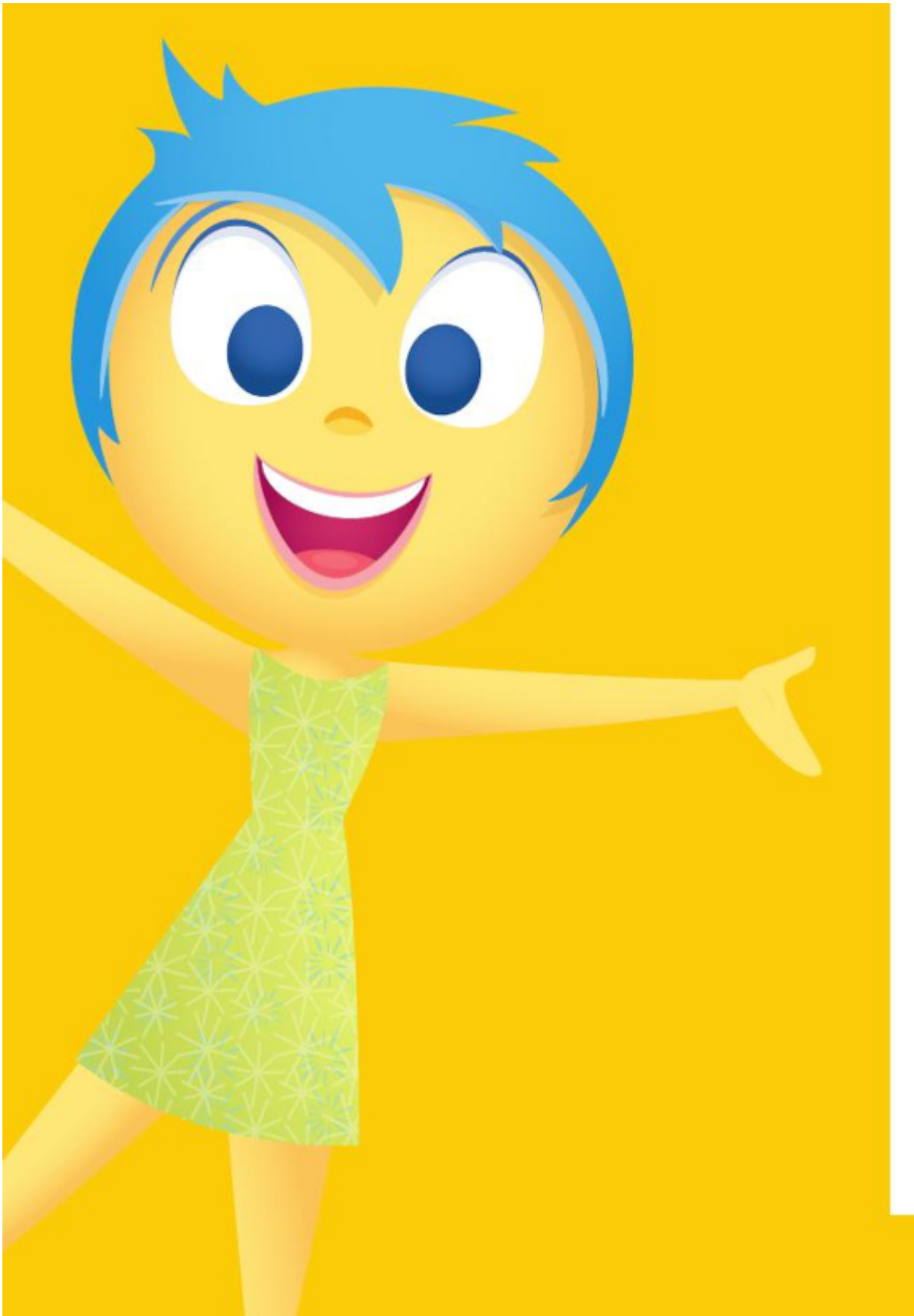
Para Maddie, todas as
suas emoções e suas gloriosas
ilhas da personalidade.

Com amor sempre,

Mamãe



Alegria





Você já olhou para uma pessoa e pensou: o que se passa na cabeça dela? Bem, sei o que está acontecendo na cabeça da Riley. Em especial porque moro dentro dela. Sou a Alegria, uma das emoções da Riley. Somos cinco: o Medo, a Nojinho, o Raiva, a Tristeza e eu. Estamos com ela desde o início: assim que ela nasceu. Todos nós passamos o tempo na Sede, na cabeça de Riley, onde nos revezamos no console de controle. O console é como o painel de uma nave espacial, com todos os tipos de mostradores, botões, engrenagens e alavancas. Nós, Emoções, usamos o console para ajudar a Riley a encontrar as melhores formas de aproveitar ao máximo cada glorioso dia.

Por acaso, eu disse “*nós*, Emoções”? Eu disse, não disse?

Ok, bem, a verdade é que sempre fui eu quem *realmente* estive no comando. O Medo, a Nojinho, o Raiva e a Tristeza são *superótimos* e *importantes*, mas o objetivo principal sempre foi manter a Riley feliz... o que significava que eu controlava o console na maior parte do tempo. Afinal, por que a Riley não estaria feliz? Seus pais superdivertidos a amavam loucamente; tinha amigas incríveis, como a Meg; e ela morava em Minnesota, que é apenas o lugar mais legal para patinar, jogar hóquei no gelo e se divertir a valer!

Durante muito tempo, tudo estava excelente. Mais do que excelente — estava perfeito.

Então, algo aconteceu.

Não estou dizendo que foi algo terrível. Claro que não! Mas era algo, e bem significativo.

Quando a Riley tinha onze anos, sua família mudou-se para São Francisco. Que é *muito longe* de Minnesota.

Sim, eu sei: acontecimento importante, muito surpreendente, e não é a melhor notícia do mundo a princípio, mas, caramba, não precisava ser um desastre. Ah, claro, as outras Emoções tiveram pequenos ataques de pânico quando todos nós descobrimos, mas eu sabia que, se a mamãe e o papai haviam tomando essa decisão, era por um bom motivo, e estaríamos todos tão felizes em nosso novo lar quanto estávamos no antigo.

A mudança começou quando pegamos a estrada para viajar, o que, como vocês sabem, é a forma mais divertida de se passar vários dias. Sim, a Riley ficou um pouco espremida sentada no banco de trás durante uma eternidade, mas, quer saber? Isso nos deu *muito* tempo para pensar como seria o nosso novo lar! Eu estava tão animada para conhecê-lo! Eu sabia que teria varandas e frontões, e talvez até um fosso pelo qual poderíamos navegar em uma lancha...

No fim das contas, a casa não era *exatamente* como nós imaginávamos. Era meio pequena... e meio escura... e tinha um ratinho fofo morto em um canto... mas tinha *potencia!* Assim que vi o quarto da Riley, soube que poderíamos enfeitá-lo com suas cortinas de borboletas, sua luminária de hóquei e aquelas estrelas que brilham no escuro que gostamos de colar nas paredes para fazer tudo parecer o espaço sideral. Seria incrível! Tudo o que tínhamos que fazer era pegar nossas coisas no caminhão de mudança e carregá-las para dentro.

Infelizmente, o caminhão da mudança se perdeu em seu trajeto para São Francisco, e Riley ficou sem suas coisas por alguns dias. Todo mundo ficou chateado: o Medo, o Raiva, a Nojinho e, claro, a Tristeza. Até a mamãe e o papai ficaram frustrados e estressados. Mas fiz um movimento genial! Peguei uma lâmpada e a conectei no console, pois é assim que a Riley tem ideias. E você sabe o que ela fez em seguida? Nossa garota pegou seu taco de hóquei e jogou

uma bolinha de papel amassado no chão vazio da sala de estar, bem perto da mamãe e do papai.

— E Andersen avança... — disse a Riley. — Ela vai passar! Riley conduziu o papel como um disco de hóquei e, assim que o papai o viu, ele quis jogar também!

— Ah, não vai, não — disse ele, pegando uma vassoura.

Logo, a Riley e o papai estavam patinando por toda a casa, tentando marcar um gol na lareira vazia.

— Vem, coroa! — a Riley chamou a mamãe.

— Rá! — a mamãe riu. — “Coroa”? — Então, ela prendeu o cabelo e apanhou um travesseiro para que pudesse jogar como goleira. Agora, toda a família estava deslizando de meias pelo chão, brincando e rindo tanto que nem se importavam com a falta de móveis.

Enquanto os três jogavam, uma esfera num tom de amarelo vivo rolou para o interior da Sede.

Era uma lembrança. Uma lembrança feliz.

Quando coisas acontecem com Riley, novas lembranças são produzidas, e cada lembrança carrega a cor de sua emoção mais forte. Não estou querendo me gabar nem nada assim, mas a maioria das lembranças da Riley vem em amarelo vivo. Essa é a minha cor. Significa que as lembranças dela são alegres, do jeito que deveriam ser.

Como a Riley faz um montão de coisas, as lembranças rolam para a Sede o dia todo. Elas preenchem as prateleiras na parte dos fundos e, no fim do dia, declaro: “É disso que falo — mais um dia perfeito! Bom trabalho, pessoal! Vamos tratar de baixar essas lembranças para as Memórias de Longo Prazo”. Em seguida, puxamos uma alavanca que envia as esferas para as Memórias de Longo Prazo, a fim de serem armazenadas lá embaixo. Quando queremos ajudar Riley a se lembrar de algo, simplesmente as trazemos de volta.

É assim que funciona para as lembranças básicas, mas também existem lembranças centrais. Essas se referem aos eventos importantes que alteram a vida da Riley. As lembranças centrais ficam armazenadas no suporte das memórias base — um lugar

muito especial na Sede. Cada memória base alimenta um aspecto diferente da personalidade da Riley — partes dela que são tão importantes que desenvolvem suas próprias *ilhas*. Podemos observá-las das janelas de vidro panorâmicas na Sede. Há a Ilha da Bobeira, a Ilha da Amizade, a Ilha da Família, a Ilha do Hóquei e a Ilha da Honestidade. Elas são todas espetaculares porque são as coisas que fazem da Riley... a Riley!

A lembrança que foi produzida enquanto a família jogava hóquei no chão era uma ótima lembrança, mas não a ponto de ser uma memória base.

O momento não durou. O papai logo recebeu um telefonema e teve que sair para o trabalho. Então, o que disse a Tristeza?

— Oh, acho que não nos ama mais. Isso é triste.

Um pouco dramático demais, certo? Então, a Tristeza quis comandar o console, o que é sempre uma péssima ideia. Seja qual for a Emoção no comando, é a que a Riley mais sente. Como eu disse, gosto de operar o console. Mas, às vezes, faz sentido que outro alguém assuma o manche por um tempo. O Medo mantém a Riley segura; a Nojinho impede que a Riley seja envenenada física e socialmente; e o Raiva garante que as coisas permaneçam justas.

Mas a Tristeza... Não sei bem ao certo o que a Tristeza faz. E verifiquei, mas não há qualquer outro lugar para onde ela possa ir, então... Tudo bem para ela ficar por aqui. Tudo bem para nós, também. Só é melhor mesmo ela não comandar.

Então, quando a Tristeza tentou operar o console depois que o papai saiu, posso meio que ter bloqueado um pouco o caminho dela. Mas é só porque eu estava me lembrando de uma pizzaria que vimos na vizinhança e queria que a Riley a sugerisse à mamãe para almoçarem. Foi uma ótima ideia, e muito melhor do que deixar a Tristeza no comando. Quero dizer, fala sério — quem não adora pizza?

Bem, acabamos descobrindo que *nós* não gostávamos de pizza. Pelo menos, não a pizza de São Francisco, porque vinha com brócolis, o que, sim, é um pouco esquisito. A Riley ficou desapontada, e logo as lembranças que entraram rolando eram de todas as cores, *exceto* amarelas, coisa que eu odiava ver.

— Qual foi a sua parte favorita do trajeto, Riley? — a mamãe perguntou, enquanto voltava da pizzeria para casa. Ela estava falando sobre a viagem cruzando o país que havíamos acabado de fazer.

Bem típico da mamãe. Animar a Riley com pensamentos felizes é com ela mesmo. Era um ótimo plano, e eu sabia com exatidão qual lembrança sacar das Memórias de Longo Prazo. Apertei alguns botões no console e uma lembrança surgiu e começou a ser reproduzida no projetor. Agora, a Riley iria se lembrar dela, e todas nós, Emoções, poderíamos assistir a ela no grande monitor da Sede.

Vou falar uma coisa para você: essa lembrança era *hilária*! A Riley e os pais fizeram uma parada durante a viagem para ver um dinossauro de cimento gigante na beira da estrada — só aí já é diversão pura, certo? Quando o papai se ajoelhou para tirar uma foto da Riley e da mamãe em frente ao dinossauro, o carro começou a andar. O papai tinha se esquecido de puxar o freio de mão! O carro deslizou para trás morro abaixo até colidir com outro dinossauro. Sua cauda atravessou bem no meio o para-brisa traseiro. Dá para acreditar?

Estávamos nos acabando de tanto rir pensando no ocorrido: a Nojinho, o Medo, o Raiva e eu. A própria Riley estava rindo.

Até que parou.

De repente — do nada —, a Riley ficou quieta e triste. Eu me virei e você sabe o que vi?

A Tristeza.

A Tristeza tinha colocado as mãos na lembrança, e ela estava ficando *azul*! Uma lembrança feliz, alegre, amarelo-ouro estava se tornando *azul*, da cor da Tristeza! Agarrei a lembrança e tentei remover o azul, mas não mudava de novo para amarelo. Seria azul para sempre. Sempre que a Riley pensasse naquele momento com o dinossauro, ela não se sentiria mais feliz. Ela ficaria triste.

Não dava para acreditar nisso. Nada parecido havia acontecido antes. Quando uma lembrança é feliz, ela deve permanecer feliz.

Não gostei disso nem um pouco, mas não tive tempo para pensar a respeito. A Riley estava triste e eu precisava deixá-la feliz de

imediatamente. Eu disse à Tristeza para manter suas mãos longe das lembranças e voltei minha atenção para a Riley. Ela estava caminhando em direção a uma escada muito íngreme com um longo corrimão.

Ok, eu poderia trabalhar com isso. Uma das coisas favoritas da Riley era descer deslizando pelos corrimãos. Essa era uma ótima oportunidade para deixá-la feliz de novo! Vi a Ilha da Bobeira ganhar vida quando a Riley se sentou no corrimão — perfeito!

Mas, em vez de deslizar, a Riley saiu do corrimão e desceu as escadas.

A pé! Quando ela poderia ter *escorregado!*

O que estava acontecendo?

Então, ouvi algo rolando no chão atrás de mim. Olhei para baixo e o que vi foi tão inacreditável que tive certeza de que só podia estar imaginando aquilo.

— Uma memória base! — exclamou o Medo.

Sim. Uma memória base. Parada no chão, fora de seu suporte. Todos nós sabíamos o que isso significava. Corremos para a janela e vimos a Ilha da Bobeira se apagar. Sem a memória base apoiada no suporte das memórias base, a Bobeira não poderia ser ativada. É por isso que a Riley não escorregou pelo corrimão. Sua parte Bobeira foi desligada.

Naquele momento, percebi que o suporte das memórias base estava aberto e que a Tristeza estava bem ao lado dele.

— Tristeza! — gritei. — O que está fazendo?

— Eu só queria arrumar melhor — disse a Tristeza —, mas eu abri, ela caiu e...

Depositei a memória base de volta no lugar e a Ilha da Bobeira se iluminou. Puxa, que alívio. Olhei de novo para a tela e vi que a Riley tinha escalado o corrimão e estava deslizando para baixo.

Então, a Tristeza mais uma vez esticou os braços para uma das memórias base e ela começou a ficar azul!

— Ei, ei, *e!* — eu disse, agarrando sua mão. — Tristeza, você quase tocou de novo numa memória. E, se ela mudar, a gente não sabe como arrumar!

A Tristeza pediu desculpas e disse que não sabia o que lhe deu na cabeça, mas era óbvio que ela era uma bomba-relógio ambulante. Isso não era uma coisa *ruim*; era apenas algo que precisava ser resolvido. Então, foi o que fiz. Entreguei-lhe alguns manuais da mente para que lesse. Quem não gosta de manuais? Só por títulos como *Recuperação de Memórias de Longo Prazo, Volume 47*, você já sabe que eles devem ser fascinantes! Tá, talvez não sejam fascinantes, mas deram à Tristeza algo para fazer. Além disso, aquele canto com as prateleiras que abrigam os manuais da mente está afastado das lembranças. Tenho de mantê-las seguras!

Então, isso deu um jeito na Tristeza naquele momento, mas, quando chegou a hora de dormir, ela não era a única com problemas. A mudança pesou muito para todos e, embora eu os tenha lembrado de que passamos por coisas piores, eles não conseguiam ver como. A Nojinho não conseguia superar a pizza estranha, o Medo ainda estava surtando pelo caminhão da mudança não ter chegado e a Tristeza abriu a boca para falar que todos os amigos da Riley estavam longe e nós nunca os veríamos. O Raiva estava tão aborrecido que queria berrar o único palavrão que conhecíamos. Eu estava tendo sérias dificuldades para acalmá-los, mas aí a mamãe entrou no quarto para dar um beijo de boa-noite na Riley, e você sabe o que ela fez? *Agradeceu* a Riley. A mamãe estava muito orgulhosa de Riley por ela permanecer *alegre* durante a mudança difícil. Ela disse: “Mesmo com toda essa bagunça, você ainda consegue ficar alegre. Não é fácil para o seu pai, mas, se você sorrir comigo, vai ajudar bastante. Ajudaremos assim, não é?”.

Naquele momento, eu não poderia ficar mais orgulhosa. Tínhamos um propósito maior agora — precisávamos dar apoio ao papai. É claro que poderíamos fazer isso! Aproximei-me do console e comecei a operá-lo.

A Riley respondeu para a mamãe que sem dúvida continuaria sorrindo.

— O que fizemos para merecer você? — disse a mamãe, e deu na Riley um beijo de boa-noite.

As outras Emoções concordaram que a mamãe estava certa. E fiquei satisfeita por estarmos todos mais uma vez em sintonia...

Equipe Feliz!

Depois disso, estávamos todos cansados. A Tristeza, o Raiva, a Nojinho e o Medo foram dormir, mas eu tinha o Plantão do Sonho, o que significava que eu pegava o turno da noite. Enviei todas as lembranças do dia para as Memórias de Longo Prazo para armazenamento, então, acomodei-me para assistir ao espetáculo que a equipe da Produção de Sonhos havia montado. Era exibido na tela grande, a mesma em que acompanhávamos as lembranças da Riley.

Sou uma grande fã da Produção de Sonhos. Eles bolam uns programas excelentes — superoriginais, comédias de morrer de rir, sequências de ação muito loucas. Tenho uma lista enorme dos preferidos que revejo de vez em quando. Mas aquela noite *não* foi uma de suas melhores. Na verdade, foi um pesadelo com a nova casa, uma coisa nada legal. Era a última coisa que a Riley precisava depois do dia que teve. Sendo assim, embora eu não deva me intrometer nos sonhos, tomei uma decisão executiva. Desliguei o sonho e evoquei uma lembrança para que a Riley e eu assistíssemos enquanto ela dormia. Tratava-se de uma das minhas favoritas: a vez em que a Riley se exibiu para a mamãe e o papai mostrando seus movimentos de patinação. Ela rodopiava e saltava — foi espetacular! E a mamãe e o papai sentiram tanto orgulho dela! Sorriam enquanto acompanhavam seus movimentos. A Riley estava tão feliz que não conseguia parar de rir.

Assisti à lembrança a noite toda. Até patinei com ela, imitando a pequena Riley e deslizando ao mesmo tempo pelo espaço da sala de comando como se fosse um ringue.

— Deixa comigo — eu lhe disse. — Posso te garantir que o dia de amanhã vai ser de arrasar. Prometo.

Era uma promessa pra valer, também. Seria o primeiro dia de aula e eu tinha grandes planos para torná-lo o melhor dia de todos.

E que melhor maneira de começar o melhor dia de todos do que com uma serenata de sanfona? Tenho que dizer: sou muito boa na sanfona. Mais do que tocar, eu *abraço* o instrumento, na verdade. O melodioso som da minha sanfona fez meus colegas Emoções se levantarem da cama e emergirem da sala de descanso.

— Legal, primeiro dia de aula! — comemoro. — Ai, estou animadíssima! Passei a noite toda pensando num plano. Se liga! Medo, faça uma lista de tudo o que pode dar errado no primeiro dia de aula. Tudo mesmo.

— Já comecei — disse o Medo, escrevendo em um bloco de notas. — Alguém sabe como se soletra “meteoro”?

— Nojinho — chamei —, tem que destacar a Riley, só que nada muito metido.

— Aposto que a Riley vai estar tão poderosa que as invejosas vão querer sumir — a Nojinho me assegurou.

Eu disse ao Raiva para descarregar o Trem do Pensamento, que acabara de chegar à Sede. É um trem de verdade que percorre a paisagem gigante da mente da Riley entregando devaneios, fatos, opiniões, ideias incríveis e lembranças. No momento, estava trazendo pensamentos extras. Eu os encomendei para o caso de as coisas ficarem meio paradonas na aula.

— Tristeza — eu disse, então, com empolgação na voz —, tenho um supertrabalhinho pra você. — Eu a conduzi a um ponto nos fundos da sala de comando e desenhei com giz um círculo no chão ao redor de seus pés. — Este é o Círculo da Tristeza — expliquei. — O seu papel é garantir que toda a tristeza... fique dentro dele!

Ela não ficou entusiasmada com a ideia, mas, também, quando foi que ficou entusiasmada com o que quer que fosse? Eu sabia que era um ótimo plano.

Quanto a mim, encarreguei-me de comandar o console e garantir que a Riley ficasse feliz o dia inteiro.

— Beleza, gente, vamos nessa! — gritei para os meus colegas Emoções. — Vai ser um ótimo dia, que vai virar uma ótima semana, que vai virar um ótimo ano, que vai virar uma ótima *vida*!

Sim, eu tinha tudo esquematizado. Quando este dia chegasse ao fim, eu tinha certeza de que a Riley teria colegas *implorando* para serem sua melhor amiga. Ela provavelmente receberia trinta convites para festas de aniversário. Quem sabe uns quarenta!

Os outros não tinham tanta certeza quanto eu, ainda mais quando a professora da Riley lhe pediu que ficasse de pé e se

apresentasse. Sem problema. Operei o console e a Riley se levantou e sorriu.

— Meu nome é Riley Andersen — disse ela. — Sou de Minnesota. E vou morar aqui.

Ótimo. Encantador. As outras crianças já a estavam amando!

Em seguida, a professora solicitou mais informações. Ela queria saber sobre a temperatura. Eu sabia que a Riley não teria problema algum com isso. Ela sorriu e disse:

— É, lá faz frio. O lago congela, e a gente joga hóquei...

Quando a Riley contou a todos como era jogar hóquei com sua melhor amiga, a Meg, eu lhe dei uma mãozinha. Evoquei uma lembrança de toda a família patinando junto e a reproduzi na tela grande. Era tão lindo que não conseguia parar de sorrir.

— É tradição de família — a Riley prosseguiu. — A gente vai pro lago todo fim de semana.

Então, de repente, a tela da Sede ficou azul!

— Ou, pelo menos, ia. Eu me mudei... — acrescentou Riley.

Espere aí. Isso não deveria estar acontecendo. A tela não deveria estar azul. A Riley não deveria estar triste. Esta era uma lembrança *feliz*!

Virei-me para ver o projetor. E lá estava a Tristeza, *tocando a esfera da lembrança*!

— Ô, Tristeza! — esbravejei. — Você tocou na memória. Você sabe que não pode.

— Pois é, foi mal — disse a Tristeza. — Desculpa...

Inacreditável! Eu a mandei de volta para seu Círculo da Tristeza e pressionei freneticamente alguns botões no console para tirar a lembrança agora *triste* do projetor, mas nada a removia. E, quanto mais tempo permanecia lá, mais chateada a Riley ficava. Logo, ela já nem falava mais. No entanto, ainda continuava de pé. Na frente de toda a classe. Prestes a chorar! E, como a Nojinho salientou, de maneira prestativa, todas as crianças legais estavam cochichando.

— Tire ela daí, Alegria! — lamuriou o Medo.

Ele estava certo. Eu tinha que tirar a lembrança do projetor, mesmo que tivesse de fazê-lo à mão. Eu me esforcei para puxar, mas estava seriamente emperrada.

— Não se move, gente! Me ajuda! — pedi, e o Medo, o Raiva e a Nojinho agarraram também a esfera. Tínhamos o Medo nos ajudando no começo, pelo menos. Então, ele desistiu e correu em pânico quando a Riley ficou tão triste que começou a soluçar. Olhei para o console e percebi a razão. *A Tristeza estava operando o console!* Isso era ainda pior do que tocar uma lembrança! Com a Tristeza nos controles, não havia como a Riley se recuperar disso. Eu tinha que tirar a Tristeza do console naquele instante! Com um puxão decidido, enfim arranquei a lembrança azul do projetor, corri para a Tristeza e a empurrei para longe.

Mas era tarde demais. Com um sonoro *CLANG!*, uma esfera de lembrança azul rolou para dentro da Sede.

Todos pararam e ficaram encarando.

— É uma memória base! — disse o Medo.

— Mas é *azul!* — a Nojinho arfou.

Estavam ambos corretos. A lembrança era azul e rolou direto para o suporte das memórias base.

Isso não era aceitável. A Riley não podia ter uma memória base triste. Não *mesmo!* Isso modificaria quem a Riley era em sua essência! Apertei o botão para erguer o suporte das memórias base. Com o suporte levantado, a nova lembrança colidiu com a base do suporte e não conseguiu entrar. Sucesso!

Agora tudo o que eu precisava fazer era colocar essa memória base azul horrível o mais longe possível do suporte de memória base. Pressionei outro botão e baixe um tubo de vácuo do teto — o mesmo vácuo que envia as lembranças diárias da Riley para as Memórias de Longo Prazo para armazenamento. Eu sabia que a lembrança não causaria à Riley problema algum lá embaixo.

Mas, antes que eu pudesse colocar a esfera da lembrança no tubo, a Tristeza tentou agarrar a lembrança e tirá-la de mim. Não dava para acreditar! Ela de fato *queria* manter essa memória base azul. Segurei firme a esfera, mas a Tristeza também. Surpreendentemente, ela tinha uma força e tanto. Lutei para tirar a esfera dela, mas, antes que conseguisse, esbarramos no suporte das memórias base.

Todas as cinco memórias base se espalharam pelo chão.

Acho que parei de respirar.

— AHHHHHHHHHHH! — lamentaram-se a Nojinho, o Medo e o Raiva.

Pela janela, vimos todas as Ilhas da Personalidade escurecerem.

Era o maior desastre de todos os tempos. *De todos os tempos.* Parei de lutar com a Tristeza pela posse da esfera de lembrança azul e me apressei para reunir as cinco memórias base *amarelas*. A Tristeza apoderou-se da azul. Ela queria colocá-la dentro do suporte das memórias base, mas não permiti. Corri para pegar a lembrança azul, e ela escapou das mãos da Tristeza. Quase chorei de alívio quando ela foi sugada pelo tubo de vácuo para as Memórias de Longo Prazo. Mas, então, de repente, escorreguei e *deixei cair as memórias base amarelas!* Uma delas rolou em direção ao tubo de vácuo.

— Não! — gritei.

Pulei para salvá-la... e acabei sendo eu mesma puxada para dentro do tubo de vácuo, junto com todas as cinco memórias base amarelas.

O tubo me trouxe ruidosamente direto para fora da Sede! As memórias base estavam espremidas junto comigo. Procurei juntá-las, mas não era fácil. A forte sucção do vácuo ameaçou arrancá-las, mas as mantive o mais próximo que pude.

Enquanto eu disparava pelo tubo, tudo ao redor não passava de um borrão. Eu não sabia dizer se estava subindo ou descendo. Eu não sabia onde iria parar. E, aí, de repente...

BLAM!

Aterrissei em um grande carrinho de esferas de lembranças. Dava para sentir as esferas pressionando as minhas costas. Então, ouvi um grito. Era a Tristeza. Pelo jeito, ela também havia sido sugada pelo vácuo e agora estava caindo, vindo na minha direção.

THUMP!

Ignorando-a, comecei freneticamente a vasculhar as esferas de lembranças sobre as quais estávamos. Perdi de vista as memórias base quando caí. Precisava levá-las de volta à sala de comando. Se a Riley perdesse as memórias base, as Ilhas da Personalidade

ficariam desativadas para sempre e, então, como ela ficaria? E, o mais importante... *quem* ela seria?

— Uma... duas... três... ok, peguei todas — eu disse enquanto equilibrava as cinco lembranças em meus braços.

Olhei em volta. Estávamos no Mundo da Mente diante dos penhascos bem em frente às Memórias de Longo Prazo. De lá, eu podia ver todas as cinco Ilhas da Personalidade circundando a torre gigante da Sede, que parecia incrivelmente alta e absurdamente distante. As próprias ilhas estavam separadas umas das outras, da Sede e dos penhascos pelo vasto abismo do Lixão das Memórias da Riley.

Pulei para fora do carrinho e olhei para a Ilha da Bobeira. Ainda estava completamente escura. A Tristeza aproximou-se de mim por trás.

— TODAS as Ilhas da Personalidade estão desligadas. Isso é mau — comentou ela.

Assegurei-lhe que poderíamos dar um jeito naquilo.

— Nós voltamos para a sala de comando, plugamos essas memórias base e a Riley vai voltar ao normal.

— A Riley ficou sem as memórias base, sem as ilhas e sem... — a Tristeza arfou de súbito.

— Quê? Sem o quê? — perguntei.

— Você! Não está na sala de comando. Então, ela está sem alegria nenhuma — disse a Tristeza.

Ela estava certa. A Riley ficaria infeliz enquanto eu não retornasse para a sala de comando. Não havia tempo a perder. Corremos pela ponte que levava à Ilha da Bobeira. Quando chegamos à Bobeira, fomos até a linha de luz que conectava a ilha ao suporte das memórias base na Sede. A linha de luz era como um cabo de alimentação e também nossa passagem de volta para casa. Tínhamos apenas de atravessá-la. Falar era fácil, difícil era fazer.

A Tristeza não gostou da aparência daquela linha de luz. Para ser franca, eu não poderia culpá-la. Era superestreita e, se caíssemos dela, acabaríamos no Lixão das Memórias — esquecidas para sempre. Reuni toda a minha coragem.

— Não é tão alto. É completamente t-t-tranquilo. — Dei meu primeiro passo na linha de luz e quase deixei cair uma das memórias base! — Opa... opa!

Atrás de mim, a Tristeza começou a se deslocar bem devagar sobre a linha de luz.

De repente, ouvi um gemido mecânico terrível, incrivelmente alto. Eu me virei, mas o que vi parecia tão impossível que quase não acreditei.

A Ilha da Bobeira tinha começado a desmoronar.

Enquanto eu observava, grandes seções dela se desprenderam e caíram no Lixão das Memórias. Então, a própria linha de luz também começou a se desfazer! Jamais conseguiríamos chegar à sala de comando.

— AHFFFH! Depressa! Corre! Corre! — gritei para a Tristeza.

Corremos o mais veloz que podíamos de volta para a ilha, mas ela estava desaparecendo mais rápido agora. Nós aceleramos a velocidade, abaixando-nos e esquivando-nos para evitar os fragmentos da ilha que desabava. Disparamos pelo que restava da Bobeira, cruzamos a ponte e saltamos de volta para os penhascos. Ainda assim, não estávamos seguras. O colapso da Bobeira tornara os penhascos instáveis. Senti o chão desmoronar sob os meus pés.

— Vamos, Tristeza! — gritei, enquanto agarrava seu braço. — Corra!

Aos tropeções, ela veio correndo atrás de mim e nós chegamos a uma área mais estável no momento exato em que a ponte e *toda* a Ilha da Bobeira exalaram seu derradeiro suspiro, desabando no vazio lá embaixo.

Enquanto eu observava a ilha afundar como um iceberg à deriva, imagens da parte Bobeira da personalidade da Riley me passaram pela cabeça. Eu a vi aos três anos, rindo e girando até cair. Eu a vi nos ombros do papai, lambuzando a si mesma com um sorvete, fazendo uma barba. Vi toda a família fazendo caretas uns para os outros enquanto pulavam em uma cama elástica.

Agora, tudo se fora. Riley nunca mais teria a lembrança de momentos bobos como aqueles.

Não. Isso não era verdade. Riley traria a Bobeira de volta. Só precisava devolver as memórias base ao suporte, e a Bobeira retornaria. Riley precisava de mim para manter a atitude positiva e agir, por isso, eu me levantei e me pus em marcha.

— Espere, Alegria, você pode se perder! — a Tristeza disse. Ela correu para emparelhar comigo e agarrou o meu braço.

Olhei para a frente. As prateleiras se estendiam até onde a vista alcançava e também para o alto. Elas se ramificavam em corredor após corredor de mais prateleiras, cada uma parecendo exatamente igual às outras.

Claro que parecia um pouco assustador, mas eu estava determinada e otimista, e sabia que seria capaz de lidar com aquilo sem problemas!

— Pense positivo! — eu disse para a Tristeza.

— Tudo bem. Positivamente penso que vai se perder. São Memórias de Longo Prazo. Li isso nos manuais — respondeu ela.

Os manuais! Claro! Todas as leituras que a Tristeza fez enquanto estava em seu Círculo da Tristeza na Sede enfim iriam render frutos.

— Parabéns! Você será meu mapa! — exclamei. — Vamos, me guie, meu mapa! Me mostre o caminho!

— Tá bom... — disse a Tristeza, sentando-se pesadamente. — Só que... eu tô triste para andar. Me dá só umas... horas.

Como ela se recusava a se levantar e se juntar a mim, agarrei sua perna e a arrastei para o labirinto de prateleiras.

— Qual o caminho? Esquerdo? — perguntei.

— Direito.

Virei à direita.

— Não, eu quis dizer vá para a esquerda. Falei que tomar a esquerda era o direito a fazer. Tipo “o certo”.

Por que tudo era tão complicado com a Tristeza?

Segui suas instruções e a arrastei até que, de repente, tudo ficou escuro.

— Oh, a Riley foi dormir — disse a Tristeza.

— Ok — eu me animei. — Então, nada mais pode acontecer! Voltaremos à sala de comando antes de ela acordar.

Isso foi o que pensei. Mas, no momento em que a Riley acordou, *ainda* estávamos caminhando pelas Memórias de Longo Prazo.

A Riley tem *um bocado* de lembranças.

Admito, estava começando a ficar frustrada. Não tinha perdido a esperança, não senhor, mas estava perdida com a Tristeza enquanto toda a personalidade da Riley estava em jogo... era um problemão para solucionar. Então, quando ouvi vozes adiante, larguei a perna da Tristeza e corri ao encontro delas.

Eram dois Mentalúrgicos, um homem e uma mulher, e eles estavam fazendo alguma coisa que envolvia um aspirador de pó, uma prancheta e algumas das lembranças da Riley.

— Telefones? — disse a Mentalúrgica.

— Desnecessário. Já estão no celular.

— Podemos esquecer. Esquecendo! — o Mentalúrgico respondeu.

E eles sugaram várias esferas de lembrança da Riley com o aspirador. Para serem *esquecidas*! Aqueles dois não eram meros Mentalúrgicos, eles eram Mentalúrgicos Esquecedores; que operavam nas Memórias de Longo Prazo aspirando antigas lembranças. Nunca tinha ouvido falar deles antes, mas, ao que parecia, eles já existiam há muito tempo.

— Ei! — gritei. — Não podem jogar fora! São memórias importantes!

— É mesmo? — o Mentalúrgico Esquecedor soltou uma risadinha cacarejante. — Os nomes de cada uma das princesas de desenho?

— É! — eu me apressei em responder. — São importantíssimas para a formação! Abelhinha, anelzinho...

— Esquecendo! — a Mentalúrgica Esquecedora gritou, e então o primeiro as aspirou!

— Ei! — objetei. — Ponham de volta!

— Já era — respondeu o Mentalúrgico Esquecedor. — Nada volta do lixo.

— Quando não damos bola para uma memória, desbota — disse a Esquecedora.

— O quê? — perguntei.

— Acontece com as melhores — observou o Esquecedor.

Uau. Sempre pensei que, quando a Riley criava uma lembrança, ela a guardava para sempre. Era uma pena que qualquer lembrança pudesse desbotar. A ideia quase me deixou triste.

— Esta aqui não vai desbotar nunca — disse o Esquecedor, rindo, enquanto removia uma esfera da prateleira.

— A música do comercial de chiclete? — perguntei.

De todas as lembranças para guardar, aquela era a mais ridícula e inútil!

Os Esquecedores explicaram que gostavam de enviá-la para a Sede sem motivo. Eles começaram a tocá-la repetidas vezes.

— Todos nós conhecemos a música. Ok, podem parar. Essa é literalmente uma musiquinha chiclete — eu disse.

Então, um dos Esquecedores recolocou a lembrança na prateleira e a empurrou por uma abertura. Ela foi sugada por um tubo e enviada direto para a sala de comando.

Tenho certeza de que o Raiva, a Nojinho e o Medo iriam agradecer por isso.

Perguntei aos Esquecedores se eles sabiam onde eu poderia encontrar a Ilha da Amizade, mas, antes que pudessem responder, todos nós ouvimos um som terrível de rangidos.

Segui o som, correndo o mais rápido que pude.

O que mais estava acontecendo de errado na mente da Riley? Virei uma esquina e parei no meio do caminho.

A Ilha da Amizade estava se desintegrando!

— Oh, não, a Ilha da Amizade — lamentei.

— Ela adorava essa ilha. Isso é um horror... — disse a Tristeza. Aparentemente, ela me alcançara. Se dependesse dela, nós apenas sentaríamos encostadas em uma estante e ficaríamos tristes, mas esse não é o meu estilo. A Ilha da Amizade pode ter desaparecido — por enquanto —, mas eu podia ver a Ilha do Hóquei ao longe e tinha certeza de que, uma vez que chegássemos lá, poderíamos chegar à Sede.

Teríamos que voltar passando pelas Memórias de Longo Prazo para encontrar uma ponte para a Ilha do Hóquei, mas, se isso era o que precisávamos fazer, é o que faríamos.

CLONK.

O barulho ecoou em algum lugar atrás de nós. Eu me virei e vi um enorme elefante cor-de-rosa cantarolando para si mesmo enquanto pegava as esferas de lembrança das prateleiras das de Longo Prazo.

Caminhei até ele.

— Ô-oi! — disse.

O elefante congelou por um momento e depois saiu correndo.

— Ei! Espera! — gritei.

Mas o elefante não parou. Ele simplesmente continuou correndo! Nós o seguimos virando uma esquina e entrando em um beco sem saída. Ele tentou, de modo frenético, escalar uma parede, mas sem o menor sucesso.

— Hum, dá licença? — eu disse.

— AHHHHHHH! — ele gritou. Ele pegou uma esfera de lembrança de uma das prateleiras, atirando-a numa direção e disparando na direção oposta. Então, ele colidiu direto com um carrinho de lembranças!

— Você está bem? — perguntei.

— Acho que não — ele respondeu.

Havia algo familiar naquela estranha criatura. Parecia um elefante cor-de-rosa, mas também tinha uma cauda de gato longa e fofa e...

— Ei, conheço você! Bing Bong! O amigo imaginário da Riley! A Riley amava quando brincavam. Os dois eram melhores amigos. — Então, eu me dei conta. Bing Bong poderia nos ajudar! — Oh! Você deve saber como! Temos que voltar para a sala de comando.

— Conhecem a sala de comando? — perguntou Bing Bong.

Confirmei.

— Eu sou Alegria, e esta é Tristeza.

— Mentira! “A” Alegria? — perguntou Bing Bong.

Não pude deixar de me sentir um pouco lisonjeada. Pelo que parecia, eu era famosa no Mundo da Mente!

Bing Bong de repente percebeu que se eu estivesse no Mundo da Mente e não na Sede, a Riley nunca seria feliz.

— Tem que voltar pra lá! — disse ele. — Quer saber de uma coisa?... Vem comigo!

— Oh, obrigada! — exclamei.

Enquanto a Tristeza e eu seguíamos Bing Bong por uma fileira de esferas de lembrança, começamos a relembrar todos os grandes momentos que Bing Bong teve com a Riley. Houve uma época em que eles formavam uma banda juntos, e outra em que brincavam de pega-pega. Mas eles viveram suas melhores aventuras no foguete de Bing Bong. Lembrei-me de que seu foguete era movido a música! E não qualquer música... A música-tema de Bing Bong que a Riley escreveu! Oh, aqueles foram momentos felizes.

Uma voz maçante interrompeu nossas reminiscências. Era a Tristeza.

— O que você é? Explica pra mim... — ela perguntou.

— Você sabe — respondeu Bing Bong —, sou meio indefinido. Sou meio gato... parte elefante... parte golfinho.

Eu o examinei. Não vi nenhuma parte de golfinho.

— Golfinho? — perguntei.

Ele tampou sua tromba de elefante e produziu um som *exatamente* como o de um golfinho. Foi muito impressionante.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei a ele.

— Bom — ele respondeu —, amigos imaginários não têm sido muito solicitados ultimamente. Então, eu... Bom, eu...

— Ora, ora, não fique triste — consolei-o. — Olha só, assim que eu voltar pra sala de comando, te garanto que você será lembrado.

— Jura? — ele perguntou, animado de repente.

— É claro! Prometo!

— Ha, ha! Nem te conto como tô feliz! — Bing Bong comemorou. Então, começou a fazer uma dancinha, que terminou com ele se machucando. Começou a chorar e lágrimas de balas escorreram de seus olhos.

— O que está acontecendo? — perguntou a Tristeza.

— Eu choro balas — disse Bing Bong. — Experimente a de caramelo, é uma delícia.

Mmmmm! Peguei uma, mas as cinco esferas de lembrança que eu estava segurando começaram a escorregar.

— Oh, toma, usa isso — disse Bing Bong, esvaziando a sacola que carregava. Tudo, de uma pia de cozinha a um gato, saiu de lá! A Tristeza e eu olhamos para Bing Bong com espanto.

— O quê? Ela é imaginária — esclareceu Bing Bong e me entregou a sacola.

— Obrigada — eu disse, deslizando as lembranças para dentro.
— Vai ficar bem mais fácil andar até a sala de comando.

— O quê? — Bing Bong se admirou. — Nós não vamos andar! Nós vamos... no Trem do Pensamento!

Sim! O Trem de Pensamento! Eu não conseguia acreditar que não havia pensado nisso! Eu o usei outro dia para conseguir aqueles devaneios extras para o primeiro dia de aula. O trem ia daqui para a Sede o tempo todo!

— Mas como a gente pega? — perguntei.

— Bem — disse Bing Bong —, tem vários lugares por onde ele passa, mas tem uma estação na Terra da Imaginação. Conheço um atalho. Vem, por aqui.

A Tristeza e eu seguimos Bing Bong pelas Memórias de Longo Prazo até chegarmos a um prédio que parecia ser uma espécie de depósito ou fábrica. Quando espiei pela janela, vi o outro lado — e lá estava a estação de trem!

Não me admira que a Riley amasse tanto Bing Bong quando ela era pequena. Ele era brilhante!

— Você primeiro — disse ele, abrindo a porta para mim.

A Tristeza agarrou o meu braço.

— Já li a respeito no manual — disse ela. — A gente não devia entrar. Este é o Pensamento Abstrato. Vem, vamos dar a volta.

É a cara da Tristeza ser negativa. Olhei para avaliar qual a distância que teríamos de percorrer para darmos a volta. A resposta? *Superenorme!* O depósito era grande à beça! Não havia absolutamente nenhuma boa razão para não ouvirmos Bing Bong e pegarmos o atalho.

— Veja bem — falei para a Tristeza —, não queremos perder o trem. O Bing Bong sabe o que faz. Ele é meio golfinho. Golfinhos são espertos.

Lancei a ela o meu sorriso mais alegre e confiante, e funcionou. A Tristeza seguiu a mim e Bing Bong para dentro do prédio. Show de bola! Logo estaríamos no trem e voltando para a Sede!

Logo depois de entrarmos no depósito do Pensamento Abstrato, a porta se fechou atrás de nós.

Inesperado, mas nada com o que se preocupar.

Então, todo tipo de formas flutuou do chão: pequenos triângulos, círculos e retângulos de vários tamanhos e cores. Era como estar dentro de um caleidoscópio. Tão bonito...

Aí, as formas começaram a derreter de um jeito estranho e gosmento.

— O que tá pegando? — perguntei.

— Oh, não — disse a Tristeza, enquanto estremecia. — Alguém ligou.

— Eu, hein? Ficou tudo maluco — disse Bing Bong.

Eu me virei para olhar para ele. Sua cara havia mudado! Agora era toda plana e em blocos! Gritei e, quando Bing Bong olhou para mim, ele gritou também.

Olhei para a Tristeza. Ela também havia mudado!

Então, ergui as mãos com cuidado em direção ao meu próprio rosto. Senti meu nariz projetando-se meio metro além do rosto. Estava plano e pontudo.

— AAAAAAH! — gritei. — O que aconteceu?

— Essa não! Nós começamos a ficar abstratos! — a Tristeza gritou. — São quatro estágios. Este é o primeiro: fragmentação não objetiva!

Eu não tinha ideia do que isso significava. Só sabia que precisávamos sair do depósito. Tentei correr, mas minhas pernas eram tábuas rígidas sem joelhos. E meus braços não podiam dobrar, porque meus cotovelos haviam sumido.

— Oh! — lamentei. — O que vamos fazer?

— Calminha, sem pânico! — Bing Bong aconselhou. — O importante agora é a gente não se separar!

Então, seu braço caiu.

Era hora de entrar em pânico. Eu teria tentado correr de novo, mas minha cabeça estourou. Em seguida, a perna da Tristeza caiu, fazendo-a desabar no chão.

— É o próximo estágio — explicou a Tristeza. — Desconstrução!

Recompondo-nos — literalmente —, corremos para a janela. Curiosamente, é difícil se mover rápido quando se está fazendo malabarismos com as partes do próprio corpo. Só para deixar registrado.

— Temos que sair daqui. Porque, se virarmos só forma e cor, ficaremos presos pra sempre! — a Tristeza gritou.

Então, as coisas pioraram. Nós murchamos e mudamos para formas bidimensionais. Você já tentou se mover quando está achatado como uma panqueca? Não recomendo. Aparentemente, esse era o estágio três.

Todos nós ainda lutávamos para abrir a janela, mas ela parecia se distanciar cada vez mais.

POP!

Ficamos abstratos a ponto de nos tornarmos manchas achatadas.

— Oh, não! — a Tristeza gemeu. — Viramos formas simples. Este é o último estágio!

Eu não queria desistir. Não sou de entregar os pontos.

Mas o que iríamos fazer?

— Espera! — a Tristeza de repente gritou. — Somos bidimensionais. Caíam de cara no chão!

Ela caiu para a frente. Em vez de uma mancha de cor, ela agora era uma linha e rastejava como uma minhoca em direção à janela.

Foi brilhante! Bing Bong e eu fizemos o mesmo e saímos pela janela... assim que o trem partiu sem nós. Tentamos correr atrás dele, mas demorou um pouco para voltarmos às nossas formas normais. Quando o fizemos, o trem já havia partido há muito tempo.

— Relaxa, tem outra estação. Por ali! — disse Bing Bong, apontando para longe. — O trem sempre para lá antes de ir para a sala de comando. Se correremos, dá pra pegar!

Depois do que acabáramos de passar, eu não tinha certeza se deveríamos confiar outra vez em Bing Bong para nos apontar a direção certa.

— Não vai inventar outro atalho pra cima da gente, né? — perguntei a ele.

— Ha, ha, ha! Sim! — ele respondeu e partiu naquela direção.

Eu me virei para a Tristeza.

— Tem mesmo outra estação?

A Tristeza fez que sim com a cabeça.

— Aham. Por ali — disse ela.

A Tristeza conhecia o caminho, eu confiava nela.

Então, seguimos Bing Bong, e logo estávamos nos portões da...

— Terra da Imaginação! — exclamou Bing Bong. — Venho aqui sempre. Praticamente mando no lugar!

Bing Bong primeiro nos levou pelo Bosque das Batatas Fritas, que era gostoso de lamber os dedos! As batatas fritas estavam crocantes por fora, macias por dentro, quentes o suficiente para serem deliciosas sem queimar a língua... perfeição.

Em seguida, passamos pela Cidade dos Troféus, que estava repleta de troféus e medalhas. Bing Bong viu uma bola de futebol no chão e a chutou para o gol, e os trabalhadores se *aglomeraram* para encher seus braços com troféus e buquês de flores, e pendurar medalhas em seu pescoço. Tão engraçado!

E, então, vi a Cidade das Nuvens! De verdade — uma cidade feita de nuvens! Puxei um pequeno pedaço de nuvem de um prédio e pulei em cima enquanto ele flutuava no ar.

Era tão macia!

Bing Bong então foi para o Castelo de Cartas — uma casa de verdade feita de cartas de baralho — e emergiu de lá com o seu foguete. Bem, na verdade era um carrinho de puxar infantil, mas, quando ele brincava com a Riley, o carrinho se transformava em um foguete que os levava nas mais incríveis aventuras!

— Escondi aqui pra pegar depois — disse Bing Bong. — Agora estou pronto para levar Riley para a lua!

Então, ele acidentalmente esbarrou no Castelo de Cartas, que desabou.

— Me desculpa — lamentou ele.

— Tá... — resmungou um Mentalúrgico da Construção.

— Ah, amei a Terra da Imaginação — eu disse.

— É demais! — ele respondeu. — E tem sempre algo novo pra... mas o que que é isso?

Bing Bong estava olhando para uma máquina gigante com uma esteira rolante. Um adolescente com cabelo caindo na cara, olhos

castanho-escuros e um caso grave de atitude de bad boy rolou pela esteira.

— Namorado imaginário — esclareceu um trabalhador próximo.

Quando o garoto se virou para olhar para nós, pudemos ver o profundo desespero em seu olhar.

— Faria tudo pela Riley — ele disse.

Credo!

Tratamos de seguir adiante rapidinho, depois do Gerador de Namorados Imaginários.

— Por aqui, o Mundo Pré-Escolar! É pertinho da estação! — disse Bing Bong.

A Tristeza e eu seguimos Bing Bong até os portões do Mundo Pré-Escolar. Foi então que aconteceu um alto *BOOM!* Rapidamente, virei-me e vi a Ilha do Hóquei desabando. A Riley amava hóquei! Ela não podia desistir do hóquei.

Ajoelhei-me e tirei a memória base do hóquei da Riley da bolsa. A esfera de lembrança mostrou a Riley quando tinha apenas dois anos e meio de idade. Ela estava com a mamãe e o papai no lago congelado, tentando acertar um disco no gol.

Ela errou no início, mas depois girou e acidentalmente acertou o disco no gol. Ela ficou tão orgulhosa de si mesma! Assim como a mamãe e o papai. Olhei para o espaço vazio onde a Ilha do Hóquei costumava ficar. Suspirei e não demorei a alcançar Bing Bong.

— Temos que chegar à estação — eu lhe disse.

— É claro — ele respondeu. — É logo depois do Castelo de Biscoito.

Mas não havia nenhum Castelo de Biscoito. Bing Bong parecia confuso.

— O Castelo de Biscoito ficava aqui. Ué, mas... eu jurava que a Montanha do Pônei Brilhante era ali. O que está acontecendo?

Nesse momento, uma escavadeira passou e derrubou um castelo cor-de-rosa de algodão-doce.

— O Mundo das Princesas! — Bing Bong arfou de espanto.

A escavadeira continuou derrubando coisas. Logo o ar estava tão cheio de purpurina e estofado que eu mal conseguia respirar. O que era aquilo?

— O Museu dos Ursos de Pelúcia! — Bing Bong lamentou. Então, ele gritou em voz alta: — Meu foguete!

Ele correu o mais rápido que pôde, perseguindo dois Mentalúrgicos que pegaram o seu foguete quando ele não estava olhando. Bing Bong tentou alcançá-los, mas eles eram mais rápidos e tinham uma vantagem inicial. Jogaram o carrinho em uma pilha de escombros que estava sendo empurrada de um penhasco por uma escavadeira.

— Espera! — Bing Bong implorou. — A Riley e eu usamos esse foguete! Ele ainda tem canção combustível! — Ele cantou sua música-tema e o foguete disparou para a frente, movido pela melodia.

Infelizmente, quando disparou para a frente, lançou-se sobre o penhasco e caiu no lixão lá embaixo. Bing Bong caiu de joelhos.

— A Riley esqueceu de mim? — ele murmurou.

Detestava vê-lo tão triste, em particular quando tínhamos uma missão a cumprir que faria tudo voltar ao normal. Coloquei a mão em suas costas e tentei animá-lo de novo.

— Ei, vai ficar tudo bem, a gente vai ajudar — assegurei a ele. — A sala de comando nos espera. Pra que lado é a estação?

— Eu tinha até um plano de viagem... — disse Bing Bong com tristeza.

Ele *não* estava saindo dessa. Tive que tentar uma nova tática.

— Ei, olha a cosquinhaaaaa! O monstro cosqueta apareceu!

Fiz cócegas nele embaixo dos braços, que é a parte do corpo que mais sente cócegas, mas ele nem se moveu. Nem deu uma risadinha, nem se encolheu.

— Ei, Bing Bong! — tentei. — Olha isso!

Fiz a cara mais pateta do meu arsenal: olhos vesgos, língua de fora, dedos afastando bem os meus lábios em direções opostas.

Nenhuma resposta. Como eu o faria feliz novamente para que ele pudesse nos levar à estação de trem?

Então, a Tristeza veio e se sentou ao lado dele.

— Que pena que levaram seu foguete — disse ela com brandura. — Era uma coisa que você amava. Se foi... para sempre.

Oh, que ótimo. Era disso mesmo que Bing Bong precisava — algo para fazê-lo se sentir ainda pior.

— Era tudo o que eu tinha da Riley — disse Bing Bong.

— Aposto que vocês têm várias lembranças — disse a Tristeza, mais uma vez lembrando-o do quanto ele havia perdido. Para ser sincera, ela não entende como ser *positiva*!

— Oh, tem muitas — Bing Bong concordou. — Nós já voltamos no tempo pra tomar café da manhã duas vezes.

— Que incrível — disse a Tristeza. — A Riley gostou?

— Gostou, sim — disse Bing Bong. — Minha melhor amiga.

Então, Bing Bong começou a chorar. Suas lágrimas de balas não eram tão ruins... na verdade, eram deliciosas... mas, mesmo assim! O que a Tristeza estava pensando? Por que ela o fez chorar?

— É, que triste... — disse a Tristeza.

Bing Bong colocou a cabeça no ombro da Tristeza e as lágrimas de balas começaram a se derramar.

A Tristeza manteve o braço ao redor dele enquanto ele chorava. Depois de um tempo, ele se sentou ereto de novo, fungando e piscando.

— Já estou bem. Vem, a estação fica por aqui — disse Bing Bong. Meu queixo caiu. Como isso aconteceu?

Como o *choro* motivou Bing Bong a nos ajudar a voltar para a sala de comando? Enquanto a Tristeza e eu o seguíamos, puxei-a de lado e perguntei:

— Como você fez isso?

— Não sei — respondeu a Tristeza. — Ele estava triste. Então, eu escutei...

— Ei! — Bing Bong gritou. — Olha o trem!

A Tristeza e eu corremos para alcançá-lo. O Trem do Pensamento estava bem ali na estação, e subimos a bordo assim que ele começou a se mover. Estávamos a caminho e tudo iria funcionar à perfeição.

Pelo menos, *teria* funcionado direitinho se o trem não tivesse parado quando estávamos apenas na metade do longo caminho para a Sede.

— Ei, ei! — gritei para o maquinista. — Por que paramos?

— A Riley foi dormir — respondeu o maquinista. — É hora da pausa.

— É — lembrou Bing Bong. — O Trem do Pensamento não anda durante o sono.

— Ficaremos aqui até de manhã? — a Tristeza lamentou.

— Nós não temos tanto tempo! — eu disse. Mas, um segundo depois, tive uma ótima ideia: poderíamos acordar a Riley!

Ou talvez a Tristeza teve a ideia, mas acho que não. Acho que foi minha. De qualquer maneira, não importa.

O principal é que a ideia era fantástica. Então, a Tristeza, Bing Bong e eu descemos do trem e entramos nos estúdios da Produção de Sonhos. Fiquei superanimada.

Como eu disse, *sempre* fui uma grande fã da Produção de Sonhos, e lá estava eu! Vi um monte dos grandes prédios do estúdio, atores andando fantasiados, carrinhos de golfe passando de um lado para o outro. Até reconheci o cara que interpretou o treinador de hóquei da Riley em seu sonho recorrente favorito sobre as Olimpíadas!

Então, ficou ainda melhor. Vi uma criatura que era uma espécie de cavalo branco gigante com uma crina cor-de-rosa. Ela estava sentada numa cadeira de diretor tomando um café com leite. Agarrei o braço de Bing Bong.

— Unicórnio Colorido! Olha *lá*!

Eu não queria fazer um grande estardalhaço e envergonhá-la, por isso, apenas a cumprimentei com um ligeiro aceno de cabeça quando passamos, mas a Tristeza foi direto até ela.

— Minha amiga é muito sua fã — disse. — Ela queria um autógrafo.

Outra vez criando constrangimento! Afastei a Tristeza e continuei andando — mas não antes de Unicórnio Colorido e eu termos um grande momento juntas, em que lhe disse como ela era incrível e ela gostou de verdade. Sem dúvida, somos amigas agora.

Logo chegamos a um grande prédio com a indicação “ESTÚDIO B”. Nele, havia uma luz vermelha piscando e uma placa que dizia “não entre quando a luz estiver piscando”.

— Hum — disse Bing Bong. — O que será que temos aqui? Tá bom, vamos ver.

Entramos no estúdio e parecia tudo tão emocionante! As pessoas corriam por toda parte, operando câmeras, carregando páginas de roteiro, focando luzes. Era o show business em ação! A Tristeza, Bing Bong e eu nos escondemos atrás de um cabideiro de fantasias enquanto decidíamos o que fazer.

— Como vamos acordá-la? — perguntei.

— Bem — disse a Tristeza —, quando tem um pesadelo, às vezes ela acorda. Podemos assustá-la.

Essa era uma ideia terrível. Por que fazer a Riley ficar apavorada quando poderíamos fazê-la se sentir feliz?

— Vamos deixá-la tão feliz que ela vai despertar... amarradona — sugeri. — Totalmente disposta! — Olhei no cabideiro e encontrei uma fantasia de cachorro. Tinha duas peças: uma metade correspondia à traseira e a outra metade era a frente do cachorro. Joguei para a Tristeza a parte de trás da fantasia. — Põe, vai! — disse a ela. — A Riley adora cães!

Entreguei a Bing Bong a sacola com as memórias base para ele guardar.

— Você tem que cuidar disso com a sua própria vida — recomendei-lhe. Então, vesti a metade frontal da fantasia de cachorro e conduzi a Tristeza para a lateral do set. Estava montado como uma sala de aula, e, quando a cena começou, eu sabia o que eles estavam fazendo: encenando o primeiro dia de escola da Riley, quando ela chorou na frente de todos.

Quem escreve esses roteiros? Por que eles mostrariam isso para a Riley quando já era difícil o suficiente passar por isso na vida real? Ainda bem que eu estava em cena para tornar as coisas mais alegres.

Esperei até o ponto mais dramático da cena, quando a Riley estava diante de todos, e então a Tristeza e eu corremos para o set. Nós pulamos como um cachorrinho de verdade! Lati, trotamos em círculos, fiz a língua do cachorrinho lamber a Riley e todos os outros alunos... Fui *adorável*!

Não havia como a Riley resistir a isso. Claro, é verdade que o seletor na parede indicava que a Riley ainda estava dormindo, mas ela não conseguiria continuar dormindo por muito mais tempo. Não com tanta diversão acontecendo, certo?

E estava prestes a ficar ainda melhor. Olhei para Bing Bong, que assistia a tudo dos bastidores.

— *Psiu!* Você está no ar! Manda ver! — Bing Bong puxou uma corda que deixou uma tonelada de balões cair do teto e outra corda que disparou um canhão de confete. Agora era uma festa de cachorrinhos! A Riley acordaria e começaria a dançar!

— Alegria, não deu em nada — disse a Tristeza da metade de trás do cachorro, mas não lhe dei ouvidos. Eu estava dançando, Bing Bong estava dançando... aquilo era irresistivelmente divertido!

Então, Bing Bong, enquanto dançava, esbarrou em um holofote... que caiu no palco... isso fez a Tristeza saltar para longe de mim — o que, por sua vez, fez parecer que o cachorrinho adorável havia se partido ao meio!

Então, tudo virou um caos. Os atores estavam correndo de um lado para o outro para evitar a luz caída, os técnicos estavam tentando enxotar a mim e a Tristeza para fora do estúdio, e Bing Bong decidiu que era o momento perfeito para falar diretamente com a Riley e fazer com que eles fossem amigos de novo.

— Oi, Riley, sou eu! BING BONG!

— Alegria, veja! — a Tristeza disse. — Começou a dar certo!

Não tinha *nada* dando certo naquilo. Pelo menos, foi o que pensei. Mas, quando olhei para onde a Tristeza estava apontando, vi que o dial na parede havia se movido. A Riley estava aos poucos chegando perto de acordar!

Logo teríamos condições de sair de lá e pular de volta no Trem do Pensamento!

— Eles estão tentando acordá-la! — a diretora disse, apontando para Bing Bong, a Tristeza e eu. — Seguranças!

A Tristeza e eu nos esquivamos e nos escondemos, mas Bing Bong não era tão rápido. Um segurança o algemou e o arrastou para longe. Observamos das sombras enquanto o guarda puxava Bing Bong para fora do estúdio e o atirava através de um portão

grosso e assustador para dentro de uma câmara escura como um poço sem fundo. Ouvimos os gritos de Bing Bong ficando cada vez mais fracos enquanto ele afundava nas profundezas.

— O Subconsciente — a Tristeza disse. — Li sobre isso no manual. É o lugar para onde levam quem causa problemas.

— Ele está com as memórias base — eu disse para a Tristeza. — Temos que ir atrás dele.

Felizmente, a Tristeza conhecia o caminho. Descemos enquanto tudo ao nosso redor ficava sombrio e depois escuro como breu. Por fim, chegamos a outro portão. Havia dois guardas ali perto, mas eles estavam profundamente entretidos numa conversa, então, a Tristeza e eu só nos esgueiramos, passamos por eles e caminhamos até o portão. A Tristeza o sacudiu e os guardas se viraram.

— As duas! — um deles gritou.

— Uh! Chato isso, né? — a Tristeza falou como se estivesse chateada de verdade com isso.

— Entrem logo! — o outro guarda exigiu. — Não tem saída! Os dois nos empurraram para o Subconsciente e fecharam o portão atrás de nós.

Ok, então estávamos lá com Bing Bong e as memórias base. Nós só precisávamos encontrá-lo, recuperar as memórias, sair do Subconsciente e então pegar o Trem do Pensamento de volta para a sala de comando.

Moleza!

— Isso aqui me assusta — disse a Tristeza. — É onde guardam os piores medos da Riley.

Era verdade. Tentei ser corajosa, mas os horrores iam saltando da escuridão e se lançavam sobre nós. Terrores como brócolis, a escada para o porão e o aspirador de pó da vovó. Meu coração batia tão forte que eu mal conseguia respirar, mas me controlei e me certifiquei de que a Tristeza fizesse o mesmo. Andamos na ponta dos pés para não atrair a atenção de nada assustador, mas cada passo que dávamos produzia ruídos.

— Dá pra não fazer barulho? — sibilei impaciente.

— Não dá... — a Tristeza sussurrou de volta.

Então, olhei para baixo para ver o que era tão barulhento e os vi.

Papéis de balas.

De um amigo imaginário que chorava balas? Suspeitei que sim. Seguimos a trilha dos papéis e encontramos Bing Bong. Ele estava em uma cela de prisão... feita de balões.

— Bing Bong! — gritei.

— Shhhh! — Bing Bong me alertou. Ele apontou para baixo. Sua cela na prisão estava sobre a barriga de um palhaço gigante adormecido!

Reconheci o palhaço e estremeci. Ele foi a diversão na festa de aniversário do primo da Riley, há muito tempo. Seu rosto era mortalmente branco; seus horríveis olhos pequenos e malignos; e sua boca se espalhava em um sorriso vermelho grande de uma maneira desumana.

Devia ser dez vezes maior do que na vida real e tão assustador quanto.

— É o Jangles — sussurrei com voz trêmula.

— Parabéns pra você... Parabéns pra você... — o palhaço murmurava repetidamente em seu sono.

Seus cachos azuis brilhantes esvoaçavam cada vez que ele exalava.

— Você tá com as memórias? — perguntei para Bing Bong.

Ele as entregou para mim e as abracei forte. Graças a Deus elas estavam seguras!

— Ele só queria as minhas balas — disse Bing Bong baixinho. — Então, torceu esta gaiola de balões de festa e me trancou dentro.

Eu precisava ajudar Bing Bong a escapar. Separei as barras da gaiola de balões, mas elas guinchavam tão horivelmente que eu tinha certeza de que Jangles iria acordar. Nós congelamos quando o palhaço gigante fungou e bufou... mas logo ele estava respirando profundamente de novo, e libertamos Bing Bong. Estávamos livres para ir, mas, assim que começamos a fugir, percebi uma coisa. *Espera. O trem não está funcionando.* Parei e me virei para a Tristeza.

— Acordar a Riley é prioridade — eu disse.

— Mas como? — perguntou a Tristeza.

Olhamos para o palhaço e sabíamos o que tínhamos que fazer.

— Oh, não — murmurou Bing Bong.

Caminhamos até Jangles e apertamos o seu nariz de buzina. Os olhos do palhaço se abriram. Ele se levantou, elevando-se sobre mim até que me senti pequena como uma formiga.

— E-ei, Tristeza, não é hora do pa-parabéns pra você?—eu disse.

— Ohhhh, si-sim. Sim, Alegria. Tá na hora do pa-parabéns pra você — disse a Tristeza.

— Você disse... parabéns? — Jangles olhou de esquelha.

— Sim! — confirmei para ele. — E vai ter bolo e presentes e...

— E jogos e balões... — acrescentou a Tristeza.

— Um *ANIVERSÁRIO*? — Jangles rugiu. Ele puxou uma marreta grande o suficiente para me achatar com um golpe.

— Ok! — encorajei-o. — Por aqui!

Corri o mais rápido que pude, a Tristeza e Bing Bong logo atrás de mim. Apressamo-nos até os portões do Subconsciente. Jangles derrubou os portões com sua marreta, aterrorizando os guardas, que fugiram e não tentaram nos impedir. Corremos todo o caminho de volta ao estúdio da Produção de Sonhos, onde apontei a parede externa para Jangles.

Jangles demoliu a parede com sua marreta, depois se inclinou para a câmera com seu sorriso perverso e cheio de dentes.

— ÚHHH! MEUS PARABÉNS! — ele rugiu.

Vi o dial girar de imediato para a posição “acordar”. A Riley estava desperta!

— Uhul! — gritei.

A Tristeza e eu fizemos uma dancinha feliz. Missão cumprida!

— Legal, vambora! — disse Bing Bong.

Corremos para o Trem do Pensamento, deixando uma grande confusão atrás de nós. Jangles estava rindo loucamente enquanto destruía os sets. O pior pesadelo de todos!

Quando chegamos ao trem, ele já estava se movendo a toda velocidade. Corremos o mais rápido que podíamos e saltamos a bordo do último vagão.

— Ha, ha! Conseguimos! Quem está indo pra sala de comando?

— exclamei, agarrando a Tristeza e girando-a em comemoração.

— Nós três! — disse a Tristeza.

Uma vez que estávamos todos acomodados no trem, apertados entre as lembranças que seguiam para a Sede, virei-me para a Tristeza.

— Foi uma ótima ideia — admiti — a de acordar a Riley com um susto. Você mandou bem.

— Ah, é? — a Tristeza perguntou.

— Arrasou — eu disse.

Bing Bong pegou uma das esferas de lembrança que estavam sendo transportadas no trem. Era a lembrança da árvore retorcida — uma das minhas favoritas! A Riley tinha acabado de jogar hóquei e estava de pé ao lado daquela grande árvore retorcida perto do lago, quando todo o seu time de hóquei apareceu e começou a festejá-la. A mamãe e o papai estavam lá animando-a também... a Riley estava tão feliz e rindo!

Amei.

— Uau, essa é a Riley? — Bing Bong perguntou.

Confirmei. Esqueci que ele não brincava com a Riley desde que ela tinha três anos.

— Ela tá bem grandona, não cabe no meu foguete — disse Bing Bong. — Ir pra lua? Nem pensar!

A Tristeza também estivera assistindo à lembrança.

— Lembro-me daquele dia — disse ela. — Essa aí eu também adoro.

Eu não conseguia acreditar. A Tristeza realmente gostava de uma lembrança feliz?

— Que legal! — gritei com animação. — É assim que se fala!

— É... — a Tristeza suspirou. — Foi o dia em que os Feras do Gelo acabaram perdendo a final. A Riley perdeu o último lance. Ela ficou mal. Quis desistir...

A Tristeza notou a expressão de desânimo no meu rosto.

— Xi... — disse ela. — Fiquei triste outra vez, né?

— Tá tudo bem. Depois continuamos com esse trabalho, tá?

A Tristeza concordou com um débil sorriso.

Coloquei a lembrança da árvore retorcida na sacola com as memórias base. Achei que seria ótimo tê-la na sala de comando. Sonhei acordada sobre como seria maravilhoso voltar à Sede e

colocar tudo de volta ao normal, mas foi então que ouvi um horrível *CREK*. O trem inteiro estremeceu. Eu me virei e vi a Ilha da Honestidade desmoronar e afundar no nada!

— NÃO! — gritei, mas minha voz foi engolida por mais rangidos e guinchos enquanto a ilha em ruínas sacudia tudo ao nosso redor com tanta violência que todo o Trem do Pensamento despencou dos trilhos!

Bing Bong, a Tristeza e eu gritamos quando o trem caiu. Nós batemos e caímos entre os penhascos da mente da Riley... pousando de volta onde tínhamos começado.

— Era o único caminho! — lamentei. — Perdemos outra ilha... qual é o problema?

Então, uma das Mentalúrgicas que tinha vindo para limpar depois do acidente disse:

— Ouvi dizer... que a Riley vai fugir.

Eu não conseguia nem falar. A Riley não é assim, ela jamais fugiria. A Riley era *feliz*! Por que tudo estava desmoronando?

— Alegria, ainda dá pra parar ela, se correremos — disse a Tristeza.

Sim, ela estava certa. Precisávamos sair dali. Tínhamos que ir para outra ilha, e depois para a sala de comando. Mas que ilhas sobraram? Olhei em volta, desesperada, até que vi.

— A Ilha da Família — eu disse. — Vamos!

Corremos o mais rápido que podíamos em direção à Ilha da Família, mas ela já estava começando a tremer e desmoronar.

— Não! — gemi. — Esse é o único caminho!

Então, vi uma das prateleiras das Memórias de Longo Prazo se partir, expondo um recordatubo! Isso nos levaria diretamente de volta à Sede. Todos nós corremos em sua direção. A Ilha da Família estava desmoronando ao nosso redor, então, não tínhamos tempo. Entrei no recordatubo, segurando a sacola de memórias base com força. A Tristeza se espremeu no tubo bem ao meu lado, mas o espaço ficou muito apertado. Ela comprimiu as memórias base, e quando espiei dentro da bolsa, vi que elas haviam começado a ficar azuis!

— Ôu, ôu! — esbravejei. — Tristeza, para! Você pode magoá-la!

Peguei uma das memórias base para mostrar para a Tristeza como elas estavam mudando, e ela recuou, atordoada.

— Se você vier junto, as memórias vão ficar tristes — expliquei.

Olhei para a Tristeza, depois para as lembranças e depois para a Ilha da Família, que estava quase acabando. Por um momento, fiquei paralisada — não sabia o que fazer! Então, pensei na Riley e sabia que havia apenas uma escolha.

— Desculpa. A Riley precisa ser feliz — disse para a Tristeza. Coloquei a esfera de lembrança de volta na bolsa, selei-a bem e fechei o recordatubo. Comecei a subir pelo tubo... sozinha.

Infelizmente, o tubo não era forte o suficiente para suportar o terremoto da Ilha da Família caindo aos pedaços. Quebrou-se e caí exatamente quando o solo abaixo dos tubos cedeu e desabou.

A Tristeza entrou em pânico e saltou para trás, afastando-se da nova fenda. Bing Bong saltou para a frente e estendeu a mão para mim. Mas ele acabou caindo também.

Não sei por quanto tempo caí. Pareceu uma eternidade. Então, aterrissei com um baque. Quando abri os olhos, vi apenas uma luz fraca vindo de cima e mais esferas de lembrança do que eu já tinha visto em um só lugar. Elas não pareciam tão brilhantes quanto a maioria das esferas de lembrança, mas talvez ainda estivesse me acostumando à escuridão. O pânico se apoderou de mim quando percebi que tinha deixado cair a sacola de memórias base, mas então as vi a alguns metros de distância e rapidamente coloquei a bolsa no ombro.

Olhei para cima. O que vi quase me tirou todas as minhas esperanças. Estava tão mergulhada no Lixão das Memórias que mal conseguia ver a luz de cima.

— Não, não, não, não! — choraminguei. Tentei subir uma colina de lembranças, mas era muito baixa para chegar ao topo e muito íngreme para escalar. O que aconteceu é que simplesmente deslizei de volta para baixo. Não conseguia parar de tentar, no entanto. Uma vez atrás da outra, esforcei-me para subir, mas sem conseguir chegar mais alto nem mais perto daquela luz lá em cima.

— Alegria? — uma voz chamou. — Alegria.

Era Bing Bong. Eu tinha esquecido que ele havia caído lá comigo.

— Alegria, ainda não sacou? Já era pra nós. Nos esqueceram — disse Bing Bong.

Esquecidos?

Não, isso não podia estar certo.

Olhei para as lembranças aos meus pés. Elas me pareceram mais escuras do que o normal, mas...

De repente, uma desvaneceu por completo.

Perdida.

Esquecida.

Eu havia falhado pela primeira vez na vida e minhas entranhas estavam se revirando loucamente. Então, vi a memória de base azul caída no chão. Era a lembrança da Riley chorando na frente de sua classe. Eu a peguei e observei as lágrimas escorrendo pelo rosto da Riley. Caí de joelhos e comecei a chorar. Meu coração estava partido. Havia tantas lembranças desbotadas ao meu redor. A maioria delas era de momentos tão pequenos que eu nem pensava neles há anos. Assisti a Riley com dois anos de idade colocando a língua para fora enquanto estava pintando.

— Eu só queria que Riley fosse feliz — falei para Bing Bong —, só que...

Solucei. Não acho que já havia chorado antes.

Talvez uma ou duas fungadas quando a Riley se machucou, mas agora era diferente. Era como se todo o meu corpo estivesse transbordando e se derramando pelas minhas lágrimas. Bing Bong sentou-se ao meu lado e esfregou minhas costas um pouco, mas as lágrimas continuaram vindo até eu não ter mais nada para chorar. Quando terminei, eu me senti como uma esponja de banho espremida.

Olhei em volta. Lembranças desbotadas continuavam desaparecendo. A cada segundo, mais pedaços do passado da Riley iam embora. Era horrível demais de ver. Tirei minha lembrança favorita da bolsa — aquela na árvore retorcida. Comecei a assistir, mas uma última lágrima caiu na esfera. Quando a enxuguei, a cor da lembrança mudou de ouro... para azul.

Foi estranho. Isso nunca tinha acontecido antes. A Tristeza fez algo com essa lembrança?

A imagem na tela não era mais familiar. A Riley não estava com toda a equipe; estava sentada no galho da árvore retorcida com a mamãe e o papai, e ela parecia... triste.

Devo ter rebobinado a memória quando enxuguei a lágrima. Rebobino mais ainda. A Riley está sozinha, sentada na árvore e chorando... soluçando, assim como eu estava um segundo antes.

Recordei-me do que a Tristeza havia dito sobre aquela lembrança: que a Riley havia perdido a chance de vitória no jogo e se sentiu tão mal que queria desistir. Então, a mamãe e o papai vieram falar com ela — por causa da Tristeza! Eles vieram falar com a Riley por causa da Tristeza. Minha lembrança feliz favorita inteira... não teria acontecido se a Tristeza não tivesse levado a mamãe, o papai e a equipe a confortar a Riley — da mesma forma que a Tristeza confortou Bing Bong na Terra da Imaginação.

A Riley precisou da Tristeza. Da mesma forma que ela precisava de mim. Na verdade, talvez a Alegria da Riley fosse ainda mais alegre porque ela também tinha a Tristeza em sua vida.

Foi louco o suficiente para fazer minha cabeça querer explodir, mas, de repente, eu sabia com certeza que era verdade. Eu tinha que encontrar a Tristeza e trazê-la de volta para a sala de comando imediatamente!

— Vamos, Bing Bong! — gritei, pondo-me de pé. — Temos que voltar lá para cima!

— Alegria — disse ele com pesar —, estamos presos aqui. É como se fosse outro planeta.

Outro planeta. Sim! Outro planeta! Bing Bong queria levar a Riley à lua em seu foguete... um foguete que já foi jogado no lixão e funcionava com o poder da música! Comecei a cantar o mais alto que pude. Demorou um pouco, mas então ouvimos o foguete apitando de volta para nós! Corremos para ouvir o som e vasculhamos as lembranças desbotadas até que o encontramos. Então, nós o arrastamos para o local perfeito, um lugar no lixão com duas colinas gigantes de lembranças: uma que poderíamos descer para ganhar velocidade e outra que poderíamos subir para nos arremessar para a saída. Se conseguíssemos fazer com que o foguete se movesse rápido o suficiente, poderíamos voar alto do

topo da segunda colina até os penhascos das Memórias de Longo Prazo!

Puxamos o foguete até o topo da primeira colina e subimos nele. Enquanto descíamos, Bing Bong e eu cantamos sua música-tema. O foguete ganhava potência a cada palavra. Ele roncou de volta à vida, ganhando velocidade enquanto descia uma colina e subia a outra. Ele estava se movendo tão rapidamente no topo da segunda colina que se elevou no ar...

... e voltou ao chão muito antes de chegar perto da borda do penhasco.

Eu não podia desistir, no entanto. Bing Bong e eu arrastamos o foguete de volta até a primeira colina. Cantamos ainda mais alto, ainda mais forte, e o foguete parecia mais poderoso sob nossos corpos. Só sabia que desta vez conseguiríamos.

Só que não. Caímos de novo. Precisávamos de algo a mais — uma forma de obter mais energia —, mas eu não sabia o que fazer.

— Vem, Alegria, de novo — disse Bing Bong. — Estou com um pressentimento bom.

Então, tentamos novamente. Fizemos as coisas de forma um pouco diferente desta vez. Bing Bong encontrou a colina de lembranças mais íngreme e arrastamos o foguete até o topo. Nós dois subimos no foguete e cantamos a música de Bing Bong, e, quando o foguete ganhou vida, cantamos ainda mais alto. Descemos a primeira colina e subimos a segunda. De repente, parecia que disparamos para a frente com um impulso extra de energia. O foguete voou do topo daquela segunda colina, ergueu-se no ar...

... e realizou o salto! O foguete voou para fora do lixão e pousou na beirada do penhasco.

Bing Bong e eu fomos salvos!

— Uhu! — comemorei — Bing Bong, até que enfim! Nós...

Mas, então, eu me virei e percebi que Bing Bong havia sumido.

— Bing Bong? — chamei-o. — Bing Bong!

Ouvi risadas. Olhei para o Lixão das Memórias.

Ele estava lá. Bing Bong. Estava dançando e sorrindo e mais feliz do que já o tinha visto.

— lá-ha-ha! — ele festejou. — Vai! Salve a Riley! Leve ela pra Lua por mim, tá?

Ele acenou um adeus... então, desapareceu.

O amigo imaginário de Riley se foi para sempre.

— Vou tentar, Bing Bong. Prometo — eu disse.

De repente, entendi. Era por isso que o foguete foi tão rápido na segunda colina. Bing Bong havia saltado. Ele se sacrificou por mim. Pela Riley.

Foi a coisa mais amorosa que já vi alguém fazer.

Eu queria ter um momento para sentar lá e pensar sobre ele, mas o mundo ao meu redor começou a roncar, e eu sabia que não tinha tempo. Precisava voltar para a sala de comando, mas, antes, tinha de encontrar a Tristeza. Mas onde? Corri de volta para as prateleiras das Memórias de Longo Prazo e percebi que todas as lembranças nas prateleiras de baixo eram azuis — como se alguém muito triste tivesse passado as mãos sobre elas enquanto andava.

— Tristeza! — chamei e saí correndo, seguindo o rastro azul. Logo a encontrei, bem à frente, e sabia que ela viria correndo ao meu encontro quando a chamasse, e poderíamos chegar à Sede imediatamente.

— Tristeza! Tristeza!

A Tristeza se virou e me viu, mas, em vez de correr em minha direção, ela fugiu.

— Tristeza! — gritei.

— Vou embora — disse ela. — A Riley vai ficar melhor sem mim.

— Volta aqui! — chamei, mas a Tristeza ainda estava correndo, e ela tinha uma grande dianteira. Eu a persegui por todo o caminho pelas Memórias de Longo Prazo e pela Terra da Imaginação. Eu a perdi de vista no Bosque das Batatas Fritas e depois a encontrei novamente na Cidade das Nuvens, mas ela agarrou uma nuvem e flutuou alto demais para que pudesse alcançá-la. Logo ela estava pairando sobre o que restara da Ilha da Família, que, a esta altura, não passava de escombros e da cama elástica que costumava sustentar toda a estrutura.

A cama elástica...

De repente, tive a ideia mais maluca de todas na história das ideias malucas. Corri para o Gerador de Namorados Imaginários que tinha visto antes, quando Bing Bong levou a Tristeza e eu para um tour pela Terra da Imaginação. O namorado ainda estava deprimido sobre ele, arrancando pétalas de uma flor.

— Ei, olha aqui! — eu disse. — O que você falou era sério?

— Eu faria tudo pela Riley! — ele gemeu. — Eu faria tudo pela Riley. Eu faria tudo...

— Tá, tá bom — eu o calei. — Hora de provar!

Coloquei o namorado imaginário em minha sacola sem fundo e liguei o gerador para produzir cada vez mais deles. Enquanto os namorados rolavam pela esteira, eu ia pegando um por um e guardando na minha sacola. Então, corri ao longo da beirada do penhasco em direção à Ilha da Amizade. Assim que avistei a Tristeza, alinhei-me com ela e despejei todos os namorados imaginários da sacola. Eles rapidamente se empilharam abaixo de mim — apoiando-se nos ombros um do outro — até formarem uma torre muito instável. E eu estava no topo!

— Uau! — berrei. A torre estava tão instável que quase caí! — Isso é loucura, isso é loucura... — murmurava para mim mesma. — Não, não, não, calminha!

Cometi o erro de olhar para baixo novamente.

— Ah, chega! Calminha o caramba — eu disse.

Olhei para a cama elástica na Ilha da Família, depois para a Tristeza flutuando logo atrás dele e, então, para a sala de comando bem acima dela. Se eu apenas cronometrasse tudo corretamente.

— AGORA! — gritei.

Todos os namorados imaginários se inclinaram para a frente, lançando-me na cama elástica da Ilha da Família.

Quiquei nele, então voei no ar na trajetória perfeita para pegar a Tristeza.

— Alegria? — ela disse, surpresa.

— Segure-se! — gritei, porque ainda não tínhamos terminado. Estávamos subindo, subindo, subindo... até que *atingimos* a janela da Sede.

Rapidamente, deslizamos para *baixo* pela janela e, no último segundo, agarramos o parapeito. Então, consegui estender a mão e bater na janela até que vi o Medo, o Raiva e a Nojinho se aproximando. Todos estavam com os olhos arregalados de choque.

Foi quando percebi um pequeno erro no meu plano. As janelas da sala de comando não abrem!

Como eles iriam nos deixar entrar?

Sinceramente, não tenho ideia de como isso aconteceu, mas, de repente, um buraco circular gigante apareceu na janela, grande o suficiente para a Tristeza e eu passarmos.

— Graças a Deus você está de volta! — o Medo gritou.

Olhei para além dele e vi o que estava acontecendo com a Riley na tela de visualização.

Ela estava em um ônibus sozinha. Fugindo.

E eu sabia que, só, não conseguiria impedi-la.

— Tristeza — eu disse —, é com você.

— E-eu? — ela perguntou. — E-eu não posso.

Mas eu sabia que ela podia. Levei-a para o console.

Era a vez dela de dirigir. Ela colocou a mão sobre os controles e removeu a lâmpada da ideia. O rosto da Riley mudou. Foi de franzido e zangado para lânguido e triste. Seus olhos se encheram de lágrimas. E, depois de um minuto, ela se levantou de um pulo e disse ao motorista para parar o ônibus porque queria descer. O motorista do ônibus obedeceu e a Riley correu todo o caminho para a casa.

A mamãe e o papai haviam ficado tão preocupados que não sabiam se deveriam abraçar a Riley ou gritar com ela quando ela chegasse, mas eu sabia o que fazer. Entreguei para a Tristeza todas as memórias base da Riley, aquelas que eu estivera protegendo todo esse tempo. Quando a Tristeza as tocou, elas ficaram completamente azuis. E, conforme ela colocava cada memória no projetor, a Riley se lembrava de cada uma delas. Ela se lembrou de fazer biscoitos com a mamãe e o papai quando era pequena. Ela se lembrou de correr pela sala de estar com a calcinha na cabeça e do papai persegui-la com uma toalha. Ela se lembrou da época em que

marcou seu primeiro gol no hóquei e quando costumava patinar no lago congelado com a mamãe e o papai.

A Riley se lembrou de todos esses momentos e começou a chorar.

— Sei que essa é a casa de vocês — ela soluçou —, mas não é a minha, não. A minha é em Minnesota. Não perguntaram pra mim, mas... eu só quero os meus amigos, e o meu velho time. Quero ir embora... Mas não fiquem bravos.

Eles não estavam. A mamãe e o papai viram como ela estava triste e apenas a confortaram. Eles disseram que sentiam saudades de casa também. E, embora todos os três estivessem realmente tristes, eles estavam tristes juntos.

E isso era, de certa forma... alegre.

Enquanto a Riley, a mamãe e o papai se abraçavam, dei à Tristeza sua memória base azul, que recuperei do Lixão das Memórias. A Tristeza sorriu para mim e segurou minha mão. Ela me levou até o console e colocou minha mão ao lado da dela, para que pudéssemos operá-lo juntas.

CLANG!

Eu conhecia aquele som maravilhoso. Uma nova memória base estava sendo criada! E era como nenhuma outra lembrança que tínhamos visto antes. Em vez de ser de uma única cor, essa memória base era azul e dourada, num redemoinho conjunto. As outras Emoções e eu olhamos com admiração enquanto a nova esfera de memória base rolava para a sala de comando e se acomodava no suporte. Então, uma linha de luz emergiu da parte de trás da Sede para o Mundo da Mente, gerando uma Ilha da Família totalmente nova! Era muito maior e ainda mais bonita do que a original.

Descansei a cabeça na Tristeza, e nós duas sorrimos. A Riley ficaria bem agora. E nós também.

Você sabe, isso foi há pouco tempo, e, desde então, as coisas mudaram muito na antiga Sede. As memórias base? Elas não são mais todas amarelo-dourado. Cada uma é feita de redemoinhos de todas as nossas cores. E isso teve um grande impacto nas novas

Ilhas da Personalidade. Todas elas cresceram de volta agora e estão melhores do que nunca!

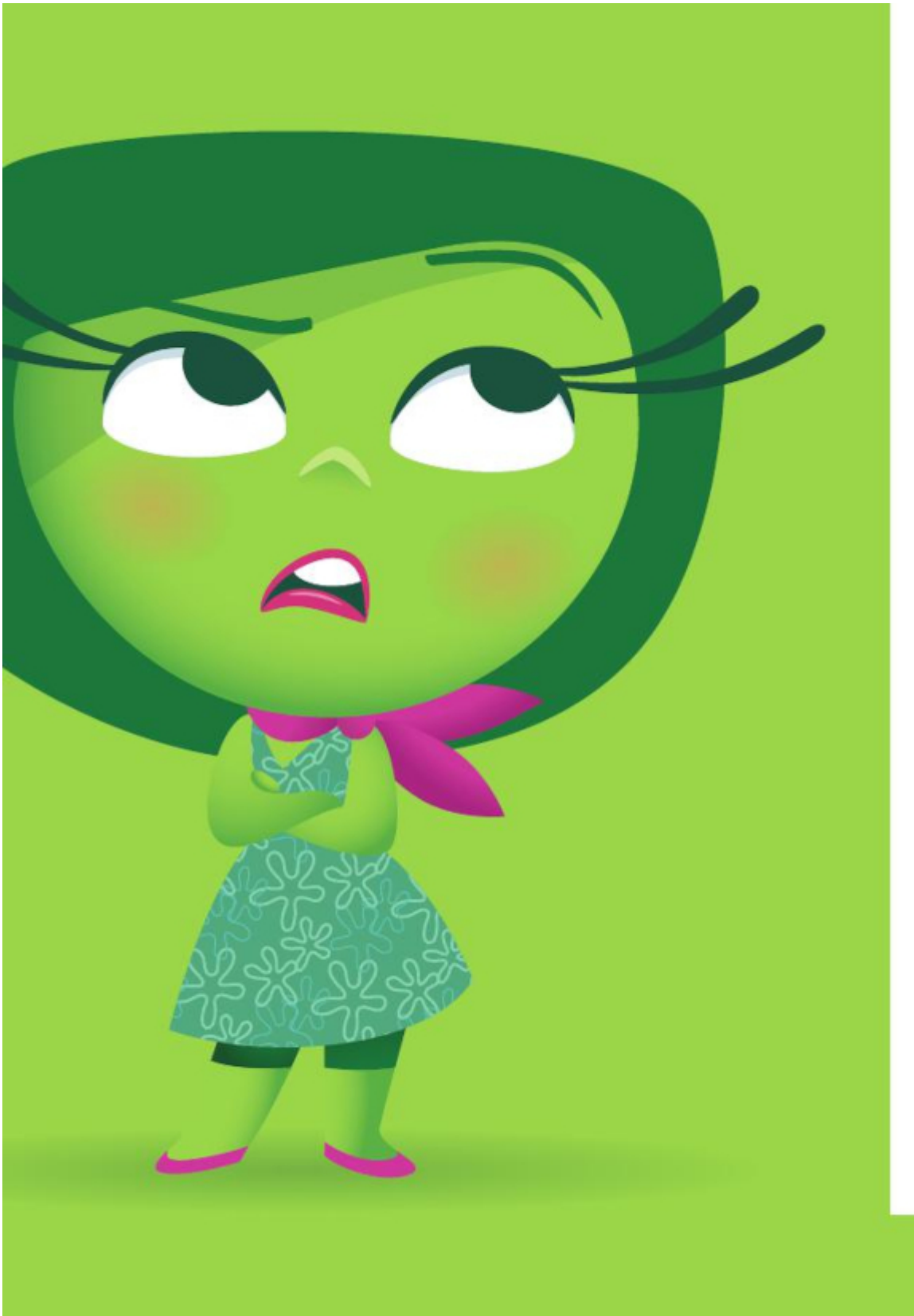
A Ilha da Amizade se expandiu e recentemente abriu uma seção de Discussão Amigável, que o Raiva adora. A Tristeza tem uma predileção particular pela Ilha dos Romances Trágicos de Vampiros. Tem a Ilha das Boy Bands... esperamos que esta seja apenas uma fase, mas, sinceramente, estou emocionada com tudo isso. E ainda temos um novo console expandido com muitos tipos de botões, alavancas e dispositivos.

A melhor coisa sobre ele é que tem espaço para nós cinco dirigirmos juntos ao mesmo tempo. Acontece que formamos uma equipe incrível.

Tudo está fantástico. E sinto que realmente temos tudo sob controle agora, assim como a Riley. Passamos por um montão de coisas, mas amamos nossa garotinha. Ela fez novos amigos, a casa nova é legal... não podia estar melhor. Afinal, a Riley fez doze anos agora. O que poderia acontecer?



Nojinho





Argh, ok, acho que devo contar a vocês sobre a grande mudança para São Francisco e como a Alegria, a Tristeza, o Raiva, o Medo e eu acabamos trabalhando juntos em um grande console (um console que não respeita nem um pouco o nosso espaço pessoal, se você quer saber). Tudo bem. Tanto faz. Aí vai.

Tudo começou quando a Riley era um bebê. Foi quando apareci e, sério, não tenho certeza de como a garota se virava sem mim. Pelo que ouvi, estavam alimentando a Riley com coisas verdes misteriosas e molengas antes de eu entrar em cena, e isso é *inaceitável*. Cheguei lá na época da comida sólida e, acredite, se não tivesse uma cor viva ou a forma de um dinossauro, eu não deixaria a Riley comer de jeito nenhum. Brócolis, por exemplo? Era para cuspir imediatamente.

Então, era desse jeito que a vida seguia e tudo funcionava bem para a Riley, porque eu estava sempre pronta para intervir e salvá-la de qualquer coisa nojenta, incluindo roupas fora de moda e música ruim. Não no meu turno.

Aí veio a notícia de que estávamos nos mudando de Minnesota para São Francisco.

Tá de brincadeira?

Em primeiro lugar, fizemos a viagem numa perua. *Ninguém* fica bem em uma perua. Por que a mamãe e o papai não alugaram um conversível incrível para a viagem? E, para piorar as coisas, ficamos *naquela* perua por uma eternidade. Você tem ideia de quantos cheiros três pessoas geram quando estão em um espaço pequeno

por tanto tempo? Um nojo! Então, finalmente chegamos a São Francisco... hum... você já viu esse lugar? Todos aqueles murais nas paredes, como se alguém quisesse ver arte pública ruim. Juro, alguns dos prédios pareciam feitos de lixo e as ladeiras... Com aquelas ladeiras não dá. Simplesmente não dá.

Então, chegamos à cidade, e aí encontramos a nova casa da Riley, que era basicamente uma abominação de sujeira e fuligem junto com saliva de cupins. Esse era o lado de fora. Cheirava como se algo tivesse morrido lá dentro. Você sabe por quê? Porque algo de fato o fez. Vimos um *rato morto*. Inadmissível. A única coisa que faria tudo ficar bem, mesmo que remotamente, seria uma higienização completa seguida de um grande plano de decoração que envolveria cada um dos pertences mais fofos da Riley, mas, quer saber? O caminhão da mudança com todos os tais pertences desaparecera. Horripilante ao quadrado. O que nos deixou sem nenhuma barreira entre nós e a apertada cela de prisão que agora era o quarto da Riley.

A Alegria achou que nos sentiríamos melhor se tivéssemos um ótimo almoço e sugeriu uma pizzaria que vimos no caminho para a cidade. Amo pizza. Está totalmente na minha lista de itens aceitáveis, especialmente se tiver queijo, que é pegajoso o suficiente para esticar, mas não tão pegajoso que se rompa e fique pendurado no queixo da Riley até parecer que ela está cuspidando. Mas essa pizzaria de São Francisco? Coloca *brócolis* na pizza! Isso não é comida, é tortura! E era a única opção no cardápio. Eu não tinha certeza do que fazer primeiro: pegar meu saco de vômito ou ligar para o fiscal de saúde e comunicar que o lugar estava despejando veneno.

O veredito claro? Mudar para São Francisco foi um terrível desastre e a pior decisão que a mamãe e o papai já tomaram. O Medo, o Raiva e eu estávamos mais do que chateados, mas então a Alegria nos mostrou algumas lembranças hilárias, e foi muito divertido. Se eu tivesse podido simplesmente assistir a elas, teria me esquecido completamente do Monstro da Pizza de Brócolis, e tudo estaria bem.

Mas, então, algo estranho aconteceu. Estávamos todos olhando para uma lembrança engraçada quando, de repente, tudo ficou azul e triste. Não faz sentido, certo? Aí nos viramos e vimos a Tristeza tocando a lembrança. Fiquei completamente enojada. Quero dizer, a lembrança era a do papai se esquecendo de puxar o freio de mão da perua e deixá-la rolar direto para a cauda de um dinossauro. Isso é fantástico! Mas a Tristeza a tinha destruído!

— Mandou bem — eu disse. — Quando a Riley se lembrar daquele momento, vai ficar triste. Boa!

A Tristeza nunca tinha afetado muito a sala de comando antes. Sério, ela era como uma chateação azul. E não apenas deixava poças de lágrimas no chão, como estava começando a mudar lembranças felizes para tristes! Um nojo. Entendi totalmente quando a Alegria disse à Tristeza para manter suas patas *longe* das lembranças.

Ao mesmo tempo, se a Tristeza estava surtando, eu também entendia *isso* totalmente. Não gostei nadinha dessa mudança, tampouco. E, naquela noite, em vez de dormir em seu próprio e belo quarto em Minnesota, a Riley estava em um saco de dormir no chão de seu novo quarto: minúsculo, apocalíptico, cheio de poeira e ratos. Argh! Eu estava superando isso. Totalmente superando. Então, a mamãe veio dar um beijo de boa-noite na Riley e disse: “Obrigada, Riley, por estar tão alegre enquanto toda a nossa vida apodrece e tomamos essa decisão horrível de nos mudar para este lugar maldito”. Posso estar parafraseando. O que quero dizer é que ela foi muito legal sobre a atitude da Riley diante de toda essa mudança e reviravolta, então, senti que a Alegria sabia o que estava fazendo com todo aquele seu acordo de ficar-feliz-não-importa-o-que-aconteça.

Fui para a cama depois disso. Todo tempo que eu pudesse não ficar acordada na *infeli-cidade* de São Francisco era um tempo bem gasto. Além disso, eu precisava descansar. O dia seguinte era o primeiro dia de aula, que é basicamente um experimento gigante de terror social. Eu tinha que deixar a Riley completamente preparada com a roupa certa e as coisas certas para dizer se ela quisesse se enturmar com as crianças legais e sobreviver minimamente.

Na manhã seguinte, todos nós nos reunimos na Sede e a Alegria nos deu tarefas.

— Nojinho — ela disse —, tem que destacar a Riley, só que nada muito metido.

Oh, por favor. Como se eu já não estivesse nisso como algas em uma piscina suja.

— Aposto que a Riley vai estar tão poderosa — respondi — que as invejosas vão querer sumir.

Dei conta da minha parte *totalmente*. A Riley estava usando uma roupa superfofa, uma mochila bacana com um padrão descolado e um cabelo estiloso que balançava de um lado para o outro enquanto ela andava. A Riley entrou na escola com confiança e uma arrogância apenas suficiente para *intrigar* outras crianças, não afastá-las. Ela tinha um sorriso que expressava “Sou divertida” em vez de “Estou desesperada”. Ela estava pronta.

— Ali, galerinha descolada na área — eu disse, enquanto observava o progresso da Riley na tela grande.

— Sei não... — a Alegria perguntou.

— Saca só os piercings, o cabelo azul... — Por favor. Era tão óbvio. Então, elas se viraram e olharam para nós, e uma delas estava usando sombra nos olhos. — Tá — eu disse para a Alegria —, temos que colar nelas.

Então, a Alegria disse que queria puxar papo com elas! E fiquei tipo, “Quê!? Que mané *papo* o quê! A gente tem que causar”.

A Riley também apostava nisso. E estava se saindo muito bem em ser legal. Mesmo quando a ridícula da professora a fez passar pela tortura de falar sobre si mesma na frente da classe inteira — tanto faz —, a Alegria tinha tudo sob controle. Ela se recordou de uma lembrança da Riley e seus pais patinando juntos. Então, a Riley começou a falar sobre Minnesota e sobre jogar hóquei. Isso marcou altos pontos no quesito “ser uma garota legal”, eu poderia dizer.

Então, do nada, ela ficou toda fungando e triste.

— A gente vai pro lago todo fim de semana. Ou, pelo menos, ia — a Riley disse. — Eu me mudei...

Nossa tela de visualização na sala de comando ficou completamente azul. Todos nós nos viramos e pegamos a *Tristeza*

com as mãos na esfera da lembrança. Tipo, o que ela estava pensando?! Ela não podia deixar a Riley *triste* em um momento crucial como aquele! Ela estava praticamente no palco, realizando um teste para fazer parte da hierarquia social e, graças à Tristeza, ela agora estava totalmente perdida. A Alegria apertou freneticamente os botões do console para remover a esfera do projetor, mas ela não se mexeu! E a Riley estava desmoronando.

— Costumávamos brincar de pega-pega e outras coisas... — ela fungou.

Pega-pega?! Não se fala sobre um jogo de bebê para seus novos colegas! Examinei a sala ao redor da Riley. A coisa estava feia.

— Escutem aquele cochicho — eu disse.

Alguém precisava fazer alguma coisa. A Alegria, o Medo, o Raiva e eu tentamos tirar a lembrança presa do projetor, mas ela não se mexia!

E a Riley, enquanto isso? Aos prantos, soluçando. A coisa estava *muito feia*. Foi um momento do qual todos os que estavam assistindo ainda estariam falando em sua reunião de vinte anos do colégio. “Lembra aquela perdedora que chorou na nossa frente no primeiro dia de aula?”.

Sim, é para onde estávamos caminhando. E, para completar, a Tristeza agora estava dirigindo o console. A Alegria finalmente arrancou a lembrança presa do projetor e puxou a Tristeza do console. Foi então que aconteceu. Oh, sim. Todos nós vimos aquilo rolar para a Sede.

— É uma memória base! — o Medo lamentou.

— Mas é *azul*! — observei com desdém. Quero dizer, sério, desde quando a Riley tem lembranças azuis? Ela não tem. São todas amarelas. O azul nem combina com o esquema de cores do suporte das memórias base. É evidente que a Alegria concordava comigo, porque ela correu para o suporte das memórias base e o abriu, fazendo com que a esfera batesse na quina e rolasse para trás.

Então, ela agarrou a memória de base azul e apertou um botão para baixar o tubo de vácuo que envia todas as lembranças para as Memórias de Longo Prazo. Ela iria se livrar daquilo! Mas a Tristeza tentou agarrá-la de volta. A coisa ficou tão louca entre as duas que

elas — e você não vai acreditar nisso — esbarraram no suporte das memórias base e *as cinco memórias base se espalharam*.

Era totalmente estranho vê-las rolando no chão. Gritei, e não há muitas coisas que me façam gritar além de uma cutícula sangrando. Então, *todas* as Ilhas da Personalidade da Riley ficaram apagadas. E isso era um grande problema. São as ilhas que fazem a Riley ser a *Riley*. Se elas não estivessem mais lá, quem ela se tornaria? Era um material e tanto para um filme de terror. E uma vez que filmes de terror geralmente são nojentos, realmente não gostei de para onde as coisas pareciam estar caminhando.

Eu não sabia o que fazer. Fiquei olhando enquanto a Alegria se esforçava para reunir as cinco memórias base amarelas. A Tristeza agarrou a nova memória base azul e tentou colocá-la no suporte das memórias base, mas a Alegria se lançou contra ela! Conforme elas começaram a se empurrar para a frente e para trás, elas chegaram superperto do tubo de vácuo...

E, então, as duas foram sugadas para dentro!

Por um momento, pensei que elas ficariam entaladas e interromperiam a sucção, mas isso não aconteceu. Elas desapareceram completamente. Ninguém sabia onde elas iriam parar... em algum lugar nas profundezas do Mundo da Mente.

O Medo, o Raiva e eu apenas ficamos ali parados por um minuto, observando o local de onde elas haviam partido.

— O que devemos fazer agora? — o Raiva afinal rugiu. — Elas nos deixaram aqui com um dia escolar todo arruinado para cuidar!

— Sei o que fazer! — o Medo exclamou. — Vamos nos enrolar na posição fetal e nos esconder!

Foi o que ele fez. Enrolou-se como uma bola e fechou os olhos, porque acho que ele imaginou que, se não pudesse nos ver, também não poderíamos vê-lo. Não importa.

— Você não está se escondendo, Medo — eu disse. — Vamos, temos que assumir os controles até que a Alegria volte.

— Ela vai voltar? — o Medo perguntou. — *VA/?!*

Revirei os olhos.

— Claro que vai. Para onde mais ela iria?

E sério, nesse meio-tempo, precisávamos fazer algo sobre a Riley. Depois de um pouco de manobras, nós a colocamos de volta em sua carteira escolar e a fizemos desaparecer atrás de um livro. Era um livro didático, o que não era o ideal. Eu teria gostado mais se ela tivesse metido a cara em algum romance pós-apocalíptico supermoderno, de preferência um que houvesse virado filme, mas trabalhamos com o que tínhamos.

Sinceramente, não tivemos muito tempo para fazer um balanço da situação e pensar até a Riley estar jantando. Até então, estávamos apenas trabalhando horas extras para auxiliá-la a passar o dia na escola. O Raiva a fez criar caso com umas crianças que ficavam batucando o lápis na mesa, o Medo a deixou toda assustada quando encontrou teias de aranha em seu armário, e nem vou falar de como lidei com o almoço da lanchonete da nova escola da Riley senão não paro mais. Sopa de tortilha? Uma tortilha é uma fatia achatada de não-pão. Como você transforma isso em uma sopa? Mesmo se você o triturasse e o pulverizasse em uma sopa, não obteria queijo e gosma vermelha com ele. O que era a gosma vermelha, afinal? Graças a Deus, estou aqui para fazer essas perguntas.

Chegou a hora do jantar. A Alegria e a Tristeza ainda não haviam voltado, então, éramos apenas eu, o Medo e o Raiva em uma sala de comando que parecia completamente desolada, sem memórias base. Não era um ambiente de trabalho agradável, e me certifiquei de que o Raiva e o Medo soubessem que eu estava trabalhando sob coação, em condições abaixo das ideais.

O Medo teve uma ideia brilhante, e por brilhante quero dizer absurda. Ele disse que tudo o que precisávamos fazer até que a Alegria voltasse era ser como ela.

— Vamos agir como a Alegria — disse ele.

— Boa ideia — murmurei. — Raiva, Medo, Nojinho... NÓS não temos um pinga de alegria!

Antes que pudéssemos descobrir como fazer isso, a mamãe começou a tagarelar sobre um novo time de hóquei e os testes no dia seguinte. Ela precisava de uma resposta. O Raiva olhou para mim, como se eu soubesse o que fazer.

— Então, o que faremos? — perguntei.

— Vai, finge que você é a Alegria — respondeu o Medo.

ECA. Por favor, alguém me mate. Mas o Medo me empurrou para o console, então, não tive escolha.

— Tudo bem — eu disse. — Tanto faz. — Assumi os controles, e, quando a mamãe começou a falar toda risonha sobre hóquei outra vez (como se nós nos importássemos com hóquei depois do dia que tivemos), fiz a Riley revirar os olhos e dizer: “Ah, sim, vai ser maneiro...”. Então, o Medo começou a me torrar a paciência porque não soei como a Alegria, mas, na boa: eu *não* sou a Alegria.

Pensei que ficaria nisso, mas a mamãe não desistiu. Ela achou que havia algo de errado com a Riley — o que, alô-ô, totalmente havia, mas a mamãe nunca entenderia. Ela começou a fazer muitas perguntas e a procurar respostas profundas e significativas. Eu não estava nem um pouco a fim de lidar com isso, então, virei os controles para o Medo. Vamos deixá-lo bancar a Alegria e ver como as coisas funcionam para *ele*.

Resumindo? Não funcionam. A mamãe perguntou como foi a escola e o Medo fez a Riley basicamente se enrolar em uma bola e se esconder.

— Foi... até legal... acho — disse ela.

Soou *igualzinho* à Alegria. Só que não. O Raiva tentou ser a Alegria. Isso causou um colapso total que fez com que a Riley fosse enviada para o seu quarto sem sobremesa. Desastre completo. Então, um pouco mais tarde naquela noite, o papai entrou no quarto dela para tentar melhorar as coisas. Ele começou a agir como um pateta falando bobagens, o que normalmente faria com que a Ilha da Bobeira fosse iniciada, mas a Ilha da Bobeira estava apagada. E você sabe o que acontece quando você inicia uma ilha quebrada?

Claro que não. Eu também não. Acontece que ela se desintegra e cai aos pedaços. Vimos tudo acontecer da Sede. Então, isso deixou a mente da Riley cheia de quê? Destroços. Escombros em sua cabeça. Quão repugnante é isso? *Obviamente*, precisávamos da Alegria de volta. Ela saberia como limpar o local. Sem ela, estávamos apenas improvisando, e eu não improvisei.

Ainda assim, tínhamos que tentar tocar o barco. Naquela noite, quando a melhor amiga da Riley lá de Minnesota, a Meg, ligou para ela em seu laptop, o Medo, o Raiva e eu estávamos a postos no console. Achei que seria coisa fácil de menina, nada muito difícil. Quero dizer, a Riley e a Meg se conheciam desde sempre. Poderíamos lidar com uma conversa simples.

Mas então você sabe o que a Meg disse? A Riley perguntou sobre o campeonato de hóquei porque ela e a Meg estavam no mesmo time, e a Meg estava toda, “Oh, nós temos uma nova garota no time. Ela manda bem”.

Sério que ela estava dizendo isso para nós? Que comentáriozinho sem noção. Basta jogar sua nova melhor amiga na nossa cara, certo? O Raiva estava furioso. O Medo estava surtando. Eu estava enojada, mas tentei manter o controle porque podia ver pela janela que a Ilha da Amizade estava sofrendo um pequeno terremoto durante a conversa e corria o risco de desmoronar.

Não adiantou. A Meg deixou o Raiva furioso demais. Percebi isso no minuto em que a Meg disse:

— A gente passa o disco sem nem mesmo se olhar, tipo, transmissão de pensamento!

— Você tá de brincadeira! — o Raiva rugiu. — Dá uma transmitida nisso aqui!

— Ei, ei, não! — gritei. — O que você está fazendo?

O Raiva fez a Riley gritar e fechar a tampa do laptop... e perdemos a Ilha da Amizade. Mais escombros na mente.

No dia seguinte, voltamos à escola. Sério mesmo? Quem inventou essa coisa de escola cinco dias por semana? Quer dizer, é um exagero. A Riley já estava precisando de um fim de semana para relaxar. Em vez disso, ela teve que se arrastar por aquele mar de crianças julgadoras. Cada uma delas parou para apontar boquiaberto a nova garota que chorava na aula.

Sim, ok, talvez eles não tenham *de fato* parado e apontado, mas mentalmente eles pararam. Eu podia ver em seus olhos. Especialmente nos olhos das garotas legais. Elas não tinham ideia de quão incrível a Riley realmente era e nunca nos dariam a chance de provar isso. Não mais.

Eu não poderia deixar a Riley lidar com esse absurdo. Certifiquei-me de que ela levasse um livro para a escola. Um bom livro — alguma coisa gigante de aparência intimidadora que a mamãe trouxe de casa na perua. Fiz com que a Riley o abrisse antes de cada aula e agisse como se ela estivesse muito absorta para se importar com o fato de que ninguém queria falar com ela. Funcionou para o almoço também. Ela se sentou em um banco sozinha e manteve o nariz enfiado no livro enquanto escolhia o que comer daquele lixo servido no refeitório. Dessa forma, todos sabiam que ela era descolada demais para se importar com o que um bando de crianças pensava dela.

O lance do livro funcionou para a escola, mas depois das aulas tivemos que lidar com algo mais desafiador: aqueles testes de hóquei que a mamãe havia falado na noite anterior. Os testes poderiam ter sido bons se a Riley tivesse suas memórias base e a Ilha do Hóquei ainda estivesse funcionando, mas ela não tinha e a ilha não funcionava. Estava apagada. Então, o Medo, o Raiva e eu sabíamos o que aconteceria se a Riley tentasse jogar hóquei. As coisas iam ficar muito feias, muito rápido.

Quando chegamos ao ringue de hóquei, olhei rapidamente em volta. Não vi nenhuma das garotas legais lá. Pelo menos, isso foi um alívio. Não queria que elas vissem o que estava para acontecer com a Riley.

— Boa sorte, filha! — a mamãe desejou enquanto a Riley entrava na pista de gelo.

— Isso pode ficar pior? — eu disse para o Raiva e o Medo. — Se ela tentar usar a Ilha do Hóquei, vai desabar.

É assim que parecia funcionar. Se a Riley tentasse ativar uma ilha sem a memória base para alimentá-la, a ilha inteira desmoronaria.

Mas o Medo tinha uma solução. Ele havia recuperado cada lembrança do hóquei em que conseguira pensar para tomar o lugar da memória base. Sim, ele nos mergulhou até os joelhos nas esferas de lembranças.

— Uma dessas tem que funcionar pra servir de memória base — disse o Medo.

Sim. Como se ele soubesse. Mas, ei, tínhamos que tentar. Começamos a bombear memórias de hóquei no suporte das memórias base. O Medo correu para a janela para verificar a Ilha do Hóquei. Até eu podia ver que estava acendendo. Não muito, mas um pouco.

— Ha-ha! — o Medo se animou. — É isso aí! Deu certo...

BOOM! O suporte das memórias base rejeitou completamente uma das esferas de lembrança; estourou como uma bala e acertou o Raiva bem na cabeça.

Eu ri. Só por um segundo. Você totalmente teria rido, também: o pequeno e vermelho Raiva sendo golpeado assim. Mas, então, ele rugiu de volta para o console e ficou — que surpresa — furioso. Ele assumiu os controles e fez a Riley jogar sem nem mesmo pensar, apenas golpeando o disco e... Não vou nem fingir que sei alguma coisa sobre hóquei, mas o que quer que a Riley estivesse fazendo não era jogar hóquei. Era feio e logo ela saiu do rinque e arrancou os patins. A mamãe tentou acalmá-la e dizer que tudo iria ficar bem, o que apenas provou que ela não sabia *nada* sobre o que estava acontecendo na cabeça da Riley.

— Para de falar que tudo vai ficar bem! — a Riley rugiu e então saiu do ginásio.

Você pode adivinhar o que aconteceu com a Ilha do Hóquei, certo? Destroços.

Naquela noite, já nem conseguia mais lidar com a situação.

— Numa escala de um a dez — disse eu —, hoje foi nota... zero.

— Então, vê se para de choramingar e se vira aí! — o Raiva resmungou.

— E fazer o quê? — pressionei-o.

— Sair fora — disse o Medo. — Assim como eu.

Sério. Ele estava mesmo saindo fora. Ele baixara um recordatubo e ia disparar por ele para sabe-se lá onde, como a Alegria e a Tristeza. Mas, claro, esse era o Medo. Ele não conseguia nem desaparecer corretamente. Ele foi sugado até a metade para dentro do tubo, ficou preso e praticamente esmagou o rosto contra o vidro.

Dá para acreditar que eu tenho que viver com esses dois? Também não acredito.

— Emoções não “saem fora”, lesado — eu disse.

— Espera aí — disse o Raiva. — Espera aí! — Ele começou a vasculhar as lâmpadas de ideias da Riley e, em seguida, levantou uma como se fosse algo especial.

— O que é? — o Medo perguntou.

— Hã? Nada... só a melhor ideia do mundo — disse o Raiva.

— Qual? — perguntei.

— As melhores memórias vieram de Minnesota — disse o Raiva.

— Então, voltaremos para Minnesota e acabou! Tchã-ram!

— Pe-pe-peraí! — disse o Medo. — Você quer dizer... fugir?

— Ah, eu não chamaria assim. Chamaria de Programa de Criação de Novas Memórias Base.

Ainda parecia muito nojento para mim. Se for viajar, quero viajar com conforto. Fugir não rima com conforto. Rima com comida barata e ônibus malcheirosos.

Claro, nossa nova casa não era muito melhor. E o Raiva tinha razão, estávamos muito bem em Minnesota.

O Medo sugeriu que dormíssemos para darmos um tempo a fim de refletir melhor. Por mim, tudo bem. O sono de beleza sempre ajudou. Desta vez, porém, não dormi bem. E, quando acordei, o Medo estava tremendo debaixo do console.

— O que aconteceu? — perguntei.

— É que ela tava... t-t-tava sem roupa... — ele balbuciou — e o cachorro... partiu em dois! E-e-e aí apareceu o Bing Bong!

— Seu cabeça! — o Raiva gritou. — Era só um *sonho*! Que palhaçada, não se pode mais nem dormir em paz. Vamos agir. — Ele agarrou a lâmpada de ideia que teve antes, aquela sobre fugir. — Se o pai e a mãe não tivessem inventado de se mudar — ele resmungou —, nada disso teria acontecido.

Ele levou a ideia para o console, onde poderia conectá-la e torná-la uma ideia oficial e viva na mente da Riley.

— Quem está comigo? — o Raiva perguntou.

Pensei sobre isso por um momento. Fugir era muito sério. Mas, sinceramente, as coisas não poderiam ficar piores do que estavam.

— Tá — eu disse. — Tô junto.

O Raiva ligou a ideia ao console e a Riley sentou-se na cama, inspirada. Ela pegou seu laptop.

— Então, como se vai pra Minnesota daqui? — perguntei.

— Ora, é só a gente alugar um elefante, ué, e ir montado nele! — o Raiva resmungou.

Este é o nível do sarcasmo com o qual tenho que lidar. É uma piada.

— O que você acha? — o Raiva continuou. — Nós vamos de ônibus!

O ônibus fedorento e lotado. Jato particular seria mais a minha cara, mas acho que não era uma opção. Para ser franca, eu nem sabia se um ônibus era uma opção.

— Isso custa caro — observei. — Como a gente vai pagar?

— A bolsa da mãe... — falou baixinho o Raiva.

— Você não ousaria fazer isso! — eu disse, boquiaberta.

— Oh, mas é claro que sim — o Raiva me assegurou. — Onde foi que ela deixou mesmo?

Eu nunca pensaria de fato na Riley roubando alguma coisa — ladrões são muito repulsivos —, mas o Raiva tinha razão. A mamãe e o papai haviam nos metido nessa confusão, então, fazia sentido que eles pagassem para nos tirar dela.

O Raiva estava no controle e conduziu a Riley escada abaixo. A mamãe falava ao telefone e a bolsa estava sobre a mesa. Foi muito simples abrir a bolsa, pegar um cartão de crédito e correr de volta para cima. Fiquei muito impressionada. Oh, claro, a Ilha da Honestidade se desfez em pó no minuto em que fizemos isso, mas, a essa altura, o que era uma ilha a menos?

Na manhã seguinte, em vez de colocar livros em sua mochila, a Riley empacotou algumas roupas. Estávamos falando sério sobre fugir agora, e isso deixou a Ilha da Família bastante abalada, mas a mamãe e o papai estavam meio que recebendo o que mereciam nesse sentido. Quero dizer, sério, não foram eles que danificaram a Ilha da Família ao nos mudar? Sim, eu também pensava assim. Claro, a mamãe e o papai agiram muito bem e disseram que nos veriam depois da escola. Mas isso só comprovou quão sem noção

eles eram! Como podiam estar tão alegres? Eles não sabiam quantos problemas haviam causado mudando tudo para nós?

A Riley não foi para a escola naquele dia. Depois que ela arrumou sua mochila (eu me certifiquei de que ela levasse uma boa seleção de roupas — afinal, teria que se virar com muito pouco por um tempo), saiu pela porta da frente sem dizer uma palavra para a mamãe e o papai. Dirigiu-se à estação de ônibus. O ônibus estava programado para partir muito mais tarde, então, tínhamos algum tempo para matar.

O Medo estava paranoico com a ideia de que nos perderíamos assim que chegássemos a Minnesota, por isso, ele conduziu a Riley até a biblioteca pública para pegar alguns mapas emprestados. E, enquanto a Riley estava lá, ela decidiu folhear livros sobre crianças fugitivas. Mais uma vez, uma das ideias brilhantes do Medo. Ele queria saber o que estava reservado para nós e acabou tendo um ataque de ansiedade.

Por mais assustadores que esses livros fossem, eles não impediram a Riley de levar a cabo nosso plano. Ela colocou os livros de volta na estante e saiu da biblioteca. Ainda bem. Lugares públicos são nojentos — totalmente cheios de germes. Quero dizer, quem sabe quantas pessoas poderiam ter cutucado o nariz e limpado as melecas naquelas cadeiras e prateleiras. ECA!

Assim, retomamos nosso rumo até a rodoviária. Foi uma caminhada cansativa, impiedosa e implacável. Se eu não estivesse convencida antes de que precisávamos ficar o mais longe possível de São Francisco, a caminhada bastou. Com todas aquelas ladeiras, foi um trabalho árduo. E, ainda por cima, passamos por um parque sujo. Devo ter visto cocô de pássaro em todos os bancos. E, não sei, podem me chamar de maluca, mas em Minnesota, quando você passava por alguém, eles diziam oi. Eles simplesmente faziam isso, quer conhecessem você ou não. Aqui? Ninguém. Sim, sim, sei que a Riley estava de cabeça baixa como se ela não quisesse falar com ninguém, mas ainda assim — que tal um pouco de boas maneiras, São Francisco?

A pior parte? Os últimos quarteirões antes da estação cheiravam a chulé e esgoto. Nada em Minnesota cheirava a chulé e esgoto.

Ficaríamos *muuuuito* mais felizes lá.

A mamãe ligou quando nos aproximamos da rodoviária, mas *não* iríamos responder e lidar com aquela falta de noção. A Riley manteve a cabeça baixa e o nariz o mais fechado possível, e finalmente chegamos à estação de ônibus... que, é claro, cheirava a xixi. Não entendi totalmente — as pessoas pensavam de verdade que as esquinas do prédio eram um bom lugar para fazer suas necessidades? O que eram, cães marcando seu território?

A Riley estava na fila das passagens quando a mamãe ligou novamente. Ela já tinha ligado quinze vezes.

O Medo, o Raiva e eu ouvimos um som horrível. Ruidoso e estridente, fez meus ouvidos doerem e... era o som da Ilha da Família desabando.

— Estamos perdendo a última ilha! — gritei.

— Isso é maluquice! Por que que ela fugiu? — o Raiva gritou.

— Ela tem que mudar de ideia — eu disse.

Nós tentamos. Sério, supermegaultra tentamos. Mas a ideia não saía do console. Não desenroscava. Pior, ficou muito quente, então, não podíamos nem tocá-la!

— E agora? — perguntei.

Então, as coisas ficaram estranhas.

Todos os controles começaram a desligar. Essa asquerosa e completa escuridão se espalhou pelo console. Nenhum de nós jamais tinha visto algo parecido.

— Tire essa ideia daí! — gritei.

O Raiva tentou jogar uma cadeira com força no console, mas ela simplesmente quicou pra longe. O Medo tentou arrancá-la com um pé de cabra, mas a barra simplesmente saltou e o acertou no rosto... o que teria sido engraçado em qualquer outro momento, mas agora eu estava assustada demais para rir à custa dele.

— Temos de impedi-la! — o Medo choramingou.

Tive uma ideia.

— Já sei! Faça ela ter medo! Aí, vai mudar de ideia!

— Sim! — o Medo exclamou. — Brilhante!

— Eu sei que sou — retruquei. — Anda!

O Medo tentou. Ele apertou todos os botões.

— Gente — disse ele, e havia algo em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Um medo mais profundo do que qualquer coisa que ele já compartilhara. — Os sentimentos da Riley... já eram.

— O que fizemos... — disse o Raiva.

Eu me perguntei a mesma coisa. Havíamos estragado tudo e agora a Riley estava encolhida em um ônibus, fugindo das pessoas que a amavam.

— É isso — disse o Raiva. — Acabou. Não há mais nada a fazer.

Naquele momento, ouvi batidas na janela traseira. Corri para investigar.

— Alegria! — gritei.

Ela e a Tristeza estavam penduradas do lado de fora da janela! Quem sabe como chegaram lá, mas queriam entrar. Só havia um problema... nenhuma das janelas da sala de controle abria.

— Para trás! — o Raiva rugiu. Ele jogou uma cadeira na janela, mas ela não abriu. Esses caras e seus arremessos — eles realmente acham que essa é uma maneira eficaz de fazer as coisas?

— Parabéns — eu o repreendi.

— Por que não pensou você em alguma coisa? — ele me desafiou.

Não queira me desafiar. Observando-o arder, as pequenas chamas cintilando no topo de seu corpo vermelho e quadrado, eu soube *exatamente* o que fazer.

— Já fiz isso, mas você não entenderia se eu dissesse — retruquei.

— O QUÊ? — ele vociferou.

— Seu cérebro parece uma ervilha. E eu, para explicar, teria que desenhar. Esqueci meu lápis de cor. Que tal mímica? — Fiz a cara mais idiota que pude. — Dãããããããã...

Isso o levou ao limite. Sua cabeça se tornou um maçarico de chamas enquanto ele berrava, aí, eu o levantei e usei sua cabeça para fazer um buraco no vidro.

Bingo! — a Alegria e a Tristeza estavam dentro da sala de comando de novo. E, sim, sou brilhante. Obrigada.

Foi na hora certa, também, porque todos nós vimos o que estava acontecendo na tela de exibição na sala de comando. O ônibus estava indo embora com a Riley nele. Eu tinha certeza de que a Alegria começaria a dirigir o console e faria tudo ficar bem. Mas ela não fez isso.

— Tristeza — disse ela —, é com você.

E a Tristeza... A *Tristeza*, de todas as emoções, foi quem tomou conta do console. Ela dirigiu, e o rosto da Riley ficou enevoado e, bem... triste. Um segundo depois, a Riley deu um pulo e disse ao motorista do ônibus que parasse para ela descer. A Riley foi para casa e abriu seu coração para os seus preocupados pais, e, devo dizer, a mamãe e o papai se saíram bem. Eles não fizeram nenhuma dessas coisas loucas que os pais costumam fazer, como gritar sem motivo. Deixaram a Riley falar, e os três choraram e se abraçaram, e nem fiquei com nojinho quando seus rostos ficaram inchados pelas lágrimas.

Isso foi há alguns meses, e agora as coisas estão diferentes para todos nós, Emoções. Até a Sede está diferente. As memórias base são uma mistura de cores diversas agora — amarelo, azul, vermelho, roxo e até um pouco de verde, para um nojo saudável. Achei que as cores não combinariam bem, mas funciona totalmente. E a Alegria não está mais no comando. Todos nós operamos juntos em um console totalmente novo e atualizado. Sim, claro, é ótimo, mas, como eu disse antes, comandar juntos significa muito pouco espaço pessoal. E preciso do meu espaço pessoal.

No geral, entretanto? As coisas estão indo muito bem. E a Riley está arrasando na escola. Os amigos dela são extremamente legais — muito mais legais do que as crianças descoladas com quem pensei que ela queria andar no início. Além disso, a casa está superfofa agora, com todas as coisas da Riley nela. Eu me certifiquei de que ela colocasse os pôsteres certos nas paredes. Nós até encontramos uma pizzeria que serve pizza de verdade — nada de verde em cima.

E dá para acreditar que a Riley tem doze anos agora? Uma linda mocinha de doze anos! Vai ser um passeio tranquilo a partir daqui. Claro, há algumas coisas no novo console que ainda não

entendemos, tipo uma grande chave de emergência chamada Puberdade. A Alegria não acha que seja importante, no entanto. E, francamente, já cuidei das coisas difíceis. A Riley está totalmente preparada para uma vida incrível com grandes amigos, pais incríveis, um senso fashion muito legal e gosto impecável em quase tudo... graças a *mo!*







Oh, céus. É a minha vez de contar nossa história... a história sobre a mudança para São Francisco, como tudo virou um caos e a Riley foi quase sequestrada e levada embora para sempre para acabar vivendo na sarjeta e implorando por uns trocados na rua...

Ok, estou me deixando levar por mim mesmo. Faço isso às vezes. Sinto muito. Fico tão nervoso quando penso sobre o que poderia ter acontecido e como poderia ter sido ruim... mas, novamente, estou avançando na história.

Vou começar do início. O início da Riley. Bem, eu não estava lá *bem* no início. Cheguei um pouco mais tarde, quando a Riley estava começando a andar. Você não acreditaria nas encrencas em que ela quase se metia todos os dias. Eu estava fazendo hora extra, palavra de honra. Ela simplesmente saía correndo imprudentemente — se eu não estivesse no comando, ela teria batido em todas as pernas da mesa e tropeçado em todos os brinquedos que tinha. Mas, comigo lá, estava tudo bem. Eu estaria operando o console enquanto ia falando.

— Muito bem — eu dizia. — Ok, parece que você conseguiu. Muito bom. Epa, epa, epa, *epa*... curva acentuada... cuidado! Cuidado!

Sempre havia coisas à espreita para aparecer do nada e esfolar o joelho da Riley. Mas eu era um profissional em manter a Riley segura. Ela nunca se machucou comigo por perto. Bem, ela teve alguns arranhões do hóquei. Avisei a todos mais de uma vez que o

hóquei é um *esporte de contato*! Pessoas perdem dentes jogando esse jogo! Não foi uma escolha segura!

Fui derrotado na votação, no entanto. E a Riley amava hóquei, então, ela ficava machucada e arranhada, mas feliz.

Aí aconteceu a mudança para São Francisco, que é uma cidade grande onde as taxas de criminalidade são muito mais altas do que em nossa cidadezinha de Minnesota e onde a porcentagem de pessoas familiarizadas com a internet praticamente garante que o crime cibernético fará parte da vida da Riley. Ah, e mais três coisas:

Terremotos — Terremotos — *TERREMOTOS!*

Por que os pais da Riley iriam querer viver em um lugar onde o próprio solo poderia se abrir e os engolir?

Minha opinião não foi levada em conta, entretanto, e nós partimos.

E o resultado foi muito, muito pior do que eu temia. O papai dirigiu em média dezesseis quilômetros acima do limite de velocidade todo o caminho até São Francisco, o que aumentou exponencialmente nossas chances de morte num acidente rodoviário. Ele e a mamãe não deixaram a Riley abrir a janela porque queriam manter o ar-condicionado ligado, embora o ar reciclado do carro aumente a probabilidade de passar vírus transportados pelo ar de um passageiro para outro.

Então, chegamos à nossa nova casa, embora “nova” fosse um termo impróprio, já que a casa obviamente tinha sido habitada por pessoas que visivelmente não eram asseadas e que poderiam ter deixado um enorme número de germes e vírus em cada superfície. A Nojinho e eu ficamos igualmente abalados com isso. O piso também rangia muito, e tenho quase certeza de que a casa não tinha a superestrutura para resistir a... oh, um *terremoto*!

A Alegria tentou nos fazer sentir melhor em relação à casa, mas quando a Nojinho disse, com uma expressão de espanto, “Ratão morto!”, tive certeza de que estávamos no lugar errado. Roedores mortos podem carregar vírus que são incrivelmente letais!

Mais uma vez, a Alegria se adiantou e nos lembrou de que o lugar ficaria melhor com as coisas da Riley, e consegui imaginar isso. Pude visualizar seu abajur de hóquei na mesinha de cabeceira,

amarrado para não cair em sua cama durante um terremoto. E eu podia imaginar seus pôsteres colados nas paredes com fita dupla-face — não presos com tachinhas. As tachinhas podem se tornar projéteis perigosos ou espetar os dedos da Riley enquanto ela as usa. Quanto mais eu visualizava, menos eu hiperventilava, e isso era bom.

Então, o papai disse que o caminhão da mudança estava perdido e não iria aparecer por alguns dias.

Voltando a hiperventilar.

— O caminhão o quê?! — gritei. — Este é o pior dia de todos. São Francisco é terrível. E a mamãe e o papai estão estressados. O clima tá ficando pesado... O que a gente vai fazer agora?

Em seguida, houve o desastre da pizza. Não há nada mais assustador do que encontrar uma pequena árvore em um prato de comida perfeitamente normal, mas foi exatamente o que aconteceu. A Riley e a mamãe foram até a pizzaria mais próxima e encontraram brócolis na pizza. Fiquei apavorado. Se uma pizza pudesse ter brócolis, poderia ter *qualquer coisa*. Poderia ter anchovas. Ou linguiça de fígado. Ou bichos atropelados.

Mais uma vez, a Alegria acalmou o restante de nós. Ela é muito boa nisso. É por isso que geralmente é ela quem dirige. Ela nos mostrou lembranças da Riley e da nossa viagem, e fiquei especialmente calmo quando lembrei que a Riley, a mamãe e o papai permaneceram presos ao cinto de segurança em seus assentos durante toda a viagem. Isso foi importante. Mas, quando a lembrança a que estávamos assistindo ficou azul, congelei.

Não literalmente. Não estava frio nem nada, embora *haja* muita neblina em São Francisco, que é fria e perigosa. O que estou dizendo é que congelei de medo porque nunca vi uma lembrança ficar azul antes. E não sei você, mas prefiro ver apenas coisas que *já vi* antes. Assim sei se elas são boas ou ruins. Coisas novas são muito imprevisíveis e têm muito mais probabilidade de serem perigosas.

Eu me virei e vi que a Tristeza estava tocando a lembrança.

— Ela pôs a mão na memória! — eu disse.

A Alegria fez a coisa certa. Ela interveio e tirou a lembrança das mãos da Tristeza, mas a esfera permaneceu azul.

— Faz voltar, Alegria! — supliquei, ansioso.

Ela tentou esfregar o azul, mas não conseguiu, o que significava que a lembrança ficaria triste para sempre.

A Tristeza nunca havia tido esse tipo de poder antes. O que isso significava? A Tristeza havia se tornado um monstro? Ela iria começar a transformar todas as lembranças da Riley e deixá-las azuis? Ela *nos* deixaria azuis?

Pareceu-me que a Tristeza de repente era muito perigosa. E ela provou isso apenas um minuto depois. A Riley estava prestes a fazer uma de suas coisas favoritas... descer uma escada deslizando pelo corrimão! Eu sei, é totalmente inseguro e não está na minha lista de atividades aprovadas. Então, fiquei secretamente satisfeito quando a Riley de repente decidiu abrir mão do corrimão e descer os degraus. Mas não foi obra minha.

— Mas... — a Alegria perguntou. — O que foi?

Vi ao mesmo tempo que a Alegria. Uma memória base — uma das principais lembranças que faz da Riley quem ela é e alimenta suas Ilhas da Personalidade — *rolou pelo chão e parou aos pés da Alegria!*

— Oh-oh! Uma memória base! — gritei.

— Não... — disse a Alegria boquiaberta.

E não era uma memória base qualquer — era a que movia a Ilha da Bobeira, *que se apagou*. Fora por isso que a Riley não escorregou pelo corrimão. Ela não poderia fazer bobearias sem a Ilha da Bobeira. E, embora eu apreciasse que ela estaria mais segura se nunca agisse como uma boba, aquela não era a Riley!

Observei a Alegria correr para o suporte das memórias base. A Tristeza estava próxima a ele.

— Tristeza! — a Alegria exclamou exasperada. — O que você está fazendo?

— Eu só queria arrumar melhor — disse a Tristeza —, mas abri, ela caiu e...

A Alegria devolveu a lembrança ao suporte e a Ilha da Bobeira se iluminou novamente. A Riley deslizou alegremente pelo corrimão,

mas eu estava preocupado. Por que a Tristeza estava mexendo com lembranças importantes? Ela também não estava disposta a parar! Quando a Alegria perguntou por que ela fez aquilo, a Tristeza disse: “É que eu... só queria poder segurar”. E, mesmo enquanto ela dizia isso, estendeu a mão para uma memória base, que *começou a ficar azul*! Ela estava contaminando as memórias base! Quem pode funcionar com lembranças corrompidas?

Eu não estava bem com isso. Nem um pouco bem. Achei que tinha algo a ver com São Francisco. Talvez a Tristeza fosse alérgica ao lugar. Talvez fosse por isso que ela estava agindo de forma tão estranha.

São Francisco também não era adequado para a mamãe e o papai. Ambos pareciam tão chateados quando falavam sobre o caminhão da mudança que se perdeu ou sobre o trabalho do papai... Eu não gostava disso. Não gostava de ficar no novo quarto da Riley com o teto que descia como uma montanha de neve logo antes de uma avalanche. E eu não gostava de dormir no chão rangente em um saco de dormir fino que tinha estado guardado por tanto tempo que provavelmente estava cheio de percevejos. Você sabia que os colchões ficam mais pesados com o tempo porque se enchem de ácaros e pele morta? É verdade! E aposto que o mesmo acontece com os sacos de dormir. Provavelmente, estávamos aninhados em hordas de ácaros, todos esperando para pular e nos morder no meio da noite. E o que dizer do brilho estranho das luzes atravessando o quarto? Eram apenas carros passando na rua ou eram algo mais sinistro? E quanto a todos os ruídos noturnos esquisitos? Como saber se São Francisco não tinha ursos?

— Essa mudança foi uma roubada — declarou o Raiva naquela primeira noite, e concordei.

— É o que eu venho falando faz tempo! — falei. — Agora tem trinta e sete coisas que a deixam com medo!

— Só o cheiro já faz querer vomitar — observou a Nojinho.

— Olha, eu entendo, não tá nada fácil — disse a Alegria. — Mas já foi pior! Olha só, vamos fazer uma lista com as coisas boas daqui, somente as MUITO BOAS!

Bem, nenhum de nós conseguia pensar em uma única coisa boa. Mas a Alegria não desistia.

— Tá bom, eu sei — disse ela. — O começo foi ruim. Mas pensem nas coisas boas que...

— Alegria — o Raiva falou, sério —, não tem o menor motivo pra Riley se sentir feliz agora. Pode deixar com a gente.

— Eu voto em matar aula amanhã e não sair do nosso quarto — sugeri. Pareceu-me uma ótima ideia. Então, a porta do quarto da Riley se abriu. Era um assassino psicopata? O maior ácaro do mundo?

Não, era a mamãe. Ela tinha vindo agradecer à Riley por ser uma criança tão alegre e tornar a mudança mais fácil.

Então, acho que a Alegria sabia o que estava fazendo, mesmo que eu nem sempre pudesse perceber isso logo de cara. Mas estávamos unidos e prontos para apoiá-la. A partir de então, seríamos o Time Feliz! (Sim, inventei o nome sozinho... não é por me gabar nem nada.)

O dia seguinte seria o primeiro dia na nova escola, e a Alegria tinha tarefas para todos nós. A minha foi fazer uma lista dos possíveis resultados negativos no primeiro dia de aula, mas a Alegria não percebera que eu estava trabalhando nisso desde o momento em que deixamos Minnesota. Eu estava na página cinquenta e realmente me sentia como se mal tivesse arranhado a superfície.

Oooh, arranhado. Coçar. Coceira. *Urticária!* Podemos ter *urticária* no primeiro dia de aula!

Adicionei este item à lista. Eu me senti muito preparado, mas, quando chegou o momento de entrar na escola, perdi a coragem.

— É... não dá pra fingir dor de barriga? — perguntei à Alegria.

— Vamos lá! — ela incentivou.

— Tá legal! — concordei. — Vamos nessa! É!

Quando chegamos à aula, eu estava pronto para apresentar o meu relatório completo para a Alegria.

— Já listei os possíveis desastres — eu disse a ela. — As hipóteses incluem... tropeçar, implosão de ponte ou um discurso em público. Já que nada vai acontecer...

— Bom dia, turma — disse a professora da Riley. — Nós temos uma nova aluna hoje.

— Tá de zoeira!? — lamentei. — Assim, na lata!? A casa caiu!

— Riley — a professora continuou —, quer falar um pouco de você pra nós?

— Nããããão! — gritei. — Finge que ela não fala português!

A Alegria não me ouviu. Ela assumiu os controles e faria a Riley tirar isso de letra. Pelo menos, parecia que sim. A Alegria até sacou uma lembrança para a Riley pensar, a fim de ajudá-la a falar sobre o antigo lar, o que foi muito bom. Era uma lembrança da Riley patinando com a mamãe e o papai em nosso lago congelado favorito. Enquanto eu assistia à Riley lidar com tudo na tela de exibição na Sede, quase esqueci quão apavorado estava.

Então, a imagem na tela ficou azul.

Opa. Ruim. Muito ruim. E errado. O que estava acontecendo? Todos nós nos viramos e vimos que a Tristeza havia colocado a mão na memória. Até então, eu me perguntava se a Tristeza havia passado por alguma transformação horrível. Agora eu sabia com certeza que ela havia se transformado. A Tristeza havia se tornado um MONSTRO DE MUDANÇA DE LEMBRANÇAS!

A lembrança feliz da Riley em casa tinha ficado completamente azul e triste, e, quanto mais a Riley pensava sobre isso, mais chateada ela ficava.

— Tire ela daí! — exigi.

A Alegria tentou arrancar a lembrança do projetor, mas não conseguiu. Enquanto isso, todos na classe estavam olhando para a Riley como se ela fosse de outro planeta!

— Viram os olhares? — gritei freneticamente. — Estão julgando a gente!

A Nojinho, o Raiva e eu tentamos ajudar a Alegria a remover a lembrança, mas ela não se mexeu. Era como se a Tristeza tivesse colocado algum tipo de feitiço de supercola nela.

— Mas... tudo acabou — disse a Riley, enquanto continuava falando para a turma. — Quando me mudei...

E, então, eu vi. A pior coisa imaginável.

— Oh, não! — gritei. — Choramos... na *escola*!

Eu corria em círculos loucamente. Se eu continuasse em movimento, talvez conseguisse correr tão rápido que pudesse voltar no tempo e nada disso teria acontecido. A única coisa que me fez parar foi o som de uma nova esfera de lembrança rolando para a sala de comando.

Era uma lembrança azul. E estava rolando em direção ao suporte das memórias base.

— É uma memória base! — constatei, boquiaberto.

Nunca tivemos uma memória base azul. Dava para ver que a Alegria não gostara daquilo tanto quanto eu, porque ela lutava para impedir que a lembrança caísse no suporte enquanto a Tristeza lutava para colocá-la *no* suporte.

Odeio lutar. A luta leva a ferimentos, o que leva à infecção, que leva à morte. Mas eu queria que a Alegria vencesse aquela luta. Em vez disso, ninguém ganhou, porque, enquanto lutavam, elas esbarraram no suporte das memórias base e *todas as cinco memórias base...*

Nem consigo verbalizar isso. É terrível demais até para colocar por escrito.

Ok, vou dizer, mas já vou logo avisando, estou escrevendo isso de olhos fechados, para que não tenha que ver as palavras.

TODAS AS CINCO MEMÓRIAS BASE SE DERRAMARAM DO SUPORTE!

Tradução? ARMAGEDDON!

Tudo o que aconteceu a seguir foi um borrão, principalmente porque entrei em um estado semi-inconsciente para lidar com o estresse. Sei que a Alegria foi atrás das memórias base amarelas, e ouvi a Tristeza gritando sobre sua memória base azul, e então houve algum acidente com o tubo de vácuo, e minha vida inteira passou diante de meus olhos, e aí ouvi mais alguns gritos e berros, e então quase desmaiei, depois tive que colocar a cabeça entre os joelhos por um segundo para prevenir um desmaio...

... e, então, tudo acabou.

A Tristeza, a Alegria e as memórias base foram sugadas.

Sem as memórias base para alimentá-las, as Ilhas da Personalidade apagaram.

A vida como a conhecíamos chegou a um fim abrupto.

Fiz a única coisa razoável a fazer. Eu me enrolei em uma bola, fechei os olhos e desejei que o dia desaparecesse.

Eu me senti muito bem com essa decisão. Parecia a maneira madura e sensata de lidar com as coisas.

O Raiva e a Nojinho, no entanto, não concordaram. Eles me colocaram de pé e, depois que a Riley se sentou de volta em seu assento, comecei a dirigir o console. A Riley se jogou em sua cadeira e se escondeu atrás de um grande livro escolar. Eu queria que ela ficasse lá pelo resto do dia. Bem, talvez não lá, mas possivelmente *debaixo* de sua carteira, o que lhe daria proteção também em caso de um terremoto — mas, aparentemente, tínhamos que nos levantar e passar o restante do dia escolar sem a ajuda da Alegria!

Pessoalmente, acho que nos saímos bem. A Riley foi capaz de evitar a interação com todas as crianças e professores — a última coisa que queríamos fazer era falar com alguém depois do que tinha acontecido. Ela sabiamente caminhou pelo meio de cada corredor, para que os armários não caíssem sobre ela se houvesse um terremoto. Ela sobreviveu ao almoço sem ser envenenada. Conseguiu encontrar a única cabine do banheiro que estava relativamente limpa. E ela usava aquele lance germicida toda vez que voltava para o seu armário (que tinha teias de aranha nos cantos — *teias de aranha*).

Depois que o dia na escola acabou e estávamos longe de todos aqueles olhares curiosos das crianças, eu me senti um pouco melhor. Bem, não melhor — na verdade, eu me sentia pior do que nunca —, mas, também, eu me sentia *responsável*. Sem a Alegria, nós três remanescentes na Sede tivemos que focar e nos dedicar. E eu, como a mais brilhante das três Emoções restantes, tive uma ideia genial.

— Pra que perder tempo? Vamos agir como a Alegria.

Estávamos com a Riley há muito tempo. Nós poderíamos cuidar disso. Quando a mamãe nos contou sobre uma liga júnior de hóquei em São Francisco e perguntou para a Riley o que ela achava, dei alguns conselhos sábios.

— Vai, finge que você é a Alegria — eu disse, enquanto empurrava a Nojinho para o console.

Ela revirou os olhos para mim e colocou as mãos nos controles.

— Não seria o máximo poder voltar a jogar? — a mamãe perguntou para a Riley.

— Ah, é — a Riley respondeu, revirando os olhos. — Vai ser maneiro.

— Como assim? — repreendi-a. — A Alegria não faria isso.

— É, eu não sou ela, sou? — retrucou a Nojinho.

— Nem de longe — respondi, o que acho que foi a coisa errada a dizer, porque então ela *me* empurrou para o console e disse:

— Agora é com você.

— O quê? — eu disse. — Tá bom... É... Hum...

Sei que disse que estava me sentindo responsável e tudo, mas operar o console sob interrogatório direto da mamãe não era a minha área de especialização. No entanto, tentei. Assumi os controles e, quando a mamãe perguntou sobre o primeiro dia de aula, tentei dar a resposta mais direta e corajosa que pude.

— Foi... até legal... — fiz a Riley dizer — ... eu acho...

— Oh, muito bom — disse a Nojinho. — Parece *muito* a Alegria.

Ela não precisava ser tão má. Eu estava tentando.

Quando os pais da Riley vieram com mais perguntas, o Raiva assumiu o console. Devo dizer que, de todos nós, ele era o menos parecido com a Alegria.

— Riley, eu *não* gostei dessa atitude — disse o papai em resposta à direção do Raiva.

— Eu te mostro a atitude, velhote — disse o Raiva.

— Não! — preveni-o. — Não, não, não. Calma.

O Raiva estava nos levando para o caminho de “Você está encrencada” e, ao longo do trajeto, provavelmente faríamos uma parada em “Estamos decepcionados com você”. Eu não queria estar por perto daquele horror.

— Qual é o seu problema? — a Riley gritou com o papai. — Eu falo o que quero!

Opa.

Um minuto depois, o papai mandou a Riley para o quarto dela.

O que estávamos pensando?! Não havia como nós três apenas bancarmos a personalidade inteira da Riley. Nosso mundo inteiro estava ruindo em chamas! *Chamas!*

Quando o papai veio ver a Riley antes de dormir, eu tinha certeza de que ele enxergaria através de nós e perceberia o nosso estado de desespero. Mas ele não fez isso. Tentou melhorar as coisas agindo como um pateta com a Riley. Normalmente, acharia isso fofo. Desta vez, porém, não foi nada fofo, porque a Riley não poderia brincar junto. A Ilha da Bobeira estava fora do ar. Estava apagada. Então, a Riley não respondeu às patetices do papai. Ela apenas ficou quieta. E isso era totalmente incomum nela, o que me deu uma sensação muito ruim. Eu sabia que algo terrível iria acontecer... e não deu outra.

A Ilha da Bobeira desmoronou.

— Ah, Alegria... pra onde ela foi? — gritei.

Era o princípio do fim. Afundar no desespero parecia uma boa ideia, mas a Nojinho e o Raiva eram capazes de continuar, então, eu também deveria.

Até fiquei animado quando a Meg bateu um papo com a Riley. As duas sempre foram amigas e companheiras de time de hóquei. Talvez, conversar com a Meg tornasse tudo melhor! Então, a Meg disse algo sobre uma garota nova no time de hóquei. E como ela era legal.

— Ih! *O quê?* — guinchei. — A Meg resolveu trocar a gente?

Se a Meg podia nos descartar, *qualquer um* podia fazer o mesmo. A Riley poderia não ter amigos *nunca mais!* Como ter certeza de que alguém era um amigo de verdade se aquela com quem pensávamos poder contar podia desaparecer tão facilmente?

Se a Meg podia nos substituir tão rapidamente... talvez ela *nunca* houvesse sido uma amiga pra valer!

Esta noção me atingiu como uma tonelada de tijolos, que foi basicamente o que a Ilha da Amizade se tornou quando se desintegrou e desapareceu no Lixão das Memórias.

Depois do desastre com a Meg, acordar para enfrentar mais um dia de aula parecia uma péssima ideia. Por que tentar fazer novos amigos quando eles simplesmente nos largariam um dia? No

começo, queria que a Riley permanecesse debaixo das cobertas e fingisse estar doente para que a mamãe cuidasse dela, mas, depois, pensei em como o poder da sugestão é muito forte, e, se a Riley *dissesse* que estava doente, ela poderia realmente *adoecer* e, então, teríamos que lidar também com um resfriado além de todo o resto!

Fomos para a escola. A Nojinho enfiou o nariz da Riley em um livro a maior parte do dia para mostrar que ela não precisava de mais ninguém. Isso resolveu a questão das amizades. E, para fazê-la parecer ainda menos acessível, o Raiva causou um chlique na aula de informática. As outras crianças devem ter pensado que a Riley era maluca!

Mas, para ser franco, nada disso realmente me preocupou muito. Eu estava preocupado era com todos os potenciais acidentes naquela escola. A certa altura, a Riley percebeu que uma das luzes fluorescentes da aula de matemática estava piscando. Aquilo não só dava à sala toda uma vibração assustadora, como também era muito ruim para a nossa visão. Ninguém deveria ser obrigado a multiplicar frações em más condições de iluminação.

E, também, havia a garota que estava sentada ao nosso lado na aula de história. Ela estava secretamente pintando as unhas de um medonho tom de vermelho por baixo da carteira. O esmalte que ela usava cheirava horrivelmente! Aqueles vapores, especialmente em uma sala de aula fechada, eram certamente tóxicos! A Riley queria abrir uma janela, mas achou melhor não chamar atenção para si. Então, apenas ficou parada lá, inalando o formaldeído, que provavelmente estava matando dezenas de milhares de suas células cerebrais a cada segundo.

E, quando pensamos que tínhamos escapado dos perigos do dia, a Riley viu a coisa mais horrível de todas: um zelador estava encerando o chão. *Encerando!* Você sabe como os pisos ficam escorregadios quando são encerados? Ela poderia facilmente cair e quebrar uma perna só para chegar à sala de aula!

Fiquei aliviado ao sair daquele lugar, mas, depois da escola, tivemos ainda mais problemas. A mamãe levou a Riley para os testes de uma liga de hóquei. A Riley ainda tinha a Ilha do Hóquei,

mas, sem a memória base, ela não estava ligada. Não seria possível ela jogar como antes. Eu estava apavorado com o que poderia acontecer. Sequer conseguia pensar na possibilidade de perder outra ilha. Eu sabia que tinha que fazer algo. Então, tive uma ideia brilhante!

— Trouxe todas as boas memórias de hóquei para cá... Uma dessas tem que funcionar para servir de memória base — disse para o Raiva e a Nojinho. Nós três estávamos praticamente nadando em esferas de lembranças relativas ao hóquei. Achei que uma delas poderia funcionar no lugar da memória base. Eu só precisava carregá-las no suporte das memórias base e ver qual funcionaria. Esperei até que a Riley estivesse prestes a jogar e, então, comecei a empurrar as esferas para dentro do suporte.

Funcionou! Oh, claro, a Ilha do Hóquei estava indo aos trancos e barrancos, mas dera a partida e a Riley estava jogando!

— É isso aí! — comemorei. — Deu certo!

Foi quando o suporte das memórias base expeliu as esferas de lembrança, arremessando uma na cabeça do Raiva.

Eu ainda achava que poderíamos fazer aquilo funcionar. Tentei enfiar outra lembrança no suporte, mas essa disparou como um canhão e me atirou contra a parede. Eu estava mal, mas podia ver na tela que a Riley estava ainda pior. Nada funcionou para ela no gelo, e o treinador estava dando uma bronca e tanto nela. O Raiva não gostou nem um pouco e correu para os controles.

Nada de bom viria do Raiva tomando o console naquele momento.

— Espere — eu disse. — Não, não, não! Use as palavras.

Ele não iria fazer isso. Eu sabia que não. Eu me joguei sobre ele para mantê-lo longe, mas ele é muito mais forte do que eu e tem aquele fogo crepitando no alto da cabeça, e aquela fúria carrega muita força, sabe? Além disso, eu me machuco muito facilmente. Preciso ser cuidadoso.

O que estou dizendo é que não ganhei a batalha pelos controles. O Raiva conduziu, a Riley enfureceu-se com o treinador, com a mamãe, com todo o lance do hóquei... e a próxima coisa que vi foi a Ilha do Hóquei afundando como o *Titanic*.

Naquela noite, eu não aguentava mais. Queria desistir, e disse isso para o Raiva e a Nojinho.

— Talvez só os covardes façam isso — admiti. — Mas esse aqui vai sobreviver.

Pisei no botão de liberação de lembranças e um tubo de vácuo baixou. Não tinha certeza para onde o tubo me levaria, mas, se tinha levado a Alegria e a Tristeza para longe da sala de comando, poderia me afastar de meus problemas também.

Infelizmente, o tubo sugou esferas de lembrança ao mesmo tempo que *me* sugou. E o espaço não era grande o suficiente para elas e para mim. Acabei batendo contra a lateral do tubo, as lembranças pressionando minhas costas. Então o tubo me cuspiu no chão, onde caí estatelado.

Ai.

— A-há! — o Raiva exclamou. Ele estivera vasculhando um monte de lâmpadas de ideias e agora segurava uma, triunfante.

— O que é? — perguntei.

— Hã? Nada... só a melhor ideia do mundo — declarou o Raiva.

— Qual? — a Nojinho zombou.

— As memórias boas vieram de Minnesota — disse o Raiva. — Então, voltaremos pra Minnesota e acabou. Tchã-ram!

— Pe-pe-peraí! Você quer dizer... fugir? — perguntei incrédulo.

Era exatamente sobre isso que o Raiva estava falando. Eu não conseguia acreditar que ele estava falando sério!

— Ei — disse o Raiva —, tudo era perfeito até a mamãe e o papai resolverem se mudar para São Franchato!

— Mas isso é tão... drástico! A gente pode pensar um pouco mais nisso? — perguntei.

Eu estava no Plantão do Sonho naquela noite e, sinceramente, achei que algo agradável da Produção de Sonhos ajudaria a acalmar os meus nervos, e eu seria capaz de lidar melhor com tudo pela manhã. O Raiva e a Nojinho concordaram que não decidiríamos nada até lá, então, mais tarde naquela noite, depois que a Riley fechou os olhos e foi dormir, eu me acomodei com uma boa xícara de chá quente — não muito quente, não quero esquentar a língua — para uma visualização relaxante.

O sonho daquela noite não foi um dos melhores do estúdio. Eles estavam reencenando o colapso da Riley diante da classe, mas a mulher que interpretava a professora era totalmente inacreditável. Embora o sonho devesse ser assustador — e, acredite em mim, de assustador eu entendo —, aquilo não foi nada. Estava cheio de velhos clichês que eu podia ver chegando a um quilômetro de distância. A atriz que interpretava a Riley estava falando na frente da classe... e, então, seus dentes caíram.

Claro que sim.

— Seja mais criativo... — critiquei. — Agora vai dizer que ela está sem roupa.

Com certeza, um segundo depois, alguém gritou:

— Gente, olha! A menina nova tá sem roupas!

Amadores. Eles deveriam me chamar lá para escrever e dirigir. Se eles pudessem controlar a intensidade dos meus medos, teriam um suprimento infinito de sustos.

Eu me inclinei para trás, ansioso para tirar sarro do restante do sonho, quando algo inesperado aconteceu. Um cachorrinho veio correndo para o set. Fiquei intrigado. Os roteiristas geralmente permaneciam bastante literais. Aquilo foi uma agradável mudança.

— Húúú! — gritou o cachorro. Também um belo toque, tornando-o um cachorro *falante*. — Vamos lá! Dançando! Húúú!

O ar se encheu de balões e confetes. Uma festa de cachorro no meio do que deveria ser um pesadelo? Eu gostei! Dancei no meu assento ao som da música, depois, tomei um alegre golão do meu chá...

... que cuspi em todo o console quando o cachorrinho fofo se *partiu ao meio*!

— Aaaaaah! — gritei.

Queria fechar os olhos, mas não consegui. Os confetes e balões ainda estavam por toda parte, mas agora a metade dianteira do filhote dividido ao meio estava correndo e perseguindo a metade inferior. Senti o chá revirando no meu estômago.

— É s-só um sonho — disse a mim mesmo. — É só um sonho, é só um sonho...

Um segundo depois, um animal enorme que era parte gato e parte elefante saltou na frente da tela. Ele se aproximou, como se estivesse tentando roubar a minha alma.

— Oi, Riley, sou eu!

— Bing Bong? — constatei, incrédulo. Aquele era o amigo imaginário da Riley quando ela era pequena. Ok, agora a diretora estava ficando louca, o que ela provou ao deslocar um segundo depois a câmera para a Unicórnio Colorido comendo um donut em uma mesa de bufê.

— Buuuu! — vaiei para a tela. — Ensaíem mais!

Bem, não melhorou nada. O sonho se transformou em uma festa dançante fútil cheia de glitter, ovelhas, cupcakes e aquela ridícula da Unicórnio Colorido. E, quando pensei que as coisas não poderiam ficar piores... elas ficaram.

Eu estava cochilando quando um palhaço gigante com uma boca vermelha sedenta de sangue e olhos malignos penetrantes entrou no cenário com um martelo gigante.

— ÚHHH! MEUS PARABÉNS! — ele rugiu.

Gritei tão forte que arrebentei minha voz... então, desmaiei. Nem me lembro de ter voltado a mim. A próxima coisa de que recordo é estar enfiado sob o console, balançando para a frente e para trás e me abraçando. Foi aí que o Raiva e a Nojinho me encontraram. Acho que meus gritos os acordaram, e os dois estavam tão irritados por não conseguirem mais nem ao menos ter uma boa noite de sono que não quiseram esperar até de manhã para decidir sobre a fuga. Eles fizeram a escolha imediatamente. Eu não disse não.

O Raiva plugou a lâmpada da ideia ao console e pronto. A Riley se sentou na cama e pegou seu laptop para verificar os horários dos ônibus. Claro, ela precisava de dinheiro para comprar uma passagem, mas o Raiva nos lembrou de que a mamãe havia deixado sua bolsa no andar de baixo, na sala. Eu teria muito medo de roubar o dinheiro, mas o Raiva estava controlando o console agora. Ele conduziu a Riley escada abaixo, fez com que ela pegasse o cartão de crédito da mamãe e, em seguida, a levou de volta para o andar de cima.

Isso fez a Ilha da Honestidade entrar em colapso. Eu estava perplexo demais para sequer me encolher.

Na manhã seguinte, enquanto enchíamos a mochila da Riley para a escola, pensei duas vezes.

— Calma aí, gente — eu disse. — Vocês têm certeza?

O Raiva me empurrou para longe do console. Ele achava que fugir era a única resposta e, como eu não tinha uma melhor, deixei-o dirigir. A Riley saiu de casa sem dizer uma única palavra para a mamãe e o papai, e começou a caminhar em direção à estação de ônibus. Enquanto ela caminhava, eu simplesmente não conseguia parar de pensar em todas as coisas terríveis que acontecem com crianças que fogem. Nem sabíamos para onde estávamos indo! Ficar perdido era quase inevitável. Assim que descêssemos no ponto de ônibus em Minnesota, para onde iríamos? O que faríamos? A Riley precisava obter alguns mapas do Estado de Minnesota!

Quando ela se aproximou de uma biblioteca pública, usei o console por um tempo. Ela entrou direto na biblioteca e começou a procurar os mapas. Não encontrou um mapa, mas encontrou um guia turístico de Minnesota que tinha uma tonelada de mapas pequenos e um grande. Foi perfeito! Ela se dirigiu para o balcão de pedidos, mas, ao longo do caminho, apertei alguns botões no console. Mais uma parada: os computadores do catálogo da biblioteca. A Riley digitou “crianças fugitivas” no campo de assunto e, momentos depois, surgiu na tela uma longa lista de títulos de livros. Eu não tinha ideia de que havia tantos livros sobre crianças em fuga! Fomos às estantes para ver alguns deles. Eles eram todos tão assustadores! Até as capas eram aterrorizantes... todos aqueles meninos e meninas com terror nos olhos, mochilas penduradas nos ombros, caminhando por estradas sombrias... realmente queríamos ser como eles?

A pior parte era a bibliotecária. Ela continuava vindo e perguntando se a Riley precisava de ajuda. E, quando ela viu que tipo de livros estávamos olhando... Eu simplesmente soube que ela havia descoberto nosso plano e ligaria para a mamãe e o papai.

Por incrível que pareça, isso não aconteceu. A Riley não perdeu nem mais um segundo e foi direto para o balcão para pegar o guia emprestado. (Eu iria garantir que ela o enviasse de volta para a biblioteca antes da data de vencimento — não queríamos ser jogados na prisão por taxas atrasadas.)

Enquanto a Riley corria para fora da biblioteca e continuava seu caminho para a estação de ônibus, o Raiva retomou o controle do console. Era bom que ele tivesse os controles, porque tínhamos que passar por uma parte mal iluminada da cidade que tinha sombras em todos os cantos. Sombras que podem abrigar sequestradores... ou assaltantes... ou hienas. Eu tinha imagens na minha cabeça da Riley acabando morta na beira da estrada ou tendo uma foto muito ruim aparecendo nas laterais das caixas de leite em todo o país.

A mamãe ligou enquanto caminhávamos. Eu sabia que a Riley deveria atender, mas não queria que ela o fizesse. Eu estava com muito medo de ouvir o que a mamãe poderia dizer. Ela estava preocupada? Sabia que a Riley estava fugindo? Oh, não! E se ela pudesse nos rastrear pelo telefone da Riley? Talvez isso só funcionasse se atendêssemos. Melhor não responder. Melhor simplesmente seguir em frente.

A estação estava cheia de estranhos. Não apenas estranhos — estranhos *estranhos*. Eu me certifiquei de ficarmos nos espaços mais abertos que pudemos encontrar e não fizemos contato visual com ninguém.

O telefone da Riley tocou.

— Oh... — gemi. — É a mamãe. Tá ligando!

A Ilha da Família rangeu alto quando começou a tombar.

— Estamos perdendo a última ilha! — a Nojinho gritou.

De repente, o Raiva decidiu que fugir era a pior ideia de todas.

A Nojinho alcançou a lâmpada de ideia que tínhamos conectado ao console.

— Ela tem que mudar de ideia — ela disse.

Ela e o Raiva tentaram, então, ele disse:

— Travou!

— Quê!? Como assim “travou”? — perguntei.

Em seguida, todos os controles começaram a desligar. Uma sombra negra se espalhou pelo console, como um eclipse de alcatrão.

— Que que é *isso*? — berrei.

O Raiva pegou uma cadeira e corajosamente a bateu no console... mas a cadeira quicou e quase me atingiu no rosto, o que não foi bem o efeito que eu queria. Tentei atacar a coisa com um pé de cabra, mas isso também não funcionou. Pelo menos, não fui só eu.

— Temos de impedi-la — afirmei.

— Faça ela ter medo! — a Nojinho sugeriu. — Aí, vai mudar de ideia!

— Brilhante! — exclamei.

Corri para o painel de controle e apertei todos os botões. Tentei me lembrar das coisas mais assustadoras que ela já havia experimentado: a comida no acampamento, a barata que ela uma vez encontrou nadando no vaso sanitário, aquele coelhinho da Páscoa enorme no parque de diversões... mas nada funcionou. O console nem mesmo respondeu.

— Gente — eu disse —, os sentimentos da Riley... já eram.

Todos ficaram em silêncio por um momento e, pela primeira vez, acho que o Raiva e a Nojinho estavam tão assustados como eu sempre estive.

— É isso — disse o Raiva. — Acabou. O que fizemos...

Ele estava certo. O mundo estava acabando e o fim era acompanhado de um som horrível de batidas contra a janela. Estava tudo terminado. A sala de comando estava desmoronando. As paredes ao nosso redor estavam desabando! Seríamos todos enterrados vivos!

— Alegria! — a Nojinho gritou.

O quê? A Alegria? A *Alegria* estava de volta?

Isso era incrível! Afinal, a vida não acabaria!

Corri para a janela e vi a Alegria e a Tristeza agarradas do lado de fora. A Nojinho, o Raiva e eu tentamos abri-la, mas a coisa era feita de vidro blindado, que sempre amei. Ele nem se abalou — nem mesmo quando o Raiva jogou uma cadeira nele e tentou quebrá-lo.

Então, as engrenagens começaram a girar na cabeça da Nojinho. Ela insultou o Raiva até que ele fumegou tão violentamente que chamas explodiram do topo de sua cabeça, e ela o usou como um maçarico para fazer um buraco na janela. A Alegria e a Tristeza finalmente conseguiram entrar na Sede.

— Que bom que vocês voltaram! — comemorei.

A Alegria nem me respondeu. Ela apenas olhou para a tela e viu que a Riley estava no ônibus e o motorista estava se afastando.

Pela primeira vez em muito tempo, não fiquei preocupado. Eu sabia que a Alegria lidaria com tudo e faria a Riley feliz novamente.

Mas ela não fez isso.

— Tristeza — disse ela —, é com você.

O *quê*? A Alegria havia enlouquecido enquanto vagava pelo Mundo da Mente? Sobre o que ela estava falando? A Tristeza não poderia tornar as coisas melhores. Fora ela quem começou toda essa bagunça, transformando as lembranças felizes da Riley em tristes. Deixar a Tristeza assumir o controle era perigoso. No entanto, a Alegria não parecia preocupada. Ao contrário, parecia que a *Tristeza* estava nervosa e preocupada, mas ela assumiu o console.

Eu me concentrei na minha respiração enquanto observava a tela. Demorou apenas alguns momentos até que a Riley de repente se levantasse de seu assento, corresse para a frente do ônibus e dissesse ao motorista para parar. Com a Tristeza ainda nos controles, a Riley correu para casa e disse a seus pais exatamente como se sentia sobre a mudança e como estava triste por deixar para trás seus velhos amigos e a casa que amava.

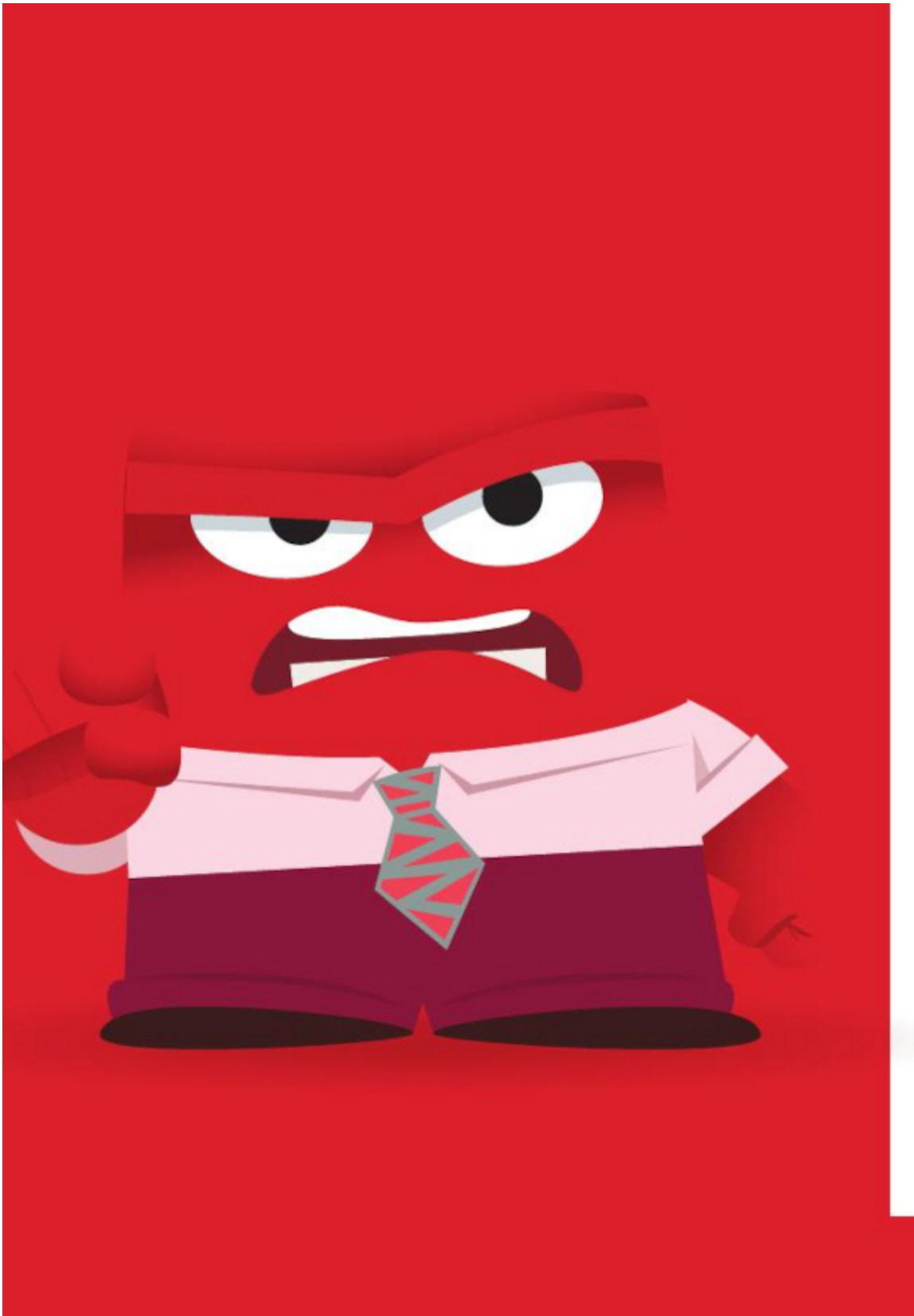
A verdade? Meio que chorei a ouvindo.

Tive medo de que a mamãe e o papai não entendessem ou ficassem com raiva dela por não ser a criança alegre que amavam... mas eles apenas abraçaram a Riley. Disseram que estavam tristes também. Naquele momento, uma nova memória base se formou, criando uma nova Ilha da Família. A Riley já estava se curando.

Isso foi há um tempo. Agora temos uma nova vista incrível da Sede. Podemos ver todas as novas Ilhas da Personalidade. Elas são muito espetaculares. Todas, exceto a Ilha das Boy Bands —

aquela é simplesmente irritante. Mas o que é realmente bom é que a Alegria, a Tristeza, o Raiva, a Nojinho e eu trabalhamos juntos agora em um console novo e bacana. Claro, às vezes pode ficar um pouco lotado, e sempre corro o risco de ser chamuscado pelo Raiva ou me molhar com as lágrimas da Tristeza, mas vale a pena. Somos um time e não há nada de assustador nisso — bem, além da possibilidade de um meteoro cair quando estivermos todos juntos.







Ok, ouça e preste bem atenção, porque isso é importante. Não sei o que qualquer uma dessas outras Emoções disse, mas vou contar a vocês a *verdadeira* história do desastre que foi a Grande Mudança da Riley, e vou contar exatamente da maneira que aconteceu para que todos saibam a verdade.

Tudo começou, é claro, comigo. Apareci na vida da Riley bem cedo. Sabe por quê? Porque a vida não é justa. Mas, quando as pessoas tentam fazer algo que não seja justo com a Riley, respondo à altura. Mesmo quando a Riley era um bebê aprendendo a andar, já havia injustiça com que lidar. Veja por exemplo: o papai costumava dizer para a Riley que, se ela não comesse o jantar, não teria sobremesa.

Como é que é? Sem *sobremesa*? Esse papo não funcionava comigo. Eu *não* descartava que a Riley desse um chilique para conseguir o que queria. Acredite: às vezes, um chilique é preciso.

Eu deveria ter feito ela dar um chilique quando soubemos sobre a mudança de Minnesota para São Francisco. Mas não, acreditei na Alegria quando ela disse que a mamãe e o papai sabiam o que estavam fazendo e que tudo ficaria bem. ERRADO!

A viagem de carro até a Califórnia foi apertada e longa; a comida na estrada fez o estômago da Riley doer; a música que o papai tocava era entediante e para pessoas idosas; e, ainda por cima, quando finalmente chegamos a São Francisco, a casa era nojenta!

— Vamos ter que morar aqui? — rugi para a Alegria.

Ela disse que a casa podia ser uma decepção, mas o quarto da Riley seria “tudo de bom”.

ERRADO DE NOVO!

— Isso é uma prisão — eu disse quando vi o minúsculo cubículo com teto inclinado — e essa aqui é a solitária.

E você sabe o que aconteceu a partir daí? Ficou pior. O caminhão da mudança com todas as nossas coisas se perdeu. Nossa brilhante líder, a Alegria — repare no meu sarcasmo —, achava que pizza nos faria sentir melhor, o que aconteceria *se houvesse algo parecido com pizza naquela cidade esquecida por Deus!* A pizzaria a que a Riley e a mamãe foram nos serviu um pouco de lixo com brócolis e chamou aquilo de “pizza”. As chamadas estavam começando a subir na minha cabeça.

— Mas que beleza, São Francisco — rugi. — Zoaram a *pizza!* Não basta o abacaxi? Agora *isso?*

Surreal. Oh, claro, a Alegria mostrou à Riley e ao restante de nós algumas lembranças que fizeram com que nos sentíssemos melhor por um segundo, mas que explodiram em seu rosto quando a Tristeza tocou as esferas de lembrança e as tornou azuis. Sim, isso mesmo: a Alegria tentou animar a Riley com uma lembrança que, de repente, virou uma lembrança *triste*. Como isso vai funcionar? E não parecia que o tom azul da Tristeza nas esferas de lembrança fosse temporário. Oh, não. O azul estava nela *para sempre*.

Mas, ei, transformar lembranças felizes em tristes aparentemente era apenas uma das novas habilidades da Tristeza. Sabe qual era a outra? *Destruir Ilhas de Personalidade!*

Ok, não *destruir* — não ainda, pelo menos —, mas, enquanto a Alegria tentava esfregar e limpar a lembrança que a Tristeza havia contaminado, a Tristeza decidiu abrir o suporte das memórias base. Ela achava que as memórias estavam tortas, explicou. Queria endireitá-las, disse. Bem, ela endireitou igual à cara dela. O que ela fez foi deixar uma memória base cair do suporte! Era a memória base que alimentava a Ilha da Bobeira e, quando rolou para o chão, a ilha se apagou!

Adivinha o quanto uma ilha apagada adianta para a Riley...

DING, DING, DING! Isso mesmo, pessoal — NADA!

Naquela noite, eu disse o que todos estavam pensando, mas tinham medo de dizer.

— Por que que esses pais quiseram vir pra cá? Eles devem pagar por isso!

A Alegria tentou fazer seu pequeno número de canto e dança para “pensar nas coisas boas”, mas não engoli nada daquilo.

— Alegria — eu disse a ela —, não tem o menor motivo pra Riley se sentir feliz agora. Pode deixar com a gente.

Ainda não tinha certeza de *como* iríamos cuidar disso, embora uma escavadeira ou marreta parecesse um bom ponto de partida.

Então, a mamãe entrou no quarto e estava toda afetuosa e contente porque a natureza otimista da Riley tornara a mudança estressante mais fácil para todos. Foi... bem, sabe... meio legal. Eu disse para a Alegria que nunca havia duvidado dela por um segundo, o que era uma mentira descarada, mas imaginei que lhe devia um tapinha nas costas. E, por meio segundo, eu estava até otimista. Talvez as coisas *pudessem* mudar naquele lugar.

Não, não podiam.

O dia seguinte era o primeiro dia de aula e começou desastroso, porque a Alegria andava de um lado para o outro tocando sua sanfona, um instrumento que é, por definição, um crime contra a música. Então, ela começou a distribuir tarefas. A minha era descarregar os pensamentos bons que a Alegria havia encomendado para o caso de a aula demorar demais. Quer saber qual era o *meu* sonho? Que eu nunca mais tivesse que ver outro pensamento de “pônei voador”. Embora, caso a escola acabasse sendo muito chata e inútil, o que provavelmente seria, um daqueles pôneis ridículos poderia realmente vir a calhar.

A Riley foi para a escola e parecia estar indo bem no início. Ela foi para a aula, sentou-se e misturou-se... tudo certo. Então, a professora, que juro que deve ter dirigido um campo de prisioneiros antes de ganhar suas credenciais de professora, achou que seria uma boa ideia fazer a nova aluna se levantar e falar com todo mundo. Tudo bem, beleza. A Alegria lidou com isso e a Riley começou bem. Estávamos todos olhando para ela na tela grande quando, do nada, a tela começou a ficar azul. Eu me virei e vi a Tristeza tocando a lembrança que a Alegria tinha selecionado para a Riley contar.

Que audácia da Tristeza! Que direito ela tinha de mudar as lembranças? A Alegria agarrou a esfera, mas ela não saiu do lugar, o que significava que a Riley não conseguia parar de pensar nela. E, como a lembrança era triste agora, a Riley ficava cada vez mais chateada.

Muito bem, Tristeza. Que jeito de arruinar a já horrível instituição escolar.

O Medo, a Nojinho, a Alegria e eu tentamos desalojar a lembrança, mas ela não se moveu. O que *mudou* foi que uma nova lembrança rolou para a Sede. Era uma lembrança *azul* miserável que rolou em direção ao suporte das memórias base.

Você sabe o que isso significa, certo? Era uma memória base triste! Imagine a ilha que ela criaria. A Ilha da Depressão Crônica, talvez, ou a Ilha de Chorar na Cama até Dormir. Oh, que lugar adorável seria. Quem sabe... pode até vir com um oceano de lágrimas!

Naturalmente, a Alegria tentou manter a lembrança triste fora do suporte das memórias base. A Tristeza tentou fazê-la entrar no suporte. Uma luta se seguiu, mas não era o tipo de luta boa com lutadores em uma arena batendo-se mutuamente. Era um tipo de luta patética que só conseguiu despejar todas as cinco memórias base no chão quando a Tristeza e a Alegria esbarraram no suporte.

Isso mesmo, você me ouviu. Elas derramaram as memórias base. E então aqueles dois gênios conseguiram dar um jeito de elas próprias e as memórias serem sugadas por um tubo de vácuo e desaparecerem, deixando o Medo, a Nojinho e eu segurando o rojão.

Oh, sim, e com as memórias base desaparecidas, todas as Ilhas da Personalidade se apagaram. Legal, certo?

Então, nós três ajudamos a Riley pelo restante do dia escolar. Deixe-me contar um pouco sobre a nova escola da Riley. Em primeiro lugar, quem decorou a escola o fez de olhos vendados. O esquema de cores nos corredores era uma mistura de verde pastel e amarelo. A Riley ouviu um dos professores chamando tal escolha cromática de “calmante”. Calmante? Parecia que alguém jogou banana em uma campina. Você sabe o que mais não era calmante?

Olhar pela janela e não ver nada além de uma espessa névoa cinzenta. Você sabe o que havia do lado de fora das janelas em Minnesota? *Céu! Sol! Nuvens brancas e fofas!* Aqui, nosso prédio inteiro podia muito bem ter sido enfiado dentro de um travesseiro.

Depois, veio o almoço. Nem me fale sobre o almoço. O lema de São Francisco deveria ser “Paz, Amor e Brócolis”. Pilhas enormes e fumegantes de brócolis foram colocadas nos pratos de todas as crianças. Mesmo se você não tivesse se servido de brócolis, dava praticamente no mesmo, porque o cheiro de brócolis estava por toda parte! A sopa de tortilha cheirava a brócolis, a tigela de frutas cheirava a brócolis... A Riley até foi dar uma olhada na mesa opcional de manteiga de amendoim e geleia, e a *manteiga de amendoim* cheirava a brócolis.

Eu não poderia ter ficado mais feliz quando a escola acabou, mas ir para casa e jantar com a mamãe e o papai não era muito melhor. Em vez de deixar a Riley desfrutar sua refeição em paz, a mamãe estava tagarelando sobre alguma liga júnior de hóquei.

— Hóquei?! — falei num rompante. Quero dizer, nem vem com essa, tá? — Como se *hóquei* fosse a coisa mais importante agora. Não chegava nem ao top mil. O Medo e a Nojinho tentaram controlar a conversa, mas a mamãe sabia que algo estava estranho.

— Bom — disse ela com um tom de voz falso, afetando naturalidade —, e na escola, como foi?

— Que papo furado — avisei.

O Medo deu algum tipo de resposta idiota, mas isso apenas trouxe o papai para a conversa. Logo ele estava sondando também e trocando olharezinhos “entendedores” com a mamãe. Odeio esses olharezinhos.

— Sai! — eu disse, empurrando o Medo do caminho. — *Eu* piloto. — Assumi os controles do console e liguei o lado sarcástico da Riley.

— Eu tô legal — ela zombou —, tá?

— Riley — perguntou a mamãe —, você está bem?

Certo, porque a Riley não pode ser nada além de radiante o tempo todo, e, se ela não for, algo deve estar muito errado. E estava mesmo, claro, mas a mamãe não tinha *certeza* disso.

— Uggghhhh — a Riley resmungou.

— Riley, eu *não* gostei dessa atitude — disse o papai.

Atitude? Ele achou que *aquilo* era uma atitude?

— Eu te mostro a atitude, velhote — eu disse.

— Qual é o problema? — a Riley gritou com o papai. — Eu falo o que quero!

O papai pensou que ele iria tomar a ofensiva depois disso.

— Escuta aqui — disse ele —, exijo um pouco mais de respeito aqui em casa, mocinha...

— De onde veio isso tem mais — desafiei-o do painel de controle.

— Tá querendo treta!? — Empurrei duas alavancas para a frente o máximo que pude, e a Riley olhou direto nos olhos do papai.

— Ah, é? — ela o provocou. — Eu... eu...

Empurrei uma terceira alavanca e gritei até a minha cabeça explodir em chamas.

— Ah, não enche!! — a Riley gritou.

Aí, garota!

Sim, a Riley foi mandada para o quarto dela, mas eu ainda me sentia bem com isso. O papai também devia saber que estávamos certos, porque ele apareceu mais tarde para tentar melhorar as coisas. Infelizmente, ele começou a fazer ruídos de macaco, o que teria feito a Riley rir se a Ilha da Bobeira estivesse funcionando — mas não estava. A Riley não podia fazer bobearas, por isso, ela simplesmente calou a boca e o ignorou, o que era tão diferente do normal da Riley que fez a Ilha da Bobeira virar pó.

Mas, ei, poderíamos sobreviver sem a Ilha da Bobeira, se fosse necessário. Tínhamos outras ilhas. Pelo menos, tínhamos até mais tarde, quando a “amiga” da Riley, a Meg, chamou-a em seu laptop. Você notou as aspas em torno da palavra “amiga”? Sim, isso foi de propósito. Essa “amiga” teve a coragem de falar com a Riley sobre uma nova amiga. Na verdade, uma nova “melhor amiga do mundo”, que estava tão em sincronia com a Meg no ringue de hóquei que elas podiam praticamente “transmitir pensamento uma para a outra”!

— Você tá de brincadeira — rugi. — Dá uma transmitida nisso aqui, então!

Peguei os controles e a Riley fechou o laptop com força. A Meg deve ter ficado pasma. Foi totalmente satisfatório. E se foi isso que fez a Ilha da Amizade desmoronar, então não foi minha culpa, foi culpa daquela traidorzinha da Meg.

Aparentemente, o Medo, a Nojinho e eu estávamos jogando Derrubando as Ilhas da Personalidade, mas, de novo, não foi nossa culpa. Não éramos nós que deveríamos estar no comando, e certamente não fomos nós que deixamos as memórias base escaparem do suporte. Estávamos apenas fazendo o melhor que podíamos conforme as circunstâncias, e que foi exatamente o que continuamos a fazer no dia seguinte, na escola.

Na maior parte, o dia foi tolerável. A Riley fingiu ler um livro para que todos a deixassem em paz. E, se alguém estava pensando em falar com a Riley naquele dia, eles receberam a mensagem para recuar depois da aula de informática. Foi quando a Riley ficou chateada. Ei, você também ficaria se tivesse que lidar com um maldito arco-íris rodopiante na tela do seu computador! GRRRRRR! Há algo mais frustrante do que isso? De qualquer forma, as outras crianças nos deram um amplo espaço depois disso, o que por mim estava ótimo, porque não estava com humor para ninguém ficar no pé da Riley bancando a boazinha-o-que-está-errado. Pode parecer que estão sendo amigáveis, mas só vão nos enganar até que encontrem alguém melhor, assim como a Meg havia feito.

Depois da escola naquele dia, a mamãe levou a Riley para os testes numa liga de hóquei. Eu sabia que era uma ideia péssima e me certifiquei de que a Riley mantivesse uma expressão cansada e mal-humorada em seu rosto para que a mamãe soubesse, mas não ajudou. O Medo teve a ideia maluca de que um teste de hóquei poderia dar certo mesmo com a escuridão da Ilha do Hóquei. Ele reuniu todas as lembranças de hóquei da Riley e tentou usá-las como memórias base substitutas.

Ei, tudo bem, sou um jogador de equipe. Não achei que funcionaria, mas segui o plano. Quando a Riley começou a jogar, tentei empurrar as lembranças para o suporte das memórias base, lutando para fazê-las caber. Mas, então, uma das esferas de

lembrança voou para fora do suporte e atingiu a minha cabeça.
TUM!

Enquanto eu estava me matando para fazer a Ilha do Hóquei funcionar, a Riley estava sendo pulverizada no gelo. E seu treinador ridículo começou a provocá-la, incentivando-a a jogar melhor, como se ela não estivesse fazendo o melhor que podia.

Inaceitável. Deixe que a Nojinho e o Medo enfiem esferas que não se encaixam bem no suporte das memórias base. Eu iria dirigir o console. A Riley não iria mais tolerar essa bobagem. Enquanto eu batia em alguns botões e em uma alavanca, a Riley jogou o seu taco no gelo e patinou para fora do rink. Em seguida, ela disse bufando para a mamãe que tinha acabado e saiu do prédio como uma tempestade.

A Ilha do Hóquei desmoronou? Sim, é verdade. Foi tudo culpa minha? Não, Meritíssimo, não foi.

Nós três estávamos em um navio que estava afundando e as coisas só pioravam. Por isso, naquela noite, tentei assumir o controle.

— Então, vê se para de choramingar e se vira aí! — desafiei a Nojinho.

O Medo disse que deveríamos desistir, mas ele apenas quis dizer que queria ser sugado por um tubo assim como a Tristeza e a Alegria fizeram. Não percebeu o que realmente estava dizendo. Eu sim, no entanto, e isso me lembrou de uma ideia que tínhamos guardado para ocasiões como esta. — Espera aí — eu disse. — Espera aí!

Vasculhei as lâmpadas de ideias até encontrar o que procurava.

— A-há! — gritei.

— O que é? — o Medo perguntou.

— Hã? Nada. Só a melhor ideia do mundo — respondi, enquanto mostrava a lâmpada de ideia para que todos a vissem. — As memórias base boas vieram de Minnesota. Então, voltaremos para Minnesota e acabou. Tchã-ram!

— Pe-pe-peraí! Você quer dizer... fugir? — disse o Medo.

O Medo obviamente não me conhecia.

— Ei — eu disse. — Tudo era perfeito até a mamãe e o papai resolverem se mudar pra São Franchato!

— Mas isso é tão... drástico! — disse o Medo.

— Não se lembram de como tudo era bom lá? — perguntei, embora aparentemente tivesse mesmo de fazê-lo. O Medo era completamente sem noção. — O quarto? Cheiro de ar puro? Amigos?

O Medo e a Nojinho não estavam convencidos, o que não fazia o menor sentido para mim, mas eu disse a eles que poderíamos dormir e conversar melhor depois.

— Porque, ei — eu disse sarcasticamente —, tenho certeza de que tempos alegres e divertidos nos aguardam.

Não sei o que diabos aconteceu naquela noite. Tudo o que sei é que estava dormindo, desfrutando um momento de paz e silêncio, e, no instante seguinte, o Medo estava gritando e a Riley acordara na cama. E quando a Riley estava acordada, todos nós também estávamos. Saí da sala de descanso e entrei feito um furacão na sala de comando, irritado pela falta de sono, e lá estava o Medo, encolhido sob o console em uma bola trêmula de humilhação. A Nojinho perguntou-lhe o que estava acontecendo, e ele começou a balbuciar sobre a metade de um cachorro, sobre estar sem calças, e o velho amigo imaginário da Riley, o Bing Bong...

— Seu cabeção! — gritei. — Era só um *sonho*! Que palhaçada, não se pode nem mais dormir em paz. Preciso agir. — Peguei a lâmpada que tinha encontrado antes. — Se o papai e a mamãe não tivessem inventado de se mudar, nada disso teria acontecido. — Levei a ideia para o console e a levantei. — Quem tá comigo?

O Medo apenas balbuciou, mas a Nojinho deu sinal verde. Isso foi o suficiente para mim. Pluguei a ideia no console. Quase imediatamente, a Riley saiu da cama e ligou o computador.

— Perfeito — eu disse. — Ela não vai parar.

A Nojinho, em sua infinita sabedoria, perguntou como chegaríamos a Minnesota saindo de São Francisco.

— Ora — respondi —, é só a gente alugar um elefante, ué, e ir montado nele!

— É, parece ser legal — disse o Medo.

— Nós vamos de ônibus, sua anta! — retruquei irritado.

Assisti enquanto a Riley checava os horários em seu computador.

— Tem um ônibus saindo pela manhã — observei. — Perfeito.

Então, a Nojinho perguntou onde arranjaríamos o dinheiro da passagem. Como se eu já não tivesse pensado nisso.

— A bolsa da mamãe... — esclareci.

— Oh, você não ousaria fazer isso! — ela engasgou de espanto, mas assegurei a ela que, de fato, ousaria, sim. Até chamei uma lembrança para que pudéssemos saber onde a mamãe havia deixado sua bolsa — lá embaixo.

— Isso é tudo culpa dos pais — lembrei a Nojinho e o Medo. — Nada mais justo do que eles pagarem.

Esgueirar-se escada abaixo e “pegar emprestado” o cartão de crédito foi surpreendentemente fácil. Assistir à Ilha da Honestidade tombar foi muito mais difícil, no entanto. Mas eu sabia que, quando voltássemos para Minnesota, poderíamos construir novas Ilhas da Personalidade e a Riley seria ela mesma novamente.

O Medo ficou nervoso na manhã seguinte, quando estávamos nos preparando para ir, mas eu não ouviria nenhuma desculpa. Se quiséssemos tornar a vida melhor, tínhamos que fazer algo. Assumi o console e a Riley logo estava enchendo sua mochila com roupas. Então, saímos pela porta da frente e demos nossos primeiros passos para a liberdade. Conduzi a Riley por algumas partes desagradáveis da cidade. O Medo assumiu e nos levou a uma biblioteca, o que foi uma grande perda de tempo. Ele disse que queria estar preparado para o pior. Mas acabamos lendo livros chatos sobre fugitivos fracotes. A Riley era muito mais forte e inteligente do que aquelas crianças. Ela ficaria bem! Eu tinha certeza disso.

Assumi o console novamente e retomamos nossa jornada para a rodoviária. A Riley apenas manteve a cabeça baixa e continuou andando. Ela parecia durona — ninguém iria mexer com ela!

Então, a mamãe ligou para o celular da Riley, mas ela se recusou a atender.

Estávamos em uma missão e iríamos até o fim. Eu tinha certeza disso até chegarmos perto da bilheteria da rodoviária. Comecei a

pensar na mamãe... e no papai... e no quanto eles sentiriam nossa falta... e como seria terrível para a Riley ficar sozinha.

— Isso é maluquice! — gritei. — Por que que ela fugiu?

O Medo e a Nojinho sentiam-se da mesma forma. Todos nós tentamos tirar a ideia de fugir do console, mas ela não se mexeu.

— Travou! — gritei.

Estava pior do que presa. Estava queimando. A ideia ficou tão quente que queimou as mãos do Medo quando ele a tocou. Isso provavelmente o traumatizou para o resto da vida. Ele não tocará nas lâmpadas de ideia tão cedo novamente.

Em seguida, tentei jogar uma cadeira para desalojar a ideia, mas nem isso funcionou. E, então, aquela sombra doida se espalhou pelo console. Nunca tinha visto nada parecido antes. Estava o destruindo completamente! O Medo tentou assustar a Riley na esperança de tirar a ideia do console, mas os controles não respondiam.

— O que fizemos... — constatei.

Mas eu sabia o que tínhamos feito. Nós estragamos tudo. Magistralmente.

Quando ouvimos algo bater contra a janela da Sede, imaginei que o lugar estava desabando como as ilhas. Mas, pela primeira vez, fico feliz em dizer que estava errado. A Nojinho correu para a janela para verificar e gritou:

— Alegria!

Seguimos a Nojinho até a janela e lá estavam elas: a Alegria e a Tristeza, penduradas em uma saliência do lado de fora. Nunca saberei por que elas tentaram entrar dessa forma. As janelas não abrem, então, não havia como colocá-las para dentro. Oh, nós tentamos. Até joguei uma cadeira na janela, mas ela quicou de volta.

Foi então que tive a mais brilhante das ideias. Bem, talvez não tenha sido realmente minha ideia, mas isso não importa. Você sabe como posso fazer minha cabeça pegar fogo, não é? Foi exatamente o que fiz! Basicamente, tornei-me um maçarico e fiz um buraco na janela! Então, a Alegria e a Tristeza rastejaram pelo buraco e de volta para a sala de comando.

Sim, praticamente salvei a situação.

Tenho certeza de que você ouviu das outras Emoções o que aconteceu a seguir. A Alegria deixou a Tristeza tomar as rédeas, blá, blá, blá, a Tristeza encontrou seu propósito e consertou as coisas, blá, blá, blá, reconciliação com a mamãe e o papai, blá, blá, blá, a Alegria e a Tristeza agora são melhores amigas do mundo.

Não fiquei nem um pouco comovido. NEM. UM. POUCO. Ok, um pouco. Mas só porque amo a Riley, e depois fiquei *bem* e ninguém me viu chorar. Não aconteceu. Eles não podem provar NADA!

Então, já se passaram vários meses desde que tudo isso aconteceu, e agora sou uma parte muito mais integrante da vida emocional da Riley. Todos nós somos: as novas memórias base são multicoloridas agora, assim como a maioria das novas lembranças. Nós até administramos o lugar em um novo console que nos permite dirigir ao mesmo tempo, o que é muito legal — especialmente quando jogamos hóquei. Sou o agressivo, o Medo toma cuidado com os defensores, a Alegria nos mantém motivados, a Tristeza entra em jogo quando nos machucamos e a Nojinho está mais preocupada em manter o quociente de suor da Riley baixo, mas, ainda assim, formamos uma equipe muito boa. Gosto disso.

Você quer saber de outra grande coisa? A Riley tem algumas novas Ilhas da Personalidade agora, e algumas expansões das antigas. Minha favorita? A nova seção “Discussão Amigável” da Ilha da Amizade. Quando isso dispara, fico tão feliz que você quase pode me confundir com a Alegria.

Quase... mas não exatamente.



Tristeza





Oi. Hum... Não acho que você vá realmente querer ouvir o que tenho a dizer... as pessoas geralmente não querem. Mas eu deveria lhes contar sobre a mudança da Riley de Minnesota para São Francisco e todas as coisas que aconteceram depois, então, acho que farei isso, mas, se você quiser interromper a qualquer momento e ler uma das outras Emoções contando a versão delas da história, vou entender.

Então... hum... vejamos. Por onde começar?

Bem, sempre amei a Riley. Quando ela tinha apenas trinta e três segundos de idade, eu a ajudei a chorar. Ela precisava chorar. Tinha acabado de chegar ao mundo, e ele era tão grande e ela tão pequena, e estava com frio e com fome e precisava de alguém para envolvê-la e aquecê-la. Então, ela chorou. E conseguiu o que precisava.

Há cinco de nós, Emoções, dentro da cabeça da Riley: a Alegria, o Medo, a Nojinho, o Raiva e eu, mas sempre me senti uma estranha no ninho. Não sei por quê. Só me sentia assim. E isso me deixava triste. Eu percebia que a Alegria, em particular, não me entendia, e como era ela quem sempre assumia o comando, para mim era mais fácil ficar sozinha no meu canto. Exceto quando a Riley precisava de mim.

Então, aconteceu a mudança. Eu me senti péssima por deixar nossa antiga casa em Minnesota, que nos proporcionou tantas lembranças, e me senti ainda pior quando vi nossa nova casa. Era tão escura e empoeirada.

— Temos que morar aqui? — perguntei.

O quarto da Riley era pequeno e também apertado, e quase chorei quando pensei na Riley trancada lá, mas a Alegria disse que poderíamos decorá-lo, e isso soou bem. Mas quando descobrimos que o caminhão da mudança não viria, tive certeza de que nunca mais o veríamos, e isso foi quase insuportável.

— Todas as nossas coisas se foram — eu disse. — Tenho saudades das nossas roupas, das nossas meias arco-íris... de tudo.

São Francisco parecia o lugar mais infeliz do mundo. O papai estava ainda mais estressado lá. E ele teve que sair na hora do jantar. Ele nunca fez isso quando morávamos em Minnesota.

— Oh, eu acho que não nos ama mais — eu disse às outras Emoções. — Isso é triste.

Na verdade, era tão triste saber que a Riley precisava de mim para operar o console. Aproximei-me para assumir os controles, mas a Alegria me impediu.

— Quê? Qual é o problema? — perguntei.

Ela disse que deveria dirigir porque íamos almoçar, e isso parecia uma coisa divertida, então, achei que fazia sentido. Mas acabou que o almoço não foi nada divertido. Era uma pizza nojenta com brócolis. E quando a Riley e a mamãe voltaram para casa, a Alegria tentou animá-las com lembranças felizes, mas não pude deixar de sentir que era eu quem deveria estar comandando. Ou, se não comandando, então pelo menos deveria fazer parte da lembrança.

Olhei para a esfera que a Alegria havia plugado. Acompanhei também a lembrança na tela. Foi o momento durante a viagem em que o papai acidentalmente deixou o carro rolar para trás e bater na cauda de um dinossauro de cimento. Foi divertido... mas, para mim, foi triste também, porque aquela viagem acabou, e agora estávamos presos em um lugar que era novo e meio assustador, e ao qual não pertencíamos de fato.

Não consegui me segurar. Enquanto todos os outros assistiam à lembrança, eu me aproximei cada vez mais da esfera... e, então, eu a toquei.

A tela ficou azul.

Como isso aconteceu? Eu não queria que isso acontecesse.

Todos se viraram e me encararam. Aí, eles olharam para a esfera. Também olhei para ela. Estava *azul*. Não era apenas a tela que estava azul, a *esfera da lembrança* estava azul. Era agora uma lembrança triste, embora tivesse sido uma lembrança feliz pouco antes.

— Por que fez isso? — a Alegria perguntou.

— Eu... eu só toquei... — eu disse.

A Alegria esfregou a lembrança. Acho que ela estava tentando tirar o azul. Mas não funcionou.

— Isso não vai fazer a antiga cor voltar — eu disse à Alegria.

Ela estava certa. Eu não conseguia explicar como isso aconteceu. Eu me senti terrível porque estavam todos me encarando, e a Nojinho até disse que fiz algo ruim ao tornar a lembrança infeliz. Agora, sempre que a Riley pensasse naquele momento com os dinossauros, ela se sentiria triste. Por minha culpa.

— Não toque em nenhuma outra memória até a gente descobrir o que aconteceu, tá? — a Alegria me disse. Eu respondi que tudo bem, e falei sério... mas, quando todos voltaram a olhar para a Riley na tela grande da Sede, o suporte das memórias base me chamou a atenção. Tinha algo estranho nele... Uma das esferas ali dentro parecia torta. Eu sabia que não deveria tocar nas lembranças. Eu tinha prometido para a Alegria que não tocaria. Ainda assim, não pude evitar. Eu precisava ir até aquele suporte das memórias base e endireitar a esfera torta. Apenas... precisava fazer isso. Abri o suporte e coloquei a mão lá dentro...

... e uma das memórias base caiu e rolou pelo chão.

Oh, não.

Perguntei-me se eu conseguiria deslizar a memória base de volta para o suporte sem ninguém perceber, mas já era tarde demais. Todo mundo estava olhando para mim. Eles não pareciam nem um pouco felizes. Tentei explicar, mas o que eu disse não foi o que eu esperava dizer. Era mais verdadeiro.

— Só queria segurar uma — admiti.

Ainda queria segurar uma. Estiquei a mão para uma das memórias base do suporte e ela começou a ficar azul. Eu sentia

como se ela estivesse me puxando em sua direção. Como se quisesse que eu a tocasse.

— Ei, ei, *e!* — disse a Alegria. Ela agarrou minha mão para que eu não pudesse mais tocá-la. — Tristeza, quando eu disse para não tocar em nenhuma lembrança, queria dizer *principalmente* as memórias base!

Ela devolveu a memória base que havia caído de volta para o suporte. Eu nem tinha percebido que, quando a memória caiu, a Ilha da Bobeira havia apagado, mas agora a vi se iluminar novamente.

Foi um alívio. Eu não iria querer que a Riley perdesse nenhuma de suas ilhas. Só queria fazer o que as memórias base queriam que eu fizesse. Elas queriam que eu as tocasse. Pelo menos, foi essa a sensação que tive. Isso não significa que era verdade?

— Tá bom, desculpa... — eu disse à Alegria. — É que eu... vi tudo aí... e me deu um nervoso...

— Calma, não fica desse jeito — eu disse à Alegria. — Tá tudo bem.

— É que sempre faço tudo errado... — eu disse. — Não presto...

— Nããão, imagina... — assegurou a Alegria.

— ... sou chata... — acrescentei.

— Não... bom, hã... desencana... — disse a Alegria. — Você não pode olhar só o que vai mal. Sempre tem como dar um jeito. É só fazer uma força.

— Tô fazendo força — assegurei. — Mas por que não consigo?

— Ok, bom... — disse a Alegria — pensa numa coisa bem divertida.

Esforcei-me para pensar em algo.

— Oh! Lembra do filme em que o pai do leãozinho morre?

A Alegria não achou isso divertido, então ela me lembrou de quando a melhor amiga da Riley, a Meg, fez a Riley rir tão forte que o leite saiu pelo seu nariz.

— Mas ardeu... — eu disse. — Parecia fogo, queimando... Credo.

Fiquei triste só de pensar no quanto doeu. Acho que a Alegria queria que eu me sentisse melhor, então, ela me perguntou sobre as coisas que eu mais gostava de fazer, meu passatempo.

— Passatempo? — perguntei. — Hum... gosto quando a gente sai...

— É, é bom — comemorou a Alegria. — Tem sol e praia... Oh! Lembra quando a gente enterrou o papai até o pescoço na areia?

— Eu tava pensando em chuva — eu disse.

A Alegria disse que também adorava chuva. Ela gostava de pisar em poças, usar guarda-chuvas coloridos legais e havia os relâmpagos.

Eu disse que estava pensando mais sobre quando a chuva escorre pelas pernas da Riley e deixa os pés ensopados. Dá muito frio, tremedeira, e tudo começa a ficar sombrio.

Comecei a chorar.

— Oh, ei, ei, ei... calma — disse a Alegria. — Pra que chorar? É exatamente o oposto do que a gente está tentando fazer aqui.

— Chorar faz eu me acalmar e suportar o peso dos meus problemas — eu disse a ela.

Foi quando a Alegria me disse que eu deveria me sentar sozinha e ler alguns manuais da mente. Eu já tinha lido todos eles, mas não queria decepcionar a Alegria. Meio que parecia que eu sempre a desapontava, então, queria tentar ser melhor. Eu me acomodei para fazer algumas leituras.

Mais tarde, a mamãe veio dar um beijo de boa-noite na Riley. A mamãe disse que estava feliz por a Riley estar alegre como sempre, porque isso tornava a mudança muito mais fácil. Todas as outras Emoções pareceram se sentir melhor quando ouviram isso, e eu também... mas, na verdade, não. Talvez eu devesse, só que, em vez disso, eu me senti bizarra por dentro. Não bizarra do tipo que faz rir, mas bizarra no sentido de estranha. Talvez eu ainda estivesse chateada com a pizza de brócolis que tinham servido antes para a Riley, não sabia... Eu só sabia que não estava no meu normal. Esperava apenas que talvez, se eu fosse dormir, quando acordasse tudo ficaria melhor.

A Alegria parecia pensar que sim. Ela despertou e tocou sua sanfona e estava toda animada para o primeiro dia de aula. Ela distribuiu tarefas para todos, também.

— Tristeza, tenho um supertrabalhinho pra você — disse ela.

Soava realmente empolgante.

— É? — perguntei.

— Uhum. Por aqui — disse ela.

A Alegria me conduziu até um ponto bem nos fundos da Sede e se curvou para o chão.

— Que é isso? — perguntei.

— Prontinho. Perfeito — disse Alegria. Ela se endireitou e vi que havia desenhado um círculo de giz em volta dos meus pés. — Esse é o Círculo da Tristeza — disse ela. — O seu papel é garantir que toda a tristeza... fique dentro dele!

— Então... eu só posso ficar parada? — quis saber. Não parecia muito com uma tarefa.

— Ei — disse a Alegria —, quem sou para dizer o que você tem que fazer? Mas você tem que deixar *tooooo*da a tristeza... dentro do círculo.

Ela usou o dedo indicador para empurrar o meu pé de volta para dentro do círculo. Acho que o deixei escapar do Círculo da Tristeza. Fiquei lá parada e olhei para a Alegria.

— Viu? — ela disse. — Você é boa nisso! Não é legal?

— Não — respondi.

— Tá bom, então — disse a Alegria.

É por isso que às vezes eu achava que a Alegria não gostava muito de mim.

Tentei permanecer no meu Círculo da Tristeza. Tentei mesmo. Nunca antes eu tinha desobedecido a Alegria, mas...

Sabe quando eu disse que era como se as memórias base quisessem que eu as tocassem? Bem, conforme a Riley iniciava seu primeiro dia de aula, tive aquela sensação de novo, cada vez mais forte. E não era apenas com as memórias base — tive a sensação de que era para eu estar no comando. Que, embora a Alegria tivesse dito que este era um dia feliz... não era. Era triste. E, se fosse triste, eu precisava operar os controles.

Ainda assim, fiquei parada enquanto a Riley ia para a escola, enquanto ela entrava no prédio, enquanto se sentava em sua carteira. Até fiquei quietinha quando a professora pediu a ela que se

apresentasse e quando a Alegria evocou uma lembrança para a Riley descrever para todas as outras crianças.

A lembrança era da Riley e de sua família patinando juntos. Era uma lembrança dourada e feliz, mas me atraiu como um ímã, porque precisava de mim. Precisava ser azul. Precisava ser um pouco triste. Afinal, a Riley não poderia mais patinar assim com a mamãe e o papai. Eles moravam em São Francisco agora, onde nem nevava. Então, enquanto as outras Emoções estavam assistindo à Riley na tela grande, fui na ponta dos pés até a esfera da lembrança e a toquei.

Na tela grande, a imagem ficou azul. A voz da Riley adquiriu um tom triste e baixo.

Senti-me péssima quando a Alegria se virou e me flagrou tocando a lembrança. Ela parecia muito aborrecida.

— Pô, Tristeza! — ela ralhou. — Você tocou na memória. Você sabe que não pode.

— Pois é, foi mal — admiti. — Desculpa...

— Volta já pro círculo — ela me disse.

Não obedeci. Não queria voltar para o meu círculo. Eu queria estar perto da lembrança, embora a Alegria estivesse tentando tirá-la dali.

A lembrança não saía. Ela permaneceu no lugar e triste, e a Riley ficou cada vez mais chateada enquanto pensava naquilo. Todas as outras Emoções ficaram preocupadas porque a Riley parecia prestes a chorar, e as crianças em sua classe começaram a cochichar sobre ela, mas era mesmo assim tão ruim que soubessem que a Riley estava infeliz? Eu não achava.

Enquanto as outras Emoções tentavam remover a lembrança do projetor, fui até o console e comecei a operá-lo. Foi quando uma nova esfera de lembrança foi criada. Era uma lembrança num tom vivo de azul daquele exato momento e rolou para a sala de comando e em direção ao suporte das memórias base.

Era uma memória base. Uma memória base triste. Eu mesma produzi uma memória base.

— Não, para — disse a Alegria. — Peraí... não! Ahh... não!

Ela correu para o suporte das memórias base e a ergueu para que minha memória prendesse na base e não entrasse. Mas ela deveria entrar lá. O que a Alegria tinha feito não era justo. Então, ela tentou eliminar a memória base azul pelo tubo de vácuo, mas teria sido ainda menos correto. A Alegria pode não ter gostado, mas era uma memória base real. Ela não podia simplesmente sugá-la assim pelo vácuo.

— Não... não! — Tentei impedi-la. Agarrei a memória. — É uma memória base, Alegria! Para!

— Ei! Tira a mão! Solta! — disse a Alegria, enquanto tentava puxá-la para longe de mim.

Enquanto disputávamos cabo de guerra com a memória base azul, esbarramos no suporte das memórias base aberto e todas as cinco memórias base amarelas caíram no chão.

Todos se sobressaltaram, e, enquanto a Alegria corria atrás das cinco memórias base amarelas para recolhê-las, agarrei a minha azul. Era especial para mim e eu a queria no lugar a que pertencia, no suporte. Mas, então, a Alegria se lançou na direção dela, a memória escorregou das minhas mãos e foi direto para o tubo de vácuo. Procurei pegá-la novamente, mas a Alegria tentou me bloquear e aí tropeçou, então as memórias base escaparam de seus braços. Foi tudo muito confuso. Num minuto, a Alegria e eu estávamos lutando pela posse das memórias base e, no minuto seguinte, essas memórias, além da Alegria e de mim, fomos todos sugados para o tubo de vácuo.

Então, foi muito desorientador por um tempo. Eu estava no tubo, sendo puxada rapidamente... e aí caí e aterrissei bem ao lado da Alegria.

A Alegria se levantou imediatamente e começou a vasculhar em volta. Ela estava procurando suas memórias base, acho, e encontrou todas as cinco. Depois, ela olhou ao redor para ver onde estávamos.

— Memórias de Longo Prazo — disse ela.

Segui seu olhar. Estávamos perto da Ilha da Bobeira, mas estava escura e silenciosa. Todas as Ilhas da Personalidade estariam

desativadas a esta altura, porque as memórias base que as moviam não estavam em seu suporte.

— Isso é mau — eu disse.

Mas a Alegria disse que poderia consertar tudo. Tínhamos apenas que retornar para a sala de comando, plugar as memórias base, e a Riley voltaria ao normal.

Se ao menos pudesse ser assim tão fácil... Então, algo horrível me ocorreu. Como a Alegria não estava na Sede, não havia como a Riley ficar feliz!

— Temos que te mandar lá pra cima — falei para a Alegria.

Dirigimo-nos para a ponte que dava na Ilha da Bobeira. De lá, poderíamos cruzar a linha de luz de volta à sala de comando. No entanto, assim que chegamos à Bobeira e demos uma olhada naquela linha de luz muito fina que se estendia sobre o profundo abismo do Lixão das Memórias, começamos a reconsiderar nosso plano.

— Se cairmos, seremos esquecidas! — eu disse à Alegria.

— Temos que fazer isso pela Riley. Só... vem atrás de mim, tá? — disse a Alegria.

Era como andar numa corda bamba! Eu sabia que algo ruim com certeza iria acontecer. A Alegria iria derrubar uma das memórias base, ou eu mesma iria escorregar e cair no Lixão das Memórias. Nunca tive um equilíbrio muito bom. Normalmente, tropeço nos meus próprios pés e caio de cara. É por isso que simplesmente me deito de cara no chão. Desse jeito, evito cair.

E, como não poderia ser diferente, algo ruim *de fato* aconteceu. Enquanto caminhávamos ao longo da linha de luz, ouvi um barulho terrível, e então a Ilha da Bobeira e a linha de luz em que estávamos começaram a desmoronar!

— Depressa! Corre! Corre! — gritou a Alegria.

Apressamo-nos o máximo que podíamos para atravessar a ponte. Conseguimos retornar ao penhasco das Memórias de Longo Prazo segundos antes de toda a Ilha da Bobeira entrar em colapso e desabar no Lixão das Memórias.

— Nós perdemos a Ilha da Bobeira. Também podemos perder a da Amizade, a da Honestidade, a da Família! Você pode dar um

jeito, não pode? — perguntei.

— Eu... eu... eu não sei — respondeu a Alegria. — Mas vamos tentar.

Ela então elaborou um novo plano. O céu tinha escurecido, o que significava que a Riley tinha acabado de dormir. Isso nos daria tempo para caminhar até a Ilha da Amizade e cruzar a linha de luz de lá. Mas olhei para a Ilha da Amizade e sabia que nunca conseguiríamos. Era impossível. Eu queria desistir e cair no chão.

— Não, não... Não, não, não... Não chore para suportar seus problemas — disse-me a Alegria.

Mas era tarde demais. Caí de cara no chão.

— Ai, Tristeza, a gente não tem tempo pra isso — disse a Alegria enquanto caminhava em direção às sinuosas prateleiras

das Memórias de Longo Prazo. Ela pretendia enveredar pelas Memórias de Longo Prazo para chegar à Ilha da Amizade.

— Espera, Alegria, você pode se perder! — adverti.

— Pense positivo! — ela disse.

Eu estava pensando positivo. Eu positivamente pensava que ela ia se perder. Eu sabia, por causa de todos aqueles manuais da mente que li na Sede, que as Memórias de Longo Prazo eram simplesmente um labirinto interminável de corredores e prateleiras. Quando contei à Alegria sobre os manuais da mente e como conhecia o caminho de volta para a sala de comando, ela ficou muito animada e me chamou de “mapa”.

— Eu gostaria de ser chamada assim! — disse a Alegria. — Como é a sensação?

— É boa.

A Alegria me disse para mostrar o caminho. E eu ia, mas havia um pequeno problema. Eu estava triste demais para caminhar. Precisava de pelo menos algumas horas para sair da minha espiral descendente.

Aparentemente, a Alegria não podia esperar tanto tempo assim. Ela agarrou uma das minhas pernas e me arrastou para o labirinto de prateleiras das Memórias de Longo Prazo. Na verdade, até fez eu me sentir bem, ainda mais porque eu poderia correr minha mão ao longo da última fileira de lembranças enquanto passava por elas.

Elas assumiam um tom muito bonito de azul quando eu as tocava. Gostei bastante, mas fiquei feliz que a Alegria estivesse olhando para a frente e não conseguia ver. Achei que ela não aprovaria.

— Qual o caminho? — a Alegria perguntou quando chegamos a um cruzamento. — Esquerdo?

— Direito.

Ela virou à direita.

— Não, eu quis dizer vá para a esquerda. Falei que tomar a esquerda era o direito a fazer. Tipo “o certo” — eu lhe disse.

— Legal, vamos lá! Vai dar certo! — disse a Alegria, entusiasmada como sempre.

Mas, então, o tempo foi passando...

— Ai... não vai dar certo... — disse ela.

Continuei lhe passando instruções.

— Tá... hum... direita de novo... e... à esquerda. E depois à esquerda outra vez, e de novo à esquerda...

— Ai, tem certeza que sabe o caminho? Porque parece que estamos apenas andando em círculos...

A Alegria parou e ergueu os olhos. O céu estava novamente claro, o que significava que a Riley estava acordada. Ela ficou distraída por um momento e colocou no chão as memórias base. Minha reação imediata foi estender a mão na direção delas.

— Não, não, não! Não toque, lembra? — a Alegria me repreendeu. — Se tocar nelas, ficarão tristes!

— Oh, me desculpa, eu não vou — eu disse.

Então, a Alegria percebeu a longa trilha de esferas de lembrança azuis na última fileira de todas as prateleiras pelas quais passamos.

— Ai, não aguento mais isso — ela murmurou.

Então, a Alegria ouviu vozes e saiu correndo. Por ter lido os manuais, eu sabia que as vozes pertenciam a Esquecedores: os Mentalúrgicos que passam pelas prateleiras das Memórias de Longo Prazo e enviam todas as lembranças que a Riley não precisa mais para o lixão, onde as lembranças desaparecem para sempre. Era triste pensar nisso, por isso, deixei a Alegria ir falar sozinha com os Esquecedores. Mas, quando ouvi um barulho alto e terrível, levantei-me e caminhei na direção dele. A Alegria tinha feito o

mesmo. Encontrei-a com o olhar perdido para além das prateleiras das Memórias de Longo Prazo, onde a Ilha da Amizade ruía em pedaços e desmoronava.

— Ela adorava essa ilha. Isso é um horror — eu disse. — Adeus, amizade; olá, solidão.

A Alegria apontou para a Ilha do Hóquei, que era a mais próxima, embora estivesse muito distante.

— Tudo bem... O caminho só ficou mais longo.

— É... — concordei. — Longo... longo... longo... longo... longo... Tô pronta...

Voltei para o chão e levantei a perna para que ela pudesse me arrastar, mas a Alegria saiu correndo de novo. Eu a encontrei conversando com um cara de aparência estranha, com uma tromba, bigodes e patas. Eu o reconheci. Era Bing Bong, o antigo amigo imaginário da Riley, mas havia algo que eu nunca tinha entendido nele.

— O que você é? — perguntei. — Explica pra mim.

— Você sabe — Bing Bong respondeu —, sou meio indefinido. Sou meio gato... parte elefante... parte golfinho.

Bing Bong parecia legal. Ele deu à Alegria uma sacola para ajudá-la a carregar as memórias base. E estava disposto a nos ajudar a chegar à sala de comando. Ele achava que deveríamos pegar o Trem do Pensamento, o que parecia uma boa ideia, já que ia para a Sede o tempo todo.

— Conheço um atalho — disse ele. — Venham, por aqui!

Nós o seguimos, mas não gostei da ideia de um atalho. Parecia arriscado.

Bing Bong levou-nos a um depósito. Podíamos ver por uma porta todo o espaço até uma janela do outro lado do prédio. A estação ferroviária ficava bem do lado de fora daquela janela.

— A estação é por aqui — disse Bing Bong e abriu a porta. — Você primeiro.

— Alegria! — chamei, detendo-a.

— Quê?

— Já li a respeito no manual — eu lhe contei. — A gente não devia entrar...

— O Bing Bong falou que conhece um atalho — disse a Alegria.

— Tá, mas o problema é que é muito abstrato — expliquei. — Vem, vamos dar a volta. Por ali — eu disse, puxando o braço da Alegria.

— Isso é apenas um boato — Bing Bong falou. — Passo aqui o tempo todo. Isso é um atalho, tá vendo? — Ele apontou para uma placa acima da porta e soletrou. — P-E-R-I-G-O, “atalho”. Vou provar pra vocês.

Eu tinha certeza de que ele não havia soletrado “atalho”, mas entrou e a Alegria o seguiu, então, entrei também. Eu não gostava nem um pouco disso, no entanto. E gostei ainda menos quando as luzes se acenderam e formas flutuaram do chão para o ar.

— Eita — disse Bing Bong —, mas que doideira!

— Oh, não — eu disse, percebendo que alguém devia ter acabado de ligar a sala.

Olhei para Bing Bong. Seu rosto tinha ficado estranho. Como uma versão de sonho de seu rosto. A Alegria e eu gritamos, o que fez Bing Bong tocar seu rosto e perceber o que havia acontecido.

— Meu rosto! — ele se espantou. — Minha beleza incompreendida!

— O que aconteceu? — a Alegria quis saber.

Eu lhe expliquei:

— Essa não! Nós começamos a ficar abstratos! São quatro estágios. Este é o primeiro: fragmentação não objetiva!

Tentamos atravessar o depósito, mas não tínhamos mais articulações, então, era muito difícil.

— Calminha, sem pânico! — Bing Bong aconselhou. — O importante agora é a gente *não se separar!*

Então, seu braço caiu. A cabeça da Alegria desabou em seguida. Aí, perdi minha perna. Tomei depois disso.

— É o próximo estágio — indiquei. — Desconstrução!

— Corram! — Bing Bong gritou.

Não gosto de correr, mas teria de fazê-lo. Coisa muito difícil quando não se tem todas as partes do corpo.

— Temos que sair daqui. Porque, se virarmos só forma e cor, ficaremos presos pra sempre! — gritei.

— Presos? — a Alegria lamentou. — Por que entramos aqui?

— Porque é um atalho — disse Bing Bong —, já falei pra vocês!

Pela janela, vimos o Trem do Pensamento chegar à estação... no exato momento em que nos transformamos em formas planas e coloridas.

— Oh, não — gemi. — Bidimensionais! Esse é o pior!

— Credo! — Bing Bong gritou. — Pareço um quadro!

Ainda tentamos chegar à janela, mas era tão difícil.

— Não estamos chegando a lugar algum! — a Alegria gritou.

Em seguida, ficamos tão abstratos que nos transformamos em manchas.

— Oh não! — gemi. — Viramos formas simples! Este é o último estágio!

— Não vamos conseguir! — Bing Bong declarou.

Eu estava muito triste para lidar com aquela situação. Caí no chão e me transformei numa linha.

Uma linha! Isso me deu uma ideia!

— Espera! — gritei. — Somos bidimensionais. Caíam de cara no chão!

Rastejei como uma lagarta e a Alegria e Bing Bong fizeram o mesmo. Como linhas planas, conseguimos alcançar a distante janela. Finalmente, tínhamos escapado do prédio do Pensamento Abstrato! A má notícia é que havíamos acabado de perder o trem, mas a boa notícia é que tínhamos retornado aos nossos eus tridimensionais.

— Você falou que era um atalho! — disse a Alegria a Bing Bong.

— Eu falei, mas, foi mal... A gente não devia ter tentado — admitiu Bing Bong. — Que perigo! Eles deviam colocar uma placa.

Bing Bong explicou que havia outra estação de trem do outro lado da Terra da Imaginação. No entanto, a Alegria não tinha tanta certeza sobre suas habilidades de navegação depois que ele nos fez passar pelo Pensamento Abstrato, então, ela se virou para mim e sussurrou:

— Tem mesmo outra estação?

Lembrei-me, pelos manuais da mente, de que havia outra estação.

— Aham. Ali — respondi.

Então, seguimos Bing Bong até a Terra da Imaginação. Ele estava muito animado para nos oferecer um tour. A Alegria adorou, mas era um pouco extenuante e interativo demais para mim. Tivemos que atravessar a duras penas o Bosque das Batatas Fritas, a Cidade dos Troféus e a Cidade das Nuvens... realmente teria sido melhor deitar um pouco. Então, Bing Bong nos conduziu ao Mundo Pré-Escolar, mas, no caminho para lá, ouvimos um som alto.

Era a Ilha do Hóquei desmoronando como um iceberg.

— Bing Bong — disse a Alegria —, temos que chegar à estação.

— É claro — respondeu Bing Bong. — É logo depois do Castelo de Biscoito.

Eu tinha certeza de que ele ainda estava nos levando para o Mundo Pré-Escolar, não para a estação de trem — mas, então, ele parou, como se estivesse confuso também.

— Ih! Eu, hein? — disse ele. — O Castelo de Biscoito ficava aqui. Por que o demoliram?

Ele olhou em volta e pareceu ficar ainda mais confuso.

— Ué, mas... eu jurava que a Montanha do Pônei Brilhante era ali. O que está acontecendo?

Percebi uma escavadeira na nossa frente. Ele derrubou um grande castelo cor-de-rosa.

— O Mundo das Princesas! — Bing Bong arfou.

Pó de purpurina espalhou-se por toda parte. A escavadeira continuou seu trabalho.

— Oh não! — Bing Bong arfou novamente. — O Museu dos Ursos de Pelúcia!

A escavadeira arrancou a cabeça de um grande urso de pelúcia. *Que tristeza.* Então, Bing Bong viu algo que o deixou realmente transtornado.

— Meu foguete! — ele gritou.

Era um carrinho de puxar, na verdade, e dois Esquecedores o carregavam em direção à pilha em frente à escavadeira, que a empurrava para a beira de um penhasco. Bing Bong correu o mais rápido que pôde e tentou alcançá-los, mas não conseguiu. Os Esquecedores jogaram o foguete na pilha, e a escavadeira o

arrastou junto com o restante dos escombros para um penhasco, em direção ao lixão.

— Nããão! — ele protestou. — Não! Não! Não podem levar o meu foguete pro lixão! A Riley e eu vamos pra *lua*!

Mas o foguete se fora. Bing Bong ficou tão atordoado e perturbado que caiu de joelhos.

— A Riley se esqueceu de mim?

A Alegria se aproximou dele e tentou fazê-lo se sentir melhor.

— Ei, vai ficar tudo bem! — ela disse. — A gente vai ajudar! A sala de comando nos espera. Pra que lado é a estação?

Ela tentou fazê-lo nos conduzir de novo, mas Bing Bong não saiu do lugar.

— Eu tinha até um plano de viagem... — disse ele.

A Alegria tentou novamente.

— Ei, olha a cosquinhaaaa! O monstro cosqueta apareceu!

Ela fez cócegas nele, mas ele não reagiu.

— Ei, Bing Bong! — a Alegria insistiu. — Olha isso!

Ela fez uma cara boba. Ele nem mesmo olhou para ela. Dava pra ver que a Alegria estava ficando impaciente.

— Ó, brincadeira nova! — ela prosseguiu. — Você aponta a direção da tal estação e nós caminhamos pra lá! Vai ser tão legal! Vai, vamos pra estação!

Eu compreendia que a Alegria queria voltar para a sala de comando. Eu também queria. Mas Bing Bong não precisava de alguém para animá-lo ou motivá-lo. Ele estava triste porque algo realmente deprimente havia lhe acontecido.

Ele *precisava* ficar triste.

Sentei-me ao seu lado.

— Que pena que levaram seu foguete — eu disse. — Era uma coisa que você amava. Se foi... para sempre.

— Tristeza, não piora as coisas — ralhou a Alegria.

— Desculpa... — eu disse... mas não sentia que deveria me desculpar. Não de verdade. Eu não queria aborrecer a Alegria, mas pensei que, bem, talvez ela simplesmente não entendesse.

Bing Bong ainda olhava para o buraco onde seu foguete havia desaparecido.

— Era tudo o que eu tinha da Riley — contou ele.

— Aposto que vocês têm várias lembranças — eu lhe disse.

— Oh, muitas — Bing Bong concordou. — Nós já voltamos no tempo pra tomar café da manhã duas vezes.

— Que incrível — eu disse. — A Riley gostou?

— Gostou, sim — disse Bing Bong. — Minha melhor amiga.

Então, ele começou a chorar. Ele chorava balas, exatamente como a Riley imaginava que fazia quando era pequena. Eu o deixei colocar a cabeça no meu ombro.

— É, que triste — eu disse.

Coloquei meu braço em volta dele e o deixei chorar. Aos poucos, os soluços ficaram mais suaves... então, mais lentos... e aí se transformaram em fungadas. Ele ergueu a cabeça e piscou, enxugando os olhos.

— Eu já tô bem... — disse ele. — A estação fica por aqui.

Ele começou a andar. Eu me sentia cansada, como se estivesse chorando também, mas, ao mesmo tempo, eu me sentia bem, porque melhorei as coisas para o Bing Bong. Levantei-me para poder segui-lo, mas a Alegria estava na minha frente e tinha uma expressão esquisita no rosto.

— Como você fez isso? — perguntou ela.

— Ah, não sei — admiti. — Ele tava triste. Então, eu o escutei...

De repente, ouvimos o apito do trem.

— Ei! — Bing Bong gritou. — Olha o trem!

Corri para alcançá-lo, e logo Bing Bong, a Alegria e eu estávamos no Trem do Pensamento. Foi um passeio agradável, mas quando anoiteceu e escureceu, o trem parou.

— Ei, ei! — a Alegria gritou para o engenheiro. — Por que paramos?

— A Riley foi dormir — disse o engenheiro. — É hora da pausa.

— Ficaremos aqui até de manhã? — perguntei.

— É — observou Bing Bong. — O Trem do Pensamento não anda durante o sono.

— Nós não temos tanto tempo — a Alegria lamentou.

— E se acordarmos a Riley? — sugeri.

— Para! Mas que ridículo! — a Alegria me repreendeu. — Como poderíamos...? — Então, ela avistou os portões para a Produção de Sonhos. Seu rosto se iluminou como se ela tivesse tido uma ideia incrível. — E se acordarmos a Riley?

— Graaande ideia... — observei.

— Valeu — disse ela. — Vambora!

Caminhamos até a Produção de Sonhos, onde eles produzem os sonhos da Riley. Assim que passamos pelo portão, fomos rodeados de muitos atores fantasiados, trabalhadores do set e pessoal da iluminação, e muitas pessoas em carrinhos de golfe. Todos pareciam muito ocupados.

— Uau! — a Alegria ficou maravilhada. — Que lugar enorme.

— É — disse eu —, é muito menor do que eu esperava.

A Alegria ficou muito animada quando viu um unicórnio sentado na cadeira de diretor, então, eu me aproximei e disse:

— Minha amiga é muito sua fã. Ela queria um autógrafo.

A Alegria não gostou disso.

— Não, não, Tristeza, não incomode a Senhorita Unicórnio.

Era como se ela estivesse com vergonha ou algo assim. Sei lá.

A Alegria, Bing Bong e eu chegamos a um grande prédio: ESTÚDIO B. Parecia um bom lugar para encontrar a equipe da Produção de Sonhos, então, entramos. Havia muita coisa acontecendo — um monte de atores e cenários e adereços e coisas assim. Não devíamos estar lá dentro, por isso nos escondemos atrás de alguns equipamentos de produção e fomos até um cabide de fantasias.

— Tá bom, ainda não tivemos ideia nenhuma — disse a Alegria.

— Bom — falei —, quando tem um pesadelo, ela acorda. Podemos assustá-la.

— Que isso? — surpreendeu-se a Alegria. — Não, não, tadinha. Ela já tá sofrendo tanto. Tristeza, você pode até sacar dos manuais, mas sei da Riley! Vamos deixá-la tão feliz que ela vai despertar... amarradona! Totalmente disposta!

— Nunca vi nada parecido — observei.

— Uh! — gritou a Alegria quando encontrou uma fantasia de que gostou. — A Riley adora cães. Põe, vai!

Era a parte de trás de uma fantasia de cachorro. A Alegria ficou com a metade da frente.

— Acho que é roubada — adverti-a, mas coloquei a fantasia mesmo assim. Então, a Alegria e eu ficamos na lateral do set enquanto todos começaram a filmar o sonho. Era um sonho sobre o primeiro dia da Riley na escola, só que ainda mais triste do que a forma como realmente aconteceu. Ela estava falando para toda a classe... mas, então, seus dentes caíram e ela descobriu que não estava usando calças.

— Pronta? — a Alegria me perguntou.

— Não sei se essa bobagem vai funcionar — eu disse. — Mas, com o susto...

— Vem na minha, tá bom? — sussurrou a Alegria.

A Alegria me puxou para fora com ela, o que foi muito fácil, já que ela era a metade dianteira do cachorro, e tentamos saltitar como um filhote. Acho que estávamos indo bem. Eu não conseguia enxergar nada da minha metade da fantasia. Tudo que eu sabia era que a Alegria estava latindo e correndo já há bastante tempo, e ninguém ainda havia gritado que a Riley estava acordando, então, eu sabia que não estava funcionando. Disse isso à Alegria, mas, antes que ela pudesse me responder, a fantasia se rompeu ao meio. Achei que poderia ser bom e assustador, por isso, fugi da Alegria pelo cenário da sala de aula.

— Huh? — a Alegria sussurrou. — Tristeza, o que é isso? Volta pra cá!

Vi Bing Bong pular na frente da câmera, então, deixei a Alegria se aproximar de mim.

— Tristeza! — ela disse acusadoramente. — Para! O que você tem na cabeça? Vai assustá-la!

— Começou a dar certo! — eu disse.

Apontei para o Indicador de Sono na parede. Estava passando de ADORMECIDA para ACORDADA. Ainda não estava lá, mas estava muito mais perto do que quando começamos. Ser meio-cachorro era muito mais eficaz do que ser um cachorro completo. Eu queria que a Alegria realmente pegasse meu rabo em sua boca e o sacudisse

enquanto eu choramingava, mas não tivemos a chance de fazer isso.

— ELES NÃO SÃO PARTE DESTE SONHO! — gritou a diretora.
— PRENDAM-NAS!

Os seguranças vieram nos deter. A Alegria e eu deixamos o sonho e fugimos, mas eles pegaram o Bing Bong. Não podíamos ajudá-lo, porque, se nos vissem, eles também nos capturariam. A Alegria estava realmente chateada porque o Bing Bong estava guardando a sacola com as memórias base para ela, e agora elas também estavam perdidas.

Vi para onde o levaram. O Subconsciente. Para chegar lá e encontrá-lo, a Alegria e eu tivemos que descer uma escada longa, escura e assustadora. Lá embaixo, havia um portão gigante, com apenas escuridão e ruídos fantasmagóricos do outro lado dele. O portão era vigiado por dois guardas.

— Que lugar é este? — a Alegria sussurrou.

— O Subconsciente — eu disse a ela. — É o lugar pra onde levam quem causa problemas.

A Alegria olhou para os guardas.

— Huum. Como a gente entra?

Tive uma ideia. Fiz sinal para que a Alegria me seguisse. Os dois guardas estavam conversando, então, a Alegria e eu passamos por eles na ponta dos pés. Caminhamos até o portão fechado... aí, eu o sacudi.

— As duas! — um dos guardas gritou.

— Uh! Chato isso, né? — eu disse. Tentei parecer muito culpada.

— Entrem logo! — o outro guarda ordenou. — Não tem saída!

Os guardas empurraram a mim e a Alegria pelo portão e o fecharam com força.

Fiz com que entrássemos, mas o lugar era realmente uma caverna enorme, escura e úmida com ruídos que ecoavam de forma assustadora.

— Isso aqui me assusta — eu disse à Alegria. — É onde guardam os piores medos da Riley.

— É brócolis! — a Alegria arfou ao ver um talo gigante do maligno vegetal. Então, uma porta na parede de pedra se abriu, revelando

um lance de escadas instáveis. A Alegria e eu gritamos.

— A escada pro porão! — exclamei.

E tínhamos acabado de nos afastar dela quando ouvimos um rugido estrondoso e um enorme aspirador de pó surgiu das sombras e veio atrás de nós.

— O aspirador de pó da vovó! — a Alegria gritou.

Corremos até que ele sumisse de vista e nos escondemos atrás de uma pedra. Assim que recuperamos o fôlego, tentamos andar na ponta dos pés pela caverna novamente. Procuramos ficar muito quietas, mas cada passo que dávamos esmagava alguma coisa ruidosa.

— Dá pra não fazer barulho? — a Alegria perguntou.

— Não dá... — eu lhe disse.

— Mas será que... — disse a Alegria, abaixando-se e pegando algo. — É papel de bala.

Bing Bong chorava balas, então, parecia um bom sinal. Seguimos a trilha das embalagens. Logo, ouvimos soluços.

— Bing Bong! — a Alegria gritou.

Ele estava lá, agachado em uma enorme gaiola feita de balões. Pareceu feliz em nos ver por cerca de um segundo; então, ele nos alertou para que fizéssemos silêncio. Ele apontou, e percebemos que estávamos bem ao lado de um palhaço adormecido gigante.

— É o Jangles — disse a Alegria. Ela parecia apavorada. Jangles também me assustava. A Riley conheceu o Jangles na festa de aniversário de seu primo. Ele tinha o rosto branco como uma lápide e uma boca sorridente tão vermelha que parecia que ele comia criancinhas. Tenho certeza de que seus dentes eram presas, também. Todos eles.

Este Jangles era ainda mais assustador do que o real. Era tão grande quanto um tiranossauro. E murmurava perversamente enquanto dormia.

— Parabéns pra você... parabéns pra você... — ele murmurava.

A Alegria perguntou bem baixinho:

— Você tá com as memórias?

— Tô... — Bing Bong entregou-as através das barras da gaiola de balões e a Alegria pendurou a sacola de volta no ombro. — Ele só

queria as minhas balas.

A Alegria tentou separar as barras para que Bing Bong pudesse sair, mas elas rangeram como unhas deslizando por uma lousa e fizeram o cabelo da minha nuca se arrepiar. Observei para ver se o Jangles iria acordar. Ele roncou e rolou para o lado, mas continuou dormindo enquanto a Alegria esticava as barras ainda mais e Bing Bong escapava.

— Vamos logo! — sussurrou Bing Bong. — A gente tem que pegar o trem.

Estávamos correndo muito rápido, mas a Alegria parou e agarrou o meu braço.

— Ei, o trem não tá funcionando. Acordar a Riley é prioridade.

— Mas como? — perguntei.

Nós duas tivemos a mesma ideia ao mesmo tempo. Olhamos para o Jangles.

— Oh, não — disse Bing Bong.

A Alegria e eu reunimos toda a nossa coragem e despertamos o Jangles. Dissemos que estava na hora do “parabéns pra você”. Isso foi o suficiente para deixá-lo realmente animado.

Nós três corremos para os portões do Subconsciente com o Jangles bem atrás de nós. Ele destruiu o enorme portão com sua marreta, e os guardas ficaram com tanto medo que fugiram. Isso nos deixou livres para subir a longa escadaria até a Produção de Sonhos, onde eles ainda estavam filmando o sonho da Riley.

O Jangles bateu na parede do estúdio com sua marreta, depois se inclinou para a câmera e sorriu.

— ÚHHH! MEUS PARABÉNS! — ele rugiu.

Espiei ao redor dele e vi o Indicador de Sono disparar para ACORDADA. Funcionou! A Alegria e eu ficamos tão felizes que fizemos uma dancinha. Uma bem curta — dançar faz os meus pés doerem. Então, corremos para o Trem do Pensamento e pegamos o último vagão no momento em que ele estava se afastando.

— Quem tá indo pra sala de comando? — a Alegria comemorou. Ela me agarrou e me girou, o que foi divertido, mas me deixou um pouco tonta. No entanto, ainda assim gostei.

— Nós três! — respondi. Eu podia ver a Sede ao longe. Ainda estava muito distante, mas o trem nos levaria até lá. Nesse meio-tempo, estávamos cercados por todas as lembranças do vagão, e isso foi bom. Especialmente para o Bing Bong. Fazia uns bons anos que ele não passava um tempo com a Riley, então, ele gostou de olhar as lembranças dela.

— Ei, foi uma ótima ideia — disse a Alegria para mim. — A de acordar a Riley com o susto. Você mandou bem.

Eu não tinha certeza, mas parecia que a Alegria estava dizendo algo bom para mim.

— Ah, é? — surpreendi-me.

— Arrasou — disse a Alegria.

Sorri. Eu tinha mandado bem. E a Alegria também achava isso. Nunca antes ela havia gostado de algo que eu tivesse feito. Eu me senti meio que reconfortada e confusa por dentro. Então, o Bing Bong nos mostrou uma esfera de lembrança que ele havia encontrado. Nela, os companheiros de time de hóquei da Riley a carregavam no ar. A Alegria sorriu porque disse que amava aquela lembrança.

— Hum — eu disse. — Essa aí eu também adoro.

Isso deixou a Alegria feliz.

— Que legal! — ela celebrou. — É assim que se fala!

— É — suspirei. — Foi o dia em que os Feras do Gelo acabaram perdendo a final. A Riley perdeu o último lance. Ela ficou mal. Quis desistir...

A Alegria pareceu desapontada.

— Xi... Fiquei triste outra vez, né? — eu disse. Eu realmente tinha achado que a Alegria enfim gostava de mim e agora não gostava de novo.

— Tá tudo bem — disse a Alegria, sorrindo. — Depois continuamos com esse trabalho, tá?

— Tá bem — eu disse. Prometi a mim mesma que trabalharia e também me esforçaria muito nisso. Então, a Alegria ficaria mais feliz comigo. Eu a vi depositar a lembrança em sua sacola com as memórias base e pensei que talvez devesse assistir a ela

novamente mais tarde e tentar enxergá-la do jeito que ela enxergava.

De repente, ouvimos um barulho terrível e todo o trem estremeceu. Olhamos ao redor. A Ilha da Honestidade estava afundando! E estava arruinando os trilhos do trem! Eles tombaram e o trem despencou. Aconteceu rápido demais para eu ficar com medo; eu só estava triste por não ter tempo para praticar o pensamento positivo como prometi à Alegria.

Nós caímos nos penhascos das Memórias de Longo Prazo, bem na beira de um declive íngreme. O trem continuou a escorregar e se espatifou no lixão, mas a Alegria, o Bing Bong e eu conseguimos escapar. Olhamos para baixo e vimos o trem distanciando-se cada vez mais.

— Era o único caminho! — a Alegria lamentou. — Perdemos outra ilha... qual é o problema?

Uma Mentalúrgica respondeu.

— Ouvi dizer... que a Riley vai fugir.

Fugir? Essa era a notícia mais triste que eu já tinha ouvido. Tínhamos que fazer alguma coisa.

— Alegria — eu disse —, ainda dá para parar a Riley, se correremos.

— A Ilha da Família — disse a Alegria. — Vamos!

Ela estava certa. A Ilha da Família era a última que restava. Se chegássemos lá, poderíamos seguir até a sala de comando. Corremos pela ponte até a ilha, mas ela começou a tremer e desmoronar.

— Não! — gritei, tentando impedi-la antes que ela fosse muito longe. — Alegria! É muito perigoso! Não chegaremos a tempo!

— Mas esse é único caminho! — ela gritou.

Na verdade, não era. Naquele momento, uma das prateleiras das Memórias de Longo Prazo se partiu, expondo um recordatubo que enviava as lembranças de volta para a Sede.

— Seremos recordados! — eu disse.

Enquanto corríamos em direção ao tubo, a Ilha da Família roncou e um grande pedaço dela se partiu. A ponte e parte da borda do

penhasco desmoronaram e caíram no Lixão das Memórias. Tínhamos que agir rápido.

— Corre! — gritou a Alegria. — Vai! Vai! VAI!

A Alegria chegou primeiro ao recordatubo. Depois que ela entrou, entrei ao lado dela.

— Ôu, ôu! — ela retrucou. — Tristeza, para! Você pode magoá-la!

Não entendi o que ela quis dizer. Então, retirou da sacola uma das memórias base. Estava com um tom brilhante de azul porque eu havia me inclinado sobre ela.

Eu me senti horrível. Eu não tinha tentado mudar as memórias base. Elas nem mesmo me atraíram da maneira que fizeram na primeira vez que troquei uma. Não entendia o que estava acontecendo, mas sabia que estava decepcionando a Alegria... e ela disse que eu estava magoando a Riley também.

Eu nunca magoaria a Riley. Não de propósito.

Os penhascos abaixo de nós estavam começando a desmoronar. Se íamos ser recordados, tínhamos que nos mexer agora. Eu não tinha certeza de como iria me espremer ao lado da Alegria sem tocar nas memórias base, mas tinha que haver algum meio.

Então, percebi que o tubo já estava baixando e se fechando sobre a Alegria. Ela segurou sua sacola de memórias base com força e subiu sozinha pelo tubo. Tudo o que pude fazer foi vê-la partir.

— Alegria? — chamei desesperadamente.

Bing Bong também a chamou, mas ela já estava a caminho.

Ela nos abandonou. Mas, pelo menos, voltaria para a sala de comando e ajudaria a Riley. Isso era o mais importante.

O chão tremeu mais forte abaixo de nós. Outros trechos do penhasco estavam cedendo. Cambaleando, recuei para não cair. Não percebi que o tremor estava afetando o recordatubo da Alegria... mas o Bing Bong, sim. Quando um grande trecho do solo desabou e desmoronou no lixão, escondi o rosto em meus braços. Olhei para cima e estava na beira de um penhasco novo e muito íngreme. Meus ouvidos zumbiam, mas ainda ouvi algo que pareciam gritos.

Espiei por cima da beira do penhasco. Quando olhei para baixo, vi a Alegria e o Bing Bong, muito, muito longe e ainda despencando no

abismo.

— Alegria! — gritei, mas ela estava longe demais para me ouvir. Sentei-me e enterrei o rosto nas mãos. Mesmo sabendo que ela não podia me ouvir, falei. — Desculpa...

Não sei quanto tempo fiquei ali sentada. Tentei por um tempo gritar para a Alegria e o Bing Bong, mas não obtive nenhuma resposta. Eu sabia pelos manuais que o lixão estava muito abaixo da superfície das Memórias de Longo Prazo. Pior ainda, eu sabia o que acontecia com qualquer coisa que caísse no lixão. Desvanecia-se, era esquecida para sempre. Por minha culpa, isso é o que aconteceria com a Alegria e o Bing Bong... e as memórias base da Riley.

A Alegria estava certa. Eu estava magoando a Riley. Eu tinha *magoado* a Riley. Se eu não tivesse começado a tocar nas lembranças... se eu apenas tivesse dado ouvidos à Alegria e ficado no meu Círculo da Tristeza, nada disso teria acontecido.

Desejei que fosse eu quem estivesse prestes a desaparecer. Parte de mim queria me atirar no lixão, mas não consegui fazer isso. Ainda assim, eu conhecia um lugar onde *poderia* desaparecer. Um lugar tão grande, vasto e tortuoso que ninguém jamais me encontraria.

Caminhei lentamente para o labirinto de prateleiras das Memórias de Longo Prazo. Entrei lá... e continuei andando. Acho que arrastei a mão ao longo de uma prateleira. Posso ter tocado em lembranças. Devo tê-las tornado azuis. Não sei mesmo. Eu não sentia nada. Simplesmente caminhei. Se eu pudesse, teria caminhado para sempre.

Uma vez, ouvi falar que, quando as pessoas estão deprimidas, elas podem ouvir coisas em suas cabeças. Deve ter sido isso que aconteceu comigo, porque, a certa altura, escutei a voz da Alegria atrás de mim.

— Tristeza! — ela gritou.

Suspirei. Era apenas a minha imaginação. A Alegria se foi. Mas, quando ouvi a voz novamente, virei-me. Lá estava ela. A Alegria estava lá!

— Alegria? — perguntei.

Por um segundo, fiquei animada... mas, então, soube que, se a Alegria havia voltado do Lixão das Memórias, ela precisava retornar à sala de comando *sem mim*. Eu só estragaria tudo, assim como fiz desde o início. Corri o mais rápido que pude para longe dela.

— Ei, Tristeza! — a Alegria gritou.

Ela me perseguiu. Era bom que me quisesse por perto, mas eu sabia que não deveria voltar atrás.

— Vou embora! — gritei para ela. — A Riley vai ficar melhor sem mim!

Corri e não parei mais, dobrando esquinas sempre que podia para despistar a Alegria, mas eu ainda a ouvia vindo atrás de mim. Deixei as prateleiras das Memórias de Longo Prazo e me dirigi rapidamente para a Terra da Imaginação. Embrenhei-me no Bosque das Batatas Fritas e derrubei porções de batatas fritas em seu caminho para que ela não pudesse me seguir, mas a Alegria passou por elas. Na Cidade das Nuvens, agarrei um pedaço de nuvem e tentei flutuar para longe.

— Tristeza! — a Alegria me chamou.

Eu não podia deixar que ela me pegasse. Estava bem acima dela e me movendo rápido. Eu iria embora, e então a Alegria e a Riley e todos os outros ficariam seguros.

Voei para muito longe e estava me acostumando à ideia de flutuar sem rumo pelo resto da minha vida, quando algo me atingiu.

— Alegria? — perguntei, surpresa.

Foi ela quem passou zunindo. Não sei como se lançou ao ar, mas ela conseguiu e me agarrou, e agora estávamos voando pelo céu, e...

PAF!

Batemos na lateral da Sede e deslizamos pela janela. Quase caímos, mas nós duas conseguimos nos agarrar ao parapeito da janela. Seguramos firme.

Eu queria perguntar à Alegria como ela conseguiu me agarrar. Queria lhe dizer que ela não deveria ter feito isso, que todo mundo estava melhor comigo bem longe... mas pendurar-me ali tomava toda a minha energia.

A Alegria conseguiu se içar mais alto. Ela bateu na janela. Vi o Medo, o Raiva e a Nojinho aparecerem do outro lado. Eles gritavam alguma coisa, mas não consegui ouvir o que diziam. Então, vi chamas e um círculo foi cortado no vidro da janela. O Medo, a Nojinho e o Raiva surgiram pelo buraco e nos ajudaram a entrar.

Quase chorei. Era tão bom estar de volta à Sede, mas, ao mesmo tempo, eu sabia que era o último lugar onde deveria estar. Na tela grande, vi a Riley sentada em um ônibus. Ela estava sozinha e o ônibus estava em movimento. Ela estava fugindo, assim como tínhamos ouvido falar. Eu esperava que a Alegria pudesse cuidar daquilo.

Em vez disso, ela se virou para mim:

— Tristeza — disse ela —, é com você.

Eu tinha certeza de que ouvi errado, mas ela continuou olhando para mim.

— E-eu? — perguntei. — E-eu não posso.

— A Riley precisa muito — disse ela.

A Riley... precisava de mim?

Dava para ver pela expressão no rosto da Alegria que ela acreditava nisso.

A Riley havia perdido muito. Sua casa, seus amigos, seu time de hóquei... tudo o que era familiar para ela.

Ela *deveria* estar triste com tudo isso. *Precisava* estar.

Fui até o console e o operei.

Havia uma lâmpada de ideia que estava brilhando e fumegando, mas apagou quando coloquei as mãos nos controles. Eu a retirei e a deixei de lado.

O rosto da Riley começou a ficar triste. Ela refletiu por um momento, então deu um pulo.

— Não! — a Riley disse ao motorista. — Para!

O motorista parou. A Riley correu para a frente do ônibus.

— Quero descer! — disse ela.

Continuei comandando, enquanto ela fugia do ônibus, durante todo o caminho de volta para a casa. Sua nova casa. Quando ela entrou, a mamãe e o papai correram até ela.

— Riley! — a mamãe gritou.

— Riley, aí está você! — o papai disse. — Graças a Deus!

— Estávamos tão preocupados! — a mamãe disse. — Onde você estava? Ainda bem. Está tão tarde...

Eles pareciam tão transtornados. A Riley os tinha deixado muito preocupados... Eu sabia que eles realmente a amavam por ficarem tão preocupados com ela.

— Querida, o que aconteceu? — o papai perguntou à Riley. — Você está bem?

— Perguntamos aos vizinhos, ligamos para a escola, conversei com a sua professora... — a mamãe acrescentou.

Eu precisava de um meio para a Riley mostrar a seus pais como ela realmente se sentia, mas não tinha certeza do que fazer. Então, a Alegria me entregou todas as memórias base. Ela *queria* que eu as tocasse. Encarei-a — ela tinha certeza disso? A Alegria concordou.

Toquei todas elas até ficarem completamente azuis. Coloquei uma na unidade de recordação para que a Riley pudesse se lembrar. Era uma lembrança dela e de sua melhor amiga, a Meg, rindo juntas quando eram bem pequenininhas.

A Riley chorou ao se lembrar dela. Uma por uma, deposei as memórias base azuis na unidade de recordação para que a Riley pudesse pensar sobre elas. Cada uma delas a fez chorar ainda mais, mas não tinha problema. Era bom.

Finalmente, ela estava pronta para conversar com os pais.

— Sei que essa é a casa de vocês — ela soluçou —, mas não é a minha, não. A minha é em Minnesota. Não perguntaram pra mim, mas... só quero os meus amigos e o meu velho time. Quero ir embora... Mas não fiquem bravos.

— Não estamos bravos — disse o papai. — E, aliás... Também sinto o mesmo. Saudade do bosque onde andávamos...

— Dos piqueniques todo domingo... — acrescentou a mamãe.

— De patinar no Lago Spring... — disse o papai.

Suas lembranças fizeram a Riley chorar ainda mais, mas foi bom, como uma espécie de alívio. Logo, eles estavam todos se abraçando e chorando e compartilhando as lembranças que sempre amaram... mas das quais sempre sentiram falta, também.

A Alegria enfiou a mão na sacola e me entregou algo que eu não sabia que estava com ela: minha memória base azul. Aquela que a Riley produzira quando falou para toda a classe.

Peguei a mão da Alegria e a conduzi até o console. Agora estávamos operando as coisas juntas. Na tela, vimos a Riley sorrir em meio às lágrimas. Então, algo maravilhoso aconteceu. Uma nova memória base foi gerada! Era uma combinação de alegria e tristeza, amarela e azul ao mesmo tempo. Ela rolou para o interior do suporte das memórias base e criou uma Ilha da Família totalmente renovada.

Então, naquele dia, a Alegria e eu nos tornamos uma equipe.

Muita coisa mudou depois disso. Já se passaram vários meses e a Riley agora está feliz em São Francisco. De vez em quando ela fica triste, também, e, de vez em quando, com raiva, medo ou nojo. Mas, na maioria das vezes, ela está uma mistura de todos nós. É por isso que temos um console aprimorado — um bem grande para que todos nós possamos operá-lo ao mesmo tempo. A vista das janelas da sala de comando também é bem legal. A Riley tem novas Ilhas da personalidade, incluindo a Ilha dos Romances Trágicos de Vampiros, da qual eu simplesmente não me canso!

As coisas vão bem. E, quando não vão bem, isso também é bom.

E não me sinto mais excluída. Estamos juntos nisso e todos cuidando da Riley. Ela tem doze anos agora e a Alegria acha que tudo ficará bem daqui pra frente.

Quem sou eu para contradizê-la?